CAHILL vs. VESPER



UM RESGATE IMPOSSÍVEL

JUDE WATSON



LIVRO 2

ea
editora ática

As exigências do resgate foram cumpridas, mas os reféns não foram liberados. O que mais Amy e Dan precisarão fazer para verem livres seus familiares? Conforme orientações de Vesper Um, os irmãos Cahill seguem para a Suíça com a missão de encontrar o mapa-múndi medieval De Virga, desaparecido desde 1932. E cada vez fica mais claro que esses desafios pouco se assemelham com a caça às pistas – não só a Interpol está na cola deles como também, para piorar, alguns membros do grupo inimigo decidiram agir por conta própria. Enquanto tentam remendar pedaços de informações, Amy e Dan descobrem que a história toda é muito mais complexa do que imaginavam. E que nem tudo o que foi enterrado está esquecido.

Siga o pardal até o castelo do Rei Louco

Capítulo 1

Florença, Itália

Dan Cahill nunca tinha parado para pensar em quantos policiais havia no mundo até virar um ladrão internacional de obras de artes.

Era cedo, mas a estação de trem de Santa Maria Novella já estava cheia de passageiros: executivos carregando pastas de trabalho, estudantes engolindo café *expresso* e dois adolescentes, um deles carregando na mochila um livro roubado do século XIII de valor inestimável.

Ele mesmo.

Dan prendeu os polegares nas alças da mochila, segurando-a mais perto do corpo. Quase sentia o manuscrito original de Marco Polo, *Il milionare*, que ficara perdido durante séculos até ele e sua irmã o encontrarem no Coliseu de Roma, realmente emitindo calor. Seria esse o motivo de ele estar transpirando tanto?

Ou seria porque parecia haver um policial a cada dois metros?

— Há *polizia* por toda parte — cochichou sua irmã, Amy.

— Estão verificando os passaportes nas plataformas de embarque — observou Dan.

Ele viu um policial uniformizado barrando dois estudantes jovens prestes a embarcar num trem. Eram mais velhos que ele e Amy, mas a garota tinha cabelos castanhos até os ombros como Amy e o garoto era magro e forte como Dan.

Pelo menos ele e a irmã tinham passaportes falsos e estavam disfarçados. Dan não se acostumava a ver Amy de peruca loira, e os óculos de aro grosso que ele usava praticamente gritavam *NERD*, ou seja lá que nome isso tinha em italiano. *Il nerdo?*

— Precisamos de alguma coisa para desviar a atenção — murmurou Amy. — Se olharem nossos passaportes com cuidado, poderemos ter problemas. Precisamos embarcar nesse trem para a Suíça de qualquer jeito!

— Porque, quando um louco psicopata te dá ordens, é importante obedecer — falou Dan.

A mensagem tinha chegado poucas horas antes.

Talvez tenham notado que seus entes queridos ainda contam com nossa hospitalidade. Isso se deve à traição anterior de vocês. Eles continuarão como nossos hóspedes até vocês completarem mais algumas tarefas. A primeira será em Lucerna, na Suíça. Dirijam-se para lá imediatamente, se não quiserem que nosso grupinho fique menor.
Vesper Um

Vesper Um, o inimigo deles, era um entusiasta de ironias cruéis. Cada palavra era uma punhalada no coração de Amy e Dan, lembrando-os de que ele mantinha membros da família Cahill reféns e estava disposto a matá-los.

Dan olhou atentamente para o painel de informação dos trens, como se ali estivessem guardadas todas as respostas. Por que ele estava aqui, assustado e desesperado, em vez de estar em casa, em Massachusetts, tentando escapar da obrigação de fazer sua lição de matemática como qualquer garoto normal de 13 anos?

Para onde quer que olhassem, manchetes estampavam a notícia: IL CRIMINE DEL SECOLO! O crime do século. Dan e Amy tinham roubado um Caravaggio da Galeria Uffizi e agora estavam na lista dos mais procurados da Interpol. Isso até que seria legal, não fosse o medo de passar dez mil anos na prisão.

Havia vidas em jogo. A vida de pessoas de quem os dois irmãos tinham começado a ser aproximar mais intimamente, como Reagan Holt, Ted Starling e Natalie Kabra. E o menino de 12 anos Phoenix Wizard. E de pessoas que eles amavam: tio Alistar Oh e os tutores de Dan e Amy, Fiske Cahill e Nellie Gomez. Isso era o mais difícil de suportar. Fiske tinha desaparecido na Califórnia e Nellie havia sido sequestrada em Paris.

Os destinos no painel da estação ferroviária perderam a nitidez, e Dan, exausto, oscilou em pé. Ele ouviu o barulho de uma máquina de café *expresso.* Acima de sua cabeça, um alto-falante anunciou uma mudança de direção, em italiano e inglês. Tudo pareceu se desvanecer um pouco.

— Estou tão cansado que seria capaz de me deitar aqui mesmo no chão — ele disse a Amy. — Quando foi a última vez que dormimos?

— Anteontem? — ela perguntou, franzindo o cenho. — Sei o que quer disser. É um *jet lag* e tanto. Vamos pedir um café enquanto planejamos alguma coisa.

— Ah, sim, *jet lag*. A fadiga por causa de viagens aéreas. Deve ser por causa disso mesmo — concordou Dan, enquanto seguia Amy até o balcão da cafeteria. — E não porque assaltamos um museu, estamos sem dormir e comer e... é mesmo, escapamos por pouco de morrer. *Jet lag*, claro. É por isso que estamos assim tão cansados.

— Bem, se você faz questão de ser assim tão *exato*... — disse Amy, mas conseguiu sorrir para seu irmão.

Ela empurrou duas cédulas amassadas para o homem atrás do balcão e indicou com os dedos que queria dois cafés.

— O que será que ele quer que a gente roube agora? — refletiu Dan. — Acho que já esgotei minhas habilidades de ladrão de museu.

— Se pudéssemos ficar um passo à frente dele... — murmurou Amy.

Recebeu o troco do homem do balcão e entregou um dos cafés a Dan.

Ele deu um gole e seu rosto ficou vermelho. Tossiu explosivamente diversas vezes, batendo o pé no chão. Os transeuntes pararam para olhar, e Amy viu um policial varrer a multidão com os olhos, procurando a causa daquela agitação.

Ela agarrou o copo de café agora vazio do irmão e o recolocou sobre o balcão, empurrando Dan para a frente e o conduzindo rapidamente pela multidão.

— Eu falei em *desviar a atenção* — ela cochichou, irritada — e não em *dar um escândalo*.

— Foi sem querer — respondeu Dan com a voz rouca. — Cara, o que foi essa lama que eu acabei de tomar?

— Café italiano, só isso — respondeu Amy. — Veja, o trem para Lucerna vai partir em 15 minutos. Precisamos arriscar.

Dan percorreu a multidão com os olhos.

— Sabe do que precisamos? De uma tuba!

— De uma *o quê?*

Dan apontou com o queixo. À direita deles, uma tuba avançava pela multidão como se estivesse flutuando. Dan começou a segui-la e Amy foi atrás. De repente, a tuba desapareceu. Amy e Dan se desviaram de uma família que corria para embarcar no trem e viram uma jovem esguia sentada em cima de uma mala, com ar desanimado, segurando uma tuba e chorando. Um adesivo grande colocado em um pequeno baú dizia: TURNÊ EUROPEIA DAS WILMINGTON WOWZABELLES.

— Desviar a atenção! — exclamou Dan, alegre.

Eles avançaram, sem saber o que fariam ou diriam, mas certos de que tinham a oportunidade perfeita para... para alguma coisa.

— Você precisa de uma mão com isso? — Dan perguntou à garota. — Por acaso, tenho experiências como domador de tubas.

Surpresa, a jovem ergueu a cabeça. Por trás dos delicados óculos de aro metálico, seus olhos eram de um castanho suave. Ela sorriu.

— Obrigada, mas acho que está tudo sob controle.

Dan detectou um leve sotaque sulista. De repente, os olhos dela se encheram de lágrimas.

— Na verdade, não está, não! Perdi o trem. E a tuba e todos os figurinos estão comigo! É tudo culpa da Heather. Ela fez questão de tomar seu último *gelato* italiano antes de embarcar no trem e me *mandou* ficar de olho na tuba por *dois segundos*, dizendo que voltaria em seguida. Se eu não chegar a Zurique a tempo, a coisa vai ficar feia para o meu lado.

— Sabe que nós também estamos indo à Suíça? — comentou Dan.

— É mesmo? — A garota enxugou as lágrimas. — Vou perder o concerto. Minha mala está com a senhora Mutchnik e o carregador do meu celular está na mala; nem posso ligar para eles. E não sei falar italiano! — exclamou, arregalando os olhos, como se essa fosse a gota d'água das coisas ruins que tinham acontecido.

— Eu empresto meu celular para você — ofereceu Amy. — Você poderia tomar o trem para Lucerna conosco e de lá ir para Zurique. Podemos viajar juntos.

— Posso mesmo? Seria o máximo! Para falar a verdade, a Europa me assusta um pouco — confidenciou a garota, inclinando-se na direção deles. — Não sou de

viajar muito. — Ela se levantou, desajeitada. Estendeu a mão para os irmãos. — Vanessa Mallory, de Wilmington, Carolina do Sul.

— Mark Farley — disse Dan, lembrando-se a tempo do nome que constava em seu passaporte falso. — Esta é minha irmã... — Deu um branco na cabeça de Dan.

—... Caroline — completou Amy. — Mas pode me chamar de Carrie. Somos do Maine — ela improvisou.

— Que legal ter topado com vocês — disse Vanessa, erguendo uma das malas.

Os três voltaram rapidamente à plataforma de embarque e entraram na fila atrás de uma senhora de aparência sofisticada, com um baú grande e várias malas. Ela vestia casaco de pele e chapéu, embora não fizesse muito frio. Falou com voz áspera, em um italiano rápido, com o policial postado diante da porta do trem. Ele deu de ombros

A fila finalmente avançou. Amy puxou a mala grande das Wowzabelles e Dan segurou a tuba.

— Vocês estão indo para um concerto? — perguntou o policial, sorrindo.

Vanessa assentiu com a cabeça.

— Estamos fazendo uma turnê europeia — acrescentou, orgulhosa.

— E o que são as Wowzabelles? — indagou o policial.

— Cantoras incríveis — disse Amy, entregando seu passaporte.

Dan aguardou enquanto o policial examinava o fato, comparando-a com Amy. Em seguida ele estendeu a mão para receber o passaporte entregando o passaporte de Dan.

Longos segundos pareceram se passar até o policial devolver o documento. Ele colocou uma etiqueta na mala grande.

— Esta irá no compartimento de objetos de grandes porte. Vocês vão pegá-la em Zurique. Bem-vindos à bordo.

Somente Dan ouviu o longo suspiro de alívio que Amy soltou quando eles subiram no trem, encontraram seus assentos e acomodaram a tuba na prateleira ao alto.

Dan olhou pela janela. Um homem com uma capa de chuva conversava com o policial simpático. Seu nariz era como bico de uma ave de rapina e os cabelos escuros davam a impressão de terem sido secados com a hélice de um avião.

Dan olhou ao redor, examinou detidamente a estação, mas em seguida seu olhar se voltou para o homem. Não sabia exatamente o motivo. Talvez porque ele não estivesse mostrando um bilhete ou um passaporte ao policial, mas apenas conversando sem tirar os olhos da estação o tempo todo.

Um detetive, pensou Dan no mesmo instante em que o policial apontou para o trem de Lucerna.

Capítulo 2

Enquanto caminhava ao lado do trem, o homem vasculhava atentamente as janelas. Dan recuou e se encolheu.

Ele cutucou Amy e fez um gesto com a cabeça em direção ao lado de fora.

— Posso usar seu telefone, Carrie? — Vanessa pediu a Amy. — Preciso mesmo ligar para a senhora Mutchnik.

Vanessa inclinou-se para frente em direção ao telefone e Amy se esticou para trás, contra o encosto da poltrona. Agora, tendo Vanessa como escudo, ela pôde observar o homem que avançava com os olhos fixos nas janelas.

O trem arrancou. Os irmãos viram o rosto do homem por um instante, de relance. Ele então começou a correr, tentando alcançar o trem e pular a bordo. Será que os tinha visto? O trem ganhou velocidade e o homem ficou para trás, sobre os trilhos. Dan e Amy trocaram um olhar de alívio. Podia ser simplesmente alguém que perdera o trem. Mas, por alguma razão, Dan não acreditava nisso.

— Estou *ótima* — Vanessa estava dizendo. — Os Farley são incríveis. Eles são do Maine, o estado americano mais bacana que existe. Estou com a tuba da Heather. Estou com os figurinos, e tenho até um sanduíche. Não, não precisa me encontrar na estação nem nada. Não! Não ligue para os meus pais! Estou maravilhosamente *bem*.

Enquanto Florença ia ficando para trás, Dan sentiu-se relaxar. Durante a busca pelas 39 pistas, ele e Amy tinham aprendido a descansar nos momentos em que era possível. Dan bocejou. O balançar leve do trem o fez se lembrar da rede pendurada no quintal da casa de sua avó Grace nas tardes quentes de setembro, na época distante em que ele não era perseguido por ninguém, em que ninguém tinha desaparecido e em que não havia ninguém para salvar. Dan sentiu como se pudesse finalmente adormecer.

* * *

A mão apareceu do nada. Dan quase reagiu com um chute poderoso, mas ficou aliviado por não ter feito isso. Será que quebrar o joelho de um cobrador o faria ser expulso de um trem na Itália?

O sujeito disse alguma coisa em italiano. Então o inglês penetrou no cérebro de Dan, ainda anuviado.

— Bilhete e passaporte. Estamos atravessando a fronteira.

— Ah, me desculpe — Dan entregou o bilhete ao cobrador.

— *Grazie*.

— *De rien* — disse Dan.

— Isso é francês — sussurrou Amy.

— *Tanto faz*. Estou muito cansado para pensar.

— Vocês dois nem acordaram quando passamos por Milão — disse Vanessa.

— *Jet lag* — explicou Amy.

O celular dela zuniu. Dan já reconhecia o som. Era o telefone especial que Vesper Um tinha lhes mandado, o aparelho para o qual ele enviava suas mensagens de texto. O smartphone seguro DeOssie usado por espiões e militares. Vesper Um tinha mudado a configuração, bloqueando respostas às suas mensagens.

Vesper Um sempre podia se comunicar com eles. Eles nunca podiam se comunicar com Vesper Um. O sujeito não seguia as regras mais básicas do senso comum.

Vanessa se levantou.

— Vou ver se acho algo para comer. Querem alguma coisa?

— Qualquer salgadinho — respondeu Dan, estendendo alguns euros para ela. — Mas, se você conseguir encontrar umas batatinhas chips americanas, seremos amigos para sempre.

Ela sorriu para ele.

— Vou pôr toda a minha mágica para funcionar.

Assim que Vanessa saiu pelo corredor, Amy procurou depressa o telefone em seu bolso.

Lucerna é um lugar fantástico para fazer compras. Enquanto estiverem lá, vocês poderiam encontrar um mapa-múndi De Virga para mim? Não precisam se dar ao trabalho de embrulhar para presente. Mas preciso disso logo. Daqui a quatro dias, cedinho. Senão...

— Eu gostaria que esse sujeito parasse de fazer piadinhas — disse Dan entredentes. — E de dar ultimatos. Você sabe o que significa um mapa-múndi *De Virga*? Parece o mapa de um planeta alienígena.

— Também não sei — confessou Amy.

Ela digitou uma rápida mensagem de texto para a equipe de pesquisa no centro de comunicações e comando na casa deles em Attleboro, Massachusetts. Num grande sótão, eles tinham computadores, um arsenal de eletrônicos portáteis e acomodações para dormir. Tinham até satélite próprio, o *Gideon*. Amy havia gastado uma fortuna para erguer um bunker de comunicações, para o caso de acontecer algo como o que estavam vivendo. Ela não era paranoica nem vidente, apenas muito esperta.

Recebemos o próximo alvo: mapa-múndi De Virga.

Em menos de um minuto chegou a resposta de Evan, namorado de Amy.

Entendido. Está tudo bem?

Tudo bem por enquanto, Amy teclou de volta.

Ela digitou as palavras *mapa De Virga* no site de busca do smartphone.

Em seguida, leu em voz alta para Dan:

— “O mapa De Virga é um mapa-múndi medieval criado em Veneza entre 1411 e 1415. Foi descoberto na Croácia em 1911.” — Amy franziu o cenho — Ele iria a leilão em Lucerna em 1932, mas desapareceu pouco antes. E nunca mais foi visto. Bem, isso explica por que Vesper Um nos mandou a Lucerna. Podemos ir direto a essa casa de leilões e ver se conseguimos acesso aos registros dela.

Dan se mostrou perplexo.

— Mas como podemos encontrar um mapa que sumiu há quase oitenta anos? É impossível!

— Você ainda não entendeu? — Amy suspirou. — Eles esperam que a gente faça o impossível.

Dan olhou para a irmã, desolado.

— E rápido.

O trem reduziu a velocidade e então parou. Dan pressionou o rosto contra o vidro.

— O que está acontecendo?

— Nada de mais — Amy o tranquilizou. — Quando o trem cruza uma fronteira, eles às vezes trocam os funcionários.

Dan ficou olhando um grupo de cobradores deixar um pequeno prédio e se dirigir ao trem. Ele relaxou novamente no assento.

Mas em seguida se empertigou de novo, inclinando-se para frente. Atrás dos homens e das mulheres, vinha um homem com uma capa de chuva gasta. Um homem de cabelos desarrumados e olhos argutos.

— É ele — Dan disse a Amy. — Ele nos alcançou. Vai subir no trem.

— Aposto que é da Interpol — disse Amy, mordendo o lábio. — Conseguimos chegar até aqui, mas não sei se vamos escapar da polícia internacional.

— Onde está Vanessa? — indagou Dan. — Ela é o nosso disfarce. Nunca pensei que um dia eu fosse dizer isto, mas comida não é tão importante assim!

Naquele momento, a porta da ponta do vagão se abriu. O homem com a capa de chuva entrou. Ele vinha logo atrás de um funcionário do trem, que, educadamente, pediu os passaportes de um casal. Dan se contorceu e viu Vanessa se aproximando pelo corredor com vários saquinhos de salgadinhos nas mãos. Ela se espremeu para passar pelo homem e pelo funcionário do trem.

Vanessa acenou alegremente para os irmãos Cahill com os saquinhos.

— Uau — disse Dan. — Ela voltou. Você está preparada para virar uma Wowzabelle? Eu pego a tuba e você pode fazer de conta que está dormindo. Quem sabe a gente engana o homem. Como está o seu sotaque da Carolina do Sul?

Amy agarrou Dan pelo pulso.

— É isso! — exclamou. — Alguma coisa nessa garota estava me incomodando. Você se lembra de como ela se apresentou para nós?

— Claro. “Oi, sou Vanessa Mallory.”

— “Vanessa Mallory, de Wilmington, Carolina do Sul.” Wilmington fica na Carolina do *Norte*.

Dan se voltou lentamente e espiou Vanessa no corredor. A passagem dela estava sendo bloqueada por um casal com um bebê. Impaciente para

seguir adiante, ela tentou ajudá-los com o carrinho. Dan notou o olhar irritado e tenso em seu rosto quando ela disse algo aos pais com uma voz desagradável. De repente aquele rosto bonito lhe pareceu duro.

As suspeitas começaram a se suceder na cabeça dele como se fossem cartas sendo embaralhadas. Por que Vanessa tinha sido tão amistosa? Por que havia concordado tão rapidamente em viajar com eles? A impressão era de que eles a abordaram e se ofereceram para viajar com ela, mas teria sido ela a armar a situação?

Eles tinham sido enganados. Por uma *tuba!*

Amy agarrou sua mochila.

— Vamos! Temos que descer deste trem.

Capítulo 3

Local desconhecido

— Está doendo — disse Nellie.

— Eu sei — falou Reagan. — É como dizem: *no pain, no gain.* Sem dor não há conquista.

— Você acha que criaram essa expressão para *ferimentos a bala?*

Se Nellie esperava que Reagan Holt, triatleta de nível olímpico, pegasse mais leve com ela, ela estava se iludindo. Nellie e Reagan eram reféns em um bunker de concreto de paredes nuas, mas poderiam estar em uma maravilhosa academia de ginástica, a julgar pela atenção que Reagan dava à conversa. Ela se recusou a admitir que o ferimento a bala de Nellie fosse grande coisa ("Me poupe, foi apenas um arranhão"), negou-se a reconhecer que sem equipamento apropriado eles não poderiam treinar ("Temos uma parede e um chão, não temos?") e rejeitou a ideia de que Nellie poderia estar fraca demais para tentar ("Não existe *tentar*, apenas *fazer*. Yoda disse isso e ele era incrível").

— Dor é dor — disse Reagan. — Conquista é conquista. Se você não movimentar esse ombro, ele vai perder a mobilidade e você não poderá ajudar ninguém

Nellie queria girar o ombro contra o queixo de Reagan, desferindo um golpe doloroso e satisfatório, mas sabia que sua "torturadora" tinha razão. Movimentou o ombro com um gemido de dor.

Fiske Cahill estremeceu e olhou para Nellie, solidário. Trajando macacão, ele parecia magro e pálido. Nellie estava acostumada a vê-lo de jeans e suéteres pretos, um boêmio elegante. Natalie Kabra olhou fixamente e com expressão vazia para mesmo ponto na parede que vinha encarando há 20 minutos. Nellie esperava que os dons naturais de Natalie de conspiradora

e lutadora se manifestassem, mas isso ainda não tinha acontecido. Alistair Oh estava reclinado no sofá, de olhos fechados. Sob alguns aspectos o isolamento e as privações eram mais difíceis para ele.

Não... Quem mais sofria era Phoenix Wizard. Ele estava sentado no chão, de pernas cruzadas, a poucos metros dela. Phoenix sempre ficava perto de Nellie. Ele tinha apenas 12 anos e sentia falta da mãe. Não dizia isso em voz alta, mas Nellie podia enxergar em seus doces olhos castanhos toda a tristeza e o medo que o menino estava sentindo. Piscou para ele e fez uma careta pelas costas de Reagan. Phoenix sorriu.

— Você está se saindo muito bem, Gomez! — disse Ted Sterling, cumprimentado Nellie.

Ele não podia vê-la, mas Nellie sabia que ele escutava os grunhidos e resmungos dela. Desde que perdeu a visão, Ted desenvolvera uma capacidade auditiva fenomenal. Sempre ficava sentado em uma cadeira perto da porta, tentando capturar sons de fora. Foi Ted que avaliara que eles provavelmente estavam em uma área subterrânea.

— Isso mesmo. Vá com calma agora — disse Reagan. — Amanhã começaremos com os movimentos difíceis.

— Estes... não... são... os movimentos difíceis? — Nellie cuspiu a pergunta entre dentes.

Reagan sorriu, maliciosa.

— Você deve estar me odiando, não?

— Imensamente.

— Ótimo. Quero dez flexões.

Nellie soltou um suspiro. Seu ombro estava rígido e dolorido. Seu estômago estava vazio. A pessoa que preparava a comida dos reféns tinha apenas um domínio rudimentar de cozinha. Descascar batatas, ferver e servir. Quando foi sequestrada, Nellie fazia um curso de culinária em Paris. Estava

prestes a regalar-se com croissant amanteigado fresquinho e um *café au lait* na cafeteria do bairro.

Não. Pense. Em. Comida.

Ela fez força contra a parede. Endireitou os braços então avançou de novo, em uma flexão modificada.

— Muito bem — disse Reagan.

— Ai! — gemeu Nellie.

— Só mais nove e você termina.

Reagan tinha deitado no chão e fazia abdominais.

— Cinco... Nove... Dez! — contou Nellie, arfando.

Deitou-se no chão, exausta, descansando a cabeça no piso.

— Acho — disse Reagan, subindo e descendo feito uma máquina humana. — que a gente deveria seguir o plano e nos mantermos em forma. — Ela se pôs de pé em um salto e bateu palmas. — Ok, pessoal, prestem atenção todo mundo. Está na hora de montarmos um programa organizado de exercícios.

Alistair abriu os olhos.

— Minha querida, eu não me exercito há anos.

— Então está mais que na hora de começar, velho.

— Acho uma boa ideia — opinou Ted. — Precisamos manter nossos músculos ativos. E mente também. Estão tentando mexer com a nossa cabeça. Aquela coisa clássica: tirar nossa identidade, não nos deixar saber que horas são.

— Nos alimentar com carboidratos — Natalie acrescentou.

Nellie girou o ombro mais uma vez. Sentiu o suor brotando entre os cabelos. Odiava admitir, mas Reagan tinha razão. Eles precisavam estar preparados. Haviam coisas que podiam fazer.

— Vou montar um plano de treinamento personalizado para vocês — disse Reagan. — Vai ser *incrível!*

Alistair fechou os olhos.

— Eu tinha razão — suspirou. — Isso aqui *é mesmo* um Inferno.

Capítulo 4

Amy e Dan avançavam rapidamente, adaptando seu andar ao balanço suave do trem. Foram passando pelas portas e alcançado os vagões seguintes, um após o outro. Amy olhou para trás, ansiosa. O cobrador se movia depressa. Atrás dele o inspetor. Ele os teria visto também? Estaria seguindo os dois?

— Precisamos nos esconder em algum lugar! — ela cochichou no ouvido de Dan com um tom urgente. — Ele está cada vez mais perto!

Dan apontou para uma onde se lia *BAGAGLIO.*

— Lembra que aquele sujeito falou de lugar para bagagens de grande porte?

— Mas deve estar trancado.

Dan já havia revirado a mochila; dela tirou um objeto metálico longo e fino e inseriu entre a porta e o batente. Encostou-se ali e começou a cutucar a fechadura.

— O que você está fazendo? — Amy sussurrou, agitada. — Seja lá o que for, faça rápido!

Ela olhou para trás. O inspetor estava a um vagão de distância.

A porta se abriu com um estalo e eles se esgueiraram para dentro. O espaço era pequeno e estava atulhado de objetos: malas enormes e pesadas, caixas diversas e o uma gaiola de transporte de animais de estimação contendo um gato alaranjado, que chiou furiosamente ao vê-los.

Amy encostou-se na porta, esperando seu coração voltar ao normal.

— Desde quando você sabe abrir fechaduras desse jeito?

— Lembra quando você contratou aquele especialista em segurança para dar um seminário no verão? — disse Dan.

Nos dois últimos verões. Amy tinha reunido os Madrigal, o clã menos conhecido da família Cahill, na mansão em Attleboro. Depois da caça às 39

pistas, os primos que no final tinham ficado do lado de Amy e Dan, aqueles que tinham permanecidos juntos para impedir que as pistas caíssem em mãos erradas, todos eles se tornaram Madrigal.

Amy se incumbira de treiná-los e tinha convidado especialistas de diversos campos – montanhistas, engenheiros de software, pilotos de corrida, criptógrafos – para pequenos seminários. Tinha apresentado tudo como curiosidade, mas seus objetivos eram mais sérios. Nos dois últimos anos, Amy vinha se preparando. Ela e Dan já haviam enfrentado os Vesper antes, e no íntimo sabia que os adversários iam voltar. Temia por isso.

Poucos meses depois dos irmãos Cahill votarem da caça às pistas, Fiske e Nellie lhes contaram sobre um anel que os Madrigal vinham protegendo ao longo do século. Eles tinham ido à Suíça com Fiske para buscar a joia no banco. Eles foram perseguidos pelos Vesper e um deles, Casper Wyoming, quase os matara. Nunca mais Amy queria olhar dentro dos olhos frios daquele homem.

Ela tocou o relógio em seu pulso. O mostrador preto guardava agora aquele anel. Escondido para quem quisesse ver. Pelo menos isso ela podia manter em segurança.

— Lembro — ela respondeu. — Lawrence Malley, ele era especialista em sistemas de segurança.

— Também conhecido como Larry Mão-leve — comentou Dan com um sorriso travesso. — Ele era procurado em cinco estados americanos.

— Que ótimo — gemeu Amy. — Contratei um criminoso para dar aula.

— Foi graças a isso que entramos aqui, não é mesmo?

— Bom, neste caso, sou grata a ele — disse Amy meio em dúvida.

— Não seja — retrucou Dan — porque a primeira fechadura que abri desse jeito foi o seu diário. Mas não se preocupe. Depois de duas páginas eu já cai no sono.

De repente eles ouviram vozes do lado de fora. Amy e Dan gelaram. Uma voz disse algo em italiano acelerado. A maçaneta deu uma sacudida. Amy olhou envolta, assustada, mas não havia tempo para se esconder.

Ouviram um *tum* na porta, como se alguém tivesse socado de frustração. Em seguida passos se afastaram rapidamente.

— É melhor sairmos daqui! — Sussurrou Amy.

— Claro! Mas vamos deixar eles fazerem o trabalho pesado — Dan apontou para um grande baú de couro da senhora italiana elegante que tinham visto na estação. — Você está pensando a mesma coisa que eu?

— Espero que não — retrucou Amy. — Porque seria um enorme problema para mim.

Dan já estava mexendo na fechadura com sua engenhoca metálica. Ela se abriu e ele levantou a tampa. Começou a tirar e a jogar para o lado pilhas de roupas de esqui, sapatos, vestidos e suéteres.

— O que você está fazendo? — perguntou Amy. — Este lugar está parecendo um shopping center em véspera de Natal.

Dan remexeu sua mochila e tirou de lá uma engenhoca com várias ferramentas. Havia um conjunto de martelo e alicate com facas e outros cortadores escondidos no cabo.

— Comprei esta belezura enquanto você estava procurando o carregador para o telefone DeOssie — ele contou, enquanto usava as ferramentas para fazer alguns furos discretos no baú. — Belo baú, mas ficaria melhor com alguns furinhos para o ar circular.

— Nós dois vamos caber aí dentro? — perguntou Amy. — Acho que não.

— Não, você vai naquilo ali — disse Dan, indicando um saco comprido de náilon. Amy abriu o zíper e encontrou uma prancha de *snowboard.*

— Aqui dentro?

— Só até eles colocarem tudo em um carrinho. Aí a gente sai. É a única maneira. Olhe aqui — Ele mostrou o destino impresso na etiqueta da bagagem. — Engelberg. Estas duas malas vão ser descarregados na próxima parada.

Amy engoliu seco. De repente, o saco comprido e preto lhe pareceu um caixão.

Nesse instante, os dois sentiram a suave desaceleração do trem. Não havia tempo para pensar em outra alternativa. Rapidamente enfiaram as roupas atrás pilha de malas. Dan entrou no baú.

Amy acomodou sua mochila e a de Dan no fundo do saco e em seguida se meteu dentro do saco rapidamente.

Sentiu a prancha de *snowboard* cutucando suas costas.

— Mas e se...

Dan sacudiu a cabeça.

— Não temos mais tempo para *e se*. É isso não é de hoje.

Amy olhou nos olhos verdes e intensos do irmão. Ele estava certo. Há muito tempo eles tinham esgotados todos os seus *e se*, começando pelo pior de todos:

E se Grace morrer?

E se não conseguirmos encontrar as pistas?

E se formos pegos?

E se formos mortos?

Ou as coisas aconteciam, ou não aconteciam. Tudo o que podiam fazer era lidar com elas.

Dan fechou a porta do baú e Amy esgueirou uma mão para fora, travando o fechou; em seguida, puxou o zíper do saco, fechou os olhos e respirou. A sensação era de pouco ar, e ela pôs a boca o mais perto o possível do buraco. Sentiu o trem parar suavemente. Passos aproximaram-se pelo corredor. Amy ouviu a porta abrir.

Escutou alguém entrar no vagão e percorrê-lo. Até os passos soavam cuidadosos, como se a pessoa quisesse deixar que nada lhe escapasse.

— *Niente* — mais alguém disse com um tom impaciente.

Niente... nada. Amy ficou aliviada ao ouvir o cobrador do trem discutir alguma coisa relacionada com atraso. Só conseguiu entender uma ou outra coisa em italiano.

Sentiu que estava sendo erguida e jogada no carrinho de bagagem. O impacto repercutiu em cada osso do seu corpo. De repente, Amy se deu conta de que outras malas podiam se jogadas sobre ela. Talvez o próprio baú! Em pânico, procurou o zíper assim que o carrinho começou a se mover.

Seu coração batia acelerado. Agora ela estava deslizando, e um baque revelou que já havia saído do trem. Amy sentiu o ronco das rodas. O carrinho parou.

Ela abriu o zíper bem devagar e tentou olhar para fora. Tudo que viu foi o intenso céu azul. Sentiu o ar frio da montanha e abriu um pouco mais o zíper.

O funcionário já estava subindo no trem outra vez. Um carregador da estação Elgeberg veio apressado ao encontro da senhora elegante, cercada por suas malas. Um jovem trajando um casaco colorido de náilon desceu do trem; devia ser praticante de *snowboard* supôs Amy.

O inspetor estava em pé no degrau do trem, calmamente percorrendo a estação com os olhos. À espera de que eles desembarcarem, imaginou Amy. A qualquer momento o carregador viria pegar as bagagens.

Amy ousou abrir um pouco mais o zíper. Podia sentir a imobilidade e olhar atento do homem ali em pé, olhando... aguardando.

Todos os passageiros atrasados se apressaram em embarcar. A senhora elegante tirou o celular da bolsa e apontou para o carrinho de bagagem, indicando ao carregador que o baú grande era dela.

O trem apitou. *Vai, vai. Vaaai*...

O trem começou a deixar a estação lentamente. Lentamente demais para Amy.

Ela ergueu a cabeça um pouquinho para espiar o lado de fora do saco. O inspetor ainda vasculhava a plataforma. Por fim, deu meia-volta e entrou no trem. Com os dedos trêmulos, Amy abriu todo o zíper e saiu com cuidado, pegou as mochilas e rapidamente voltou a fechar o saco. Uma pilha de malas a ocultava do carregador. Amy esgueirou-se para onde estava o baú de couro e soltou os trincos.

O baú não abriu.

A trava do meio tinha sido fechada. O carregador do trem devia ter feito isso.

— Dan! — Amy cochichou, apavorada. — Está me ouvindo?

— Abra!

Ela ouviu um baque quando o irmão chutou a tampa do baú.

— Não consigo! Está trancado!

— Trombe! — disse Dan.

— Trombe?

— Trombe não... Arrombe!

Amy olhou depressa para o outro lado. A senhora de chapéu fez um gesto apressando o carregador. O rapaz que a acompanhava estava em frente a um vendedor ambulante. Pegando um salgado de calabresa. Ela tinha apenas alguns segundos antes do carregador vir buscar o baú.

Amy fuçou na mochila de Dan. A ferramenta metálica fina estava em cima das camisetas enroladas dele. Ela enfiou na fechadura e mexeu. Nada aconteceu.

— Não está funcionando!

— Cutuca aí!

— Estou cutucando!

Desesperada, Amy pegou o multiferramentas de Dan e enfiou o palito metálico entre a fechadura e o baú. Segurou-o firme e em seguida bateu o martelo com toda a força.

A fechadura se quebrou. Malas rolaram pela plataforma. A fechadura caiu no concreto fazendo barulho.

Dan espiou do lado de fora cauteloso.

— Esse é um jeito de fazer isso.

— Vamos! — Amy o puxou pelo braço, arrancando-o do baú e fechando a tampa com força. Em dez segundos, o carregador estaria ali. — Assim que ele vir a fechadura quebrada, vai começar a fazer perguntas. Podem nos prender por roubar aquelas roupas!

Dan olhou envolta.

— Precisamos atravessar os trilhos até a plataforma do outro lado.

Eles ouviram um apito, e um trem começou a entrar na estação.

Amy empalideceu.

— E temos que fazer isso *agora*!

Dan agarrou sua mochila e estendeu a da irmã para ela. Amy sentiu sob os pés a vibração do trem que se aproximava.

Um trem começou a deslizar para dentro da estação. Eles saltaram para os trilhos. A sensação de Amy era de estar se movimentando em câmera lenta. O medo drenava suas forças, e todos aqueles meses e meses de treino físico pesado não pareciam estimular suas pernas a mover. As pessoas na plataforma oposta voltaram-se lentamente para olhar, boquiabertas.

Dan puxou a mão da irmã com força e ela saltou os últimos centímetros que faltavam para a outra plataforma enquanto o trem entrava na estação com um estrondo. A forte corrente de ar contra o pescoço dela a fez estremecer.

Amy abaixou-se para recobrar o fôlego. Os passageiros que aguardavam o trem olharam espantados para os dois, sacudindo a cabeça.

— *Guten tag* — disse Dan alegremente, acenando.

— É melhor sairmos daqui antes que a gente atraía mais a atenção das pessoas — murmurou Amy.

Eles deixaram rapidamente a estação, rumo ao centro da cidade.

— Vamos falar com Sinead e Ian — sugeriu Amy. — Podemos circundar a estação e depois pegar o trem local para Lucerna daqui a pouco.

— Não se esqueça de Evan — Dan piscou ironicamente. — *Ah, Evan, estou com tanta saudade de você!*

Amy o ignorou, mas por dentro sentiu uma enxurrada instantânea de emoção pelo simples fato de ouvir o nome do namorado. No trem, ela tinha que resistir ao impulso de digitar *estou com saudades.*

Ela sentia falta de conversar com Evan e trocar mensagens de celular com ele sem que outras pessoas ouvissem ou lessem o que tivesse escrito. Agora todas as mensagens de texto que trocavam eram de domínio público. Evan não era mais só apenas seu namorado; era praticamente um Madrigal honorário. Fora incluído no grupo por causa dos seus conhecimentos tecnológicos, e até agora sua ajuda tinha sido de grande valor.

Eles encontram um banco de madeira sob alguns pinheiros e se acomodaram ali, agradecidos pelo descanso. Pela primeira vez, Amy se deu conta que estavam em um lugar espantosamente bonito. As montanhas se erguiam acima deles, já brancas de neve. A cidade era tão perfeita quanto uma paisagem de cartão postal, com construções de vigas externas aparentes e ruas sem carros.

— Por que será que a Suíça me lembra um grande relógio cuco? — indagou Dan.

— Porque você não tem alma — respondeu Amy. — Um dia desses vou vir em lugar desses para passear de verdade. — Ela arrancou a peruca loira da cabeça e a guardou na mochila. — Uau, que alívio me livrar disso.

Dan tirou o óculos com lentes sem graus.

— Quem você acha que é essa Vanessa Mallory? — ele perguntou tirando uma maçã da mochila e dando uma mordida nela. — Uma policial?

— Talvez ela estivesse trabalho com o sujeito da capa de chuva. Vai saber.

— É melhor fazermos contato com Attleboro. Quem sabe eles têm alguma pista.

Amy pôs o telefone no viva-voz com volume baixo e fez uma videochamada, para que todos pudessem se ver.

O rosto de Sinead surgiu na tela.

— Ames! Que bom que você telefonou. Não sabíamos o que tinha acontecido com vocês.

— Desculpem. Acabamos dormindo no trem e tivemos alguns probleminhas.

Sinead se mostrou preocupada.

— Onde vocês estão agora? Está tudo bem?

— Tudo bem. Estamos em uma cidadezinha de prática esqui perto de Lucerna. Vamos pegar o próximo trem.

De repente Sinead foi empurrada e Ian Kabra ocupou a tela.

— Chega de papo furado. Escutem, temos novidades. Conseguimos identificar um Vesper com alguns Cahill. Erasmus cruzou algumas informações e confirmou tudo. Vesper Seis é Cheyenne Wyoming.

— Cheyenne? — O coração de Amy disparou. — Algum parentesco com Casper?

— Cheyenne é irmã gêmea dele. Mas tenho uma notícia ainda pior. Casper ainda está vivo, sem sombra de dúvida.

Amy olhou rapidamente para Dan. Ele estava pálido, tanto que ele sentia que estava. Só de ouvir o nome de Casper o medo voltava.

Dan engoliu em seco.

— Que droga. O cara tem uma irmã gêmea? Isto está muito errado.

— Estou mandando uma foto dela para o celular do Dan.

Dan esticou o braço para pegar o aparelho.

— Manda aí o rosto do mal — entoou, solene.

— Vocês tem alguma informação sobre o Mapa De Virga? — Amy quis saber.

Sinead surgiu na tela.

— Estamos investigando com alguns contatos dos Cahill na Suíça. Achamos que vocês deveriam começar pela casa de leilões onde o mapa foi visto pela última vez.

— É para lá que estamos indo.

Dan ergueu o telefone para a irmã.

— De uma olhada em Cheyenne Wyoming.

Amy olhou atentamente para a imagem de uma loira espetacular.



— Nunca vi na vida.

Dan analisou melhor a imagem e teve um teve um sobressalto ao reconhecer Cheyenne.

— Você já a viu, sim — ele disse a irmã, debruçando-se sobre o smartphone.

— Amy? — era Sinead. — Vou desligar o viva-voz. Evan quer conversar em particular com você.

Amy também desativou o viva-voz e posicionou telefone contra a orelha.

— Eu só queria ficar um instante a sós com você — disse Evan. — Toda a vez que falamos, tenho a sensação que o mundo inteiro está escutando.

Ao ouvi-lo murmurar, Amy sentiu como se ele tivesse acabado de envolvê-la em um dos seus abraços reconfortantes.

— Eu sei — ela disse com a voz suave. — Eu estava pensando a mesma coisa. Sinto muito que você tenha sido arrastado para essa confusão. Você não precisava se envolver nisso.

— Precisava, sim — disse Evan, ela sentiu a firmeza de sua voz mesmo com todos os quilômetros que os separavam. — Você está enfrentando problemas. Achava mesmo que eu fosse me afastar?

— Eu não ficaria com raiva se você fizesse isso.

— Eu sei que não. Essa é apenas uma das razões pelas quais sou louco por você. Tenho um milhão de outras.

— Só um milhão? — brincou Amy.

— Ok, um milhão mais uma: seu gato.

Amy deu uma risadinha.

— Você está ficando amigo do Saladin?

— Alguém tem que proteger esse gato do seu primo Ian. Eu dou até comida para ele. Para o gato, quero dizer. Não para Ian. Esse aí se vira sozinho. Em todo caso, se isso não me garantir o título de namorado perfeito, não sei mais o que precisaria fazer.

— Limpar a caixa de cocô do gato?

— Peraí! Tudo tem um limite.

Amy riu. O telefone estava tão colado a sua orelha que queimava pele. Fechou os olhos e visualizou o rosto de Evan...

A voz seca de Ian os interrompeu.

— Ok, pombinhos, vamos em frente. Sem ofensas, mas acho que Amy e Dan vão precisar de um cursinho rápido de estilo e elegância.

— Essa é a parte sem ofensas? — perguntou Dan. — Mal posso esperar pelos verdadeiros insultos.

— Vamos encarar os fatos, certo? Simplesmente não se entra em uma casa de leilões de jeans e mochila nas costas. É preciso não se destacar no ambiente. E isso vai ser difícil... — Ian torceu o nariz — considerando que vocês são americanos.

— Do que você está falando, cara? — perguntou Dan. — Está é a minha melhor camiseta do Bob Esponja.

— Esse é o ponto — disse Ian. — Uma casa de leilões é um lugar de categoria, de refinamento. Se você for de penetra, parecendo... bem, parecendo você...

— Estou entendendo, Ian — Amy interrompeu. — Você conhece a loja mais sofisticada de Lucerna?

— É claro — disse Ian. — Tenho uma ideia. Façam um vídeo da visita de você à loja, depois lhes darei alguns conselhos. Senão, Amy, você vai sair de lá parecendo um cogumelo e Dan vai dar a impressão de ter acabado de sair da cama.

Amy respirou fundo. Justamente quando estava quase começando a gostar de Ian outra vez – afinal, ele tinha atravessado o oceano e vinha trabalhando noite e dia para ajudá-los – o lado esnobe dele voltava a se manifestar.

Ela sentiu uma cotovelada forte nas costelas. Dan enfiou o celular na cara da irmã. Ele havia importado a foto de Cheyenne Wyoming para o programa de desenho do celular. Tinha pintado de castanho os cabelos loiros claros dela e escurecido os olhos. E acrescentou uma pinta próxima ao lábio superior dela.

Por um instante Amy ficou sem ar, era Vanessa Mallory.

Rapidamente contou aos outros a descoberta de Dan.

— Mas por que ela estaria nos seguindo? — disse Amy.

— Vesper Um quer ficar de olho em nós — respondeu Dan. — Que outro motivo haveria?

— Lembrem-se que ele tem o maior interesse em manter vocês dois longe da prisão — disse Evan. — Talvez ele a tenha enviado para garantir que vocês cruzassem a fronteira.

— Mesmo assim, é assustador — disse Amy.

— Por falar em assustador — acrescentou Evan — ela deve saber onde vocês estão agora. Dei uma lida nos manuais do telefone DeOssie. Aposto que há um GPS nele.

Amy estremeceu e olhou para os poucos pedestres que passavam por ali. Será que Cheyenne os observava? E Casper?

— Será que podemos desmontar o GPS? — perguntou.

— Vocês não vão querer que eles saibam que vocês sabem que há um GPS ali. Mas podemos aprender a ativá-lo e desativá-lo. Só precisamos tomar cuidado, para que de impressão de ser um problema do satélite.

— Dan faz isso. Ele é melhor que eu com essas coisas — disse Amy, entregando o telefone de Vesper para Dan.

Ele jogou o miolo da maçã nos arbustos, retirou a tampa do aparelho e ouviu as instruções de Evan.

— Sim, sim, entendi. Então o que... Ah, tá bom. Beleza. Ótimo! Toma essa, V-1!

— Podemos desligar o GPS só um pouquinho? — quis saber Amy.

— Acho que tudo bem — respondeu Sinead. — Apenas cheguem logo em Lucerna. Vai haver um leilão às três da tarde. Vai ser os disfarces de vocês.

— Entendido.

Amy desligou o telefone. Ela quase desejava não ter sabido do GPS.

Aquilo significava que Vesper Um poderia rastreá-los em qualquer lugar. E a qualquer momento.

Capítulo 5

Lucerna, Suíça.

Milos Vanek estava cansado. Ele estava sempre cansado. Para permanecer acordado, recorria ao café. Ao café e ao dever. Vanek achava-se sentado em uma cadeira luxuosa de Lucerna. Tinha escolhido o local por causa das grandes janelas. Ele observou atentamente a multidão. Nunca se sabe quando a sorte vem.

Rastrear criminosos... Às vezes isso era como um fiapo de fruta preso no dente. Uma coisa que o irritava, um detalhe que se negava a desaparecer. Um crime ocorria, um sujeito era identificado. Uma busca tinha início. Algumas rotineiras. Outras, um fiapo no dente.

Por exemplo, aqueles irmãos, Amy e Dan Cahill. Vanek não conseguia entendê-los, e isso o preocupava. Adolescentes ricos atrás de diversão? Talvez. Mas ele tinha investigado um pouco e descoberto que, embora fossem fantasticamente ricos, estudavam em uma escola pública, não tinham problemas com disciplina, não apareciam nos tabloides, não davam entrevistas, não tinham participado de um *reality show* nem nenhuma dessas coisas que ele havia imaginado.

No entanto, tinham abandonado a escola repentinamente e partido para a Europa. Um jornal de Boston havia publicado uma nota sobre um caminhão-tanque, um ônibus escolar e um possível sequestro. A escassez de detalhes incomodava Milos. Uma matéria pequena e mais nada. Alunos de uma escola tinham corrido perigo. Geralmente americanos ficam doidos com esse tipo de coisa.

E poucos dias depois esses adolescentes roubaram uma pintura de valor inestimável da Galeria Uffizi. Um roubo tão ousado que deveria ter sido cometido por profissionais.

Mas fora cometido por crianças.

Em seguida, houve a estranha acusação de um adolescente americano que afirmava ter visto Dan e Amy roubando uma primeira edição de um manuscrito de Marco Polo, um manuscrito que nem se quer existia! A acusação foi soterrada em um arquivo, mas Vanek o encontrara, porque não dormia muito e tinha um fiapo no dente o incomodando.

Os irmãos estavam no trem para Zurique, ele tinha certeza. Por isso mandara parar o trem na fronteira. Em algum lugar, entre aquela região e Lucerna, os dois desceram. Mas onde? E como?

Crianças podiam desaparecer mais facilmente que adultos. As pessoas não costumam notá-las. E aquelas crianças eram tão... *indistintas.* Tão insossas, bem daquele jeito americano.

Sua parceira voltou do toalete. A maioria das mulheres que sai de um banheiro aparecia de cabelo penteado, o batom retocado. Mas não Luna Amato. Ela foi ao banheiro parecendo uma avó italiana meio desarrumada e voltou do banheiro parecendo uma avó italiana meio desarrumada. Cabelos grisalhos e meio cacheados emoldurando o rosto. Vestido preto, sapatos sem salto, casaco antiquado com uma mancha de café na manga. Olhos castanhos astutos, que, dependendo da situação, poderiam parecer distraídos, gentis ou impiedosos.

Ele nunca tinha trabalhado com ela, mas precisava de alguém que passasse despercebida. Alguém que pudesse abordar crianças sem assustá-las. Ele sabia que Amy e Dan tinham tido uma relação muita próxima com a avó, Grace Cahill. Estava apostando que se deixariam atrair por alguém da idade dela.

Luna Amato se sentou, pegou um cubo de gelo em seu copo d’água e colocou no café. Vanek estava trabalhando há três dias com ela e a única coisa que sabia era quase o café estava sempre quente demais para o seu gosto.

Luna Amato bebeu um gole.

— Zurique — disse. — Acho que eles foram para Zurique. Podem ter tomado qualquer trem a partir daquela estação. Zurique é uma cidade bem maior. Tem mais lugares onde vender obras de arte roubadas. Na minha opinião, devemos ir para lá.

Vanek concordou com a cabeça. Ela podia estar certa. Seu raciocínio era logico, era uma boa dedução. No entanto...

O fiapo no seu dente. A sensação incômoda de que estavam por perto.

— Talvez você tenha razão — disse. — Mas vamos ver o que achamos antes aqui em Lucerna.

Capítulo 6

— Não posso fazer isso — disse Dan.

Ele e Amy estavam em uma rua de lojas sofisticadas em Lucerna. Alguns passos adiante, viam a fachada de pedra da butique cara que Ian havia lhes falado. Uma peça de roupa pendia em manequim esquelético na vitrine – uma coisa preta e minúscula que parecia um vestido, uma túnica. Ou seria uma camisa?

Se Amy nem conseguia identificar a peça de roupa, como poderia se passar por fashionista?

— Acabamos de roubar um quadro e fugir de um trem sem sermos vistos — disse Amy, tentando soar confiante. — E agora não conseguimos *comprar roupas?*

— Não me obrigue a fazer isso — Dan lançou à irmã um olhar de silenciosa súplica. — Você não pode fazer isso por nós dois?

— Não.

Amy sentiu o telefone vibrar e o ergueu. A mensagem era de Ian.

Não perguntem o preço de nada. Não sorriam. Não perguntem: "Você tem algo mais em conta?".

Amy enfiou o telefone no bolso.

— Simplesmente faça de conta que você é Ian — ela sugeriu a Dan. — Vamos lá. O leilão é daqui a uma hora.

Eles abriram a porta de vidro opaco. Parecia haver apenas umas dez peças de roupa na loja inteira, cada uma delas separadas por meio metro de aço inoxidável. Amy parou, confusa. Estava acostumada com a bagunça alegre de tecidos e cores das lojas de shopping. Mas comprava principalmente pela Internet; quando encontrava um suéter de que gostava, pedia de vários iguais em cores diferentes, em geral azul-marinho, preto ou cinza. No último dezembro, quando os Kabra os visitaram. Natalie tinha

olhado para sua blusa e saia e dito: “Achei que tivéssemos vindo para o Natal, e não para um enterro, Amy”.

Na época em que elas eram inimigas, Natalie teria pontuado a observação com um sorrisinho irônico e cruel, mas dessa vez ela apenas abanou a cabeça rindo. E deu de presente de Natal uma linda echarpe de lã que Amy tinha usado todos os dias.

É claro que, um mês depois, ela recebeu a conta.

Dan fazia o máximo para imitar Ian Kabra e percorria a loja como se estivesse inspecionando se havia baratas. Amy tentou transformar uma gargalhada em falsa tosse.

— Gostariam de um café *espresso?*

A vendedora surgiu com que do nada. Amy percebeu que o espelho que ia da parede ao chão era na realidade a porta.

Se ela fosse Amy Cahill, ficaria corada e recusaria o café com um gesto de cabeça, simplesmente para não dar trabalho. Tentou imaginar o que Natalie Kabra faria.

— Chá. Darjeeling — disse com voz seca.

— Darjeeling, não, irmã — rebateu Dan. — É tão classe média.

— Lapsang souchang? — indagou a vendedora.

— Adorei a última coleção dele — comentou Dan.

O sorriso formal da vendedora perdeu a força.

— Lapsang souchang é um chá — ela explicou entre dentes.

Pela primeira vez seu olhar percorreu as mochilas abarrotadas e se deteve nos tênis de caminhada deles.

— Claro — emendou Amy. — Meu irmão e eu estamos de férias — acrescentou Amy com um tom descuidado. — Estamos vindo direto do colégio interno. Vamos para o nosso chalé, mamãe organizou algumas festas para nós, pensamos em comprar algumas coisinhas antes.

A mulher os examinou com frieza. Ficou evidente que ela não acreditou nem um pouco em Amy.

— Talvez você se sentisse mais à vontade em uma loja de departamentos.

Amy não respondeu. Lembrou que Ian e Natalie não fariam isso: eles jamais reagiriam a algo que não quisessem reconhecer. Simplesmente agiam de conta que a pessoa não tinha dito nada. Ela entregou o cartão de crédito à vendedora.

— Pegue, por favor. Não queremos perder tempo. Simplesmente crie uma conta para nós.

A vendedora mordeu o lábio.

— Vai demorar apenas um instante — respondeu, brusca.

Quando retornou, devia ter verificado o limite do cartão de crédito, porque ostentava um grande sorriso.

— Por aqui, por favor — disse em um tom cortês. — Meu nome é Greta.

Greta os conduziu até uma sala reservada, com sofás e uma parede de espelhos. Uma estante vazia forrava a outra parede. Ela desapareceu novamente para ressurgir depois de algum tempo com braços carregados de roupas. Amy engoliu em seco. Então era assim que os ricos faziam compras. Nem precisavam tirar um cabide do lugar. As coisas vinham até eles.

Na meia hora seguinte, Amy e Dan quase se afogaram em sedas, casimiras levíssimas e sapatos de couro flexível. Amy sentiu-se intimidada, mas sabia que precisava ser eficiente. Em trinta minutos saíram da loja trajando casacos novos, de corte impecável: o de Dan era preto, o de Amy, bege. Sob o casaco ela usava um vestido verde e botas com salto. Dan tinha recusado as gravatas, mas escolheu um suéter preto que Amy considerou digno de Ian. A última coisa que Amy pediu a Greta, que já tinha virado melhor amiga deles, foi que chamasse um carro particular com motorista.

— Sabe quanto custou essa bolsa? — Amy sussurrou a Dan no banco de trás do carro, a caminho da casa de leilões, apontando para a grande bolsa de couro, quase uma maleta, no chão. — Mais que um ano de um colégio particular chique.

— *Todo mundo precisa de uma bolsa com personalidade* — disse Dan, imitando o sotaque da vendedora.

Amy orientou o motorista a parar a limusine diante da casa de leilões. Era uma construção branca que parecia com uma mansão.

— Pena não termos conseguido imagens do interior dela — observou Dan.

As pessoas que entravam pelas portas de bronze pareciam tão... importantes. Tão seguras de si.

Este lugar não tem nada haver comigo, pensou Amy.

Uma voz falou em sua mente. A voz de Nellie. *Vamos lá, garota. Você consegue! Você está arrasando! Manda ver!*

Amy sorriu, mas sentiu o coração apertado. A saudade de Nellie era muito grande.

As roupas ajudavam. Até a bolsa absurdamente grande que a vendedora tinha insistido que ela precisava. Amy viu bolsas semelhantes nos braços de mulheres chiques que entravam pela porta.

Esforçou-se para equilibrar nos sapatos de salto alto quando entrou com Dan no saguão da casa de leilões. Era uma sala com o pé-direito duas vezes maior que a de um cômodo normal, com frisos decorativos e pisos reluzentes. Mas para frente haveria uma imensa escadaria em curva, e a direita deles, duas portas, de folhas duplas. Uma mulher esguia usando terninho e um colar de pérolas grandes com muitas voltas os saudou em alemão, mas quando eles responderam, ela passou por falar um inglês impecável.

— Sejam bem-vindos. Eu sou *Frau* Gertler. O leilão começa em dez minutos.

Entregou um catálogo para eles. Se estranhou a presença de dois adolescentes em um leilão de gravuras e pinturas dos Grandes Mestres, não demonstrou.

Dan se aproximou dela.

— Será que eu também poderia ter um catálogo? — pediu. — Papai virá nos encontrar aqui. Por sinal, seu colar é magnífico. Mamãe tem um igualzinho, só que com pérolas um pouquinho maiores.

Amy deu uma cotovelada nele. Dan estava levando essa personificação de Ian Kabra longe demais. Eles precisavam se misturar ao ambiente, não chamar a atenção das pessoas.

— Obrigada — disse *Frau* Gertler e inclinou-se para pegar outra pilha de catálogos.

A porta da sala de leilões se abriu, e Dan e Amy viram de relance um grande salão com fileiras de cadeiras douradas. Sobre uma plataforma elevada, havia um cavalete vazio. As pessoas estavam se acomodando no salão.

Amy percorreu o saguão com os olhos e notou portas discretamente posicionadas em nichos e debaixo de escadas. Observou uma com a inscrição *BÜROS.* Sabia que significava *escritório* em alemão. Amy cutucou Dan e apontou a porta com o queixo.

Um grupo de pessoas entrou e foi recebido pela mulher chique de terninho preto. Enquanto ela se mantinha ocupada, Amy e Dan fingiram estar passeando e admirando os frisos decorativos. Foram recuando devagar até chegarem à porta *BÜROS.*

— Há uma fenda para um cartão de acesso — murmurou Amy. — Acho que você não vai poder fazer sua mágica de abrir a fechadura.

— Sem problemas — disse Dan. — Tenho uma chave.

— Como você conseguiu?

— "*Seu colar é magnífico, mamãe tem um igualzinho, só que com perolas um pouquinho maiores."* — ele imitou a própria fala sem tirar os olhos dos frisos. Seu rosto estava congelado numa expressão concentrada que Amy reconheceu. — Eu sabia...

Amy olhou rapidamente e viu Dan tentando passar o cartão pela fenda, de costas.

— Eu sabia que, se ela se debruçasse para pegar mais catálogos, eu iria passar a mão no cartão.

Amy se inclinou para trás.

— Mais ou menos um milímetro para esquerda e depois dois centímetros para cima — disse em voz baixa.

Dan localizou a fenda e deslizou o cartão por ela. A porta abriu um pouquinho. Lançando um último olhar sobre o movimento no saguão, os dois se enfiaram rapidamente lá dentro.

A porta se fechou atrás deles com um clique suave. Amy respirou fundo.

— Quando foi que você se transformou neste criminoso? Não vi você fazer um movimento sequer!

— Criminalidade e genialidade... há uma diferença pequena entre elas — disse Dan. — É o que Larry Mão-leve costumava falar.

O corredor era coberto por um austero carpete cinza. Obras de arte em molduras de aço alinhavam-se em uma parede. Nas salas à esquerda, paredes de vidro. Murmúrio de vozes atrás de uma porta à direita. Amy pôs um dedo nos lábios. Desceram o corredor na ponta dos pés, esgueirando-se ao lado das salas vazias. Tinham sorte por ser sábado. As paredes de vidro lhes proporcionavam uma visão dos escritórios, que pareciam salas de estar, com sofás poltronas e quadros nas paredes. Amy parou de repente.

— Acho que aquele é um Rembrandt — sussurrou, apontando para um quadro pequeno e escuro na parede da sala maior — Não é incrível?

— Sinto muito, mas assalto só uma galeria de arte por semana — disse Dan.

Eles passaram na ponta dos pés e seguiram adiante. Por fim, na extremidade do corredor, em uma porta do lado direito estava escrito *RECORDBÜRO*. Amy apontou com a cabeça e, depois de ficarem ouvindo por um instante os dois abriram a porta cautelosamente. A sala estava vazia.

— Ufa! — cochichou Amy, depois que eles fecharam a porta. — Que sorte. Acho que é aqui que os arquivos estão guardados.

Diferentemente das salas elegantes que tinham visto de passagem, aquela era pequena e abarrotada. Uma mesinha com um aparelho de fax se espremia entre uma escrivaninha e a porta. O restante do espaço estava cheio de armários de arquivos. Os documentos antigos podiam estar bem ali.

— Duvido que eles tenham digitalizado as transações de oitenta anos atrás. Mas deve haver arquivos mortos.

Amy olhou as etiquetas nos armários.

— Bingo! Estes são do ano 1950. Não há arquivos da década de 1940, pois eles fecharam o negócio durante a Segunda Guerra Mundial, então... Aqui está! — ela parou diante do último armário. — Década de 1930. — Abriu a gaveta e soltou um gemido. — Isto pode levar um bom tempo. Os documentos estão arquivados por data e não pelo nome do objeto. Sabemos que o ano é 1932, mas não sabemos o mês. — Amy entregou uma pasta suspensa a Dan. — Vamos começar. Precisamos fazer isso antes de o leilão terminar, para sairmos junto com todo mundo.

Ela abriu a primeira pasta. Os registros estavam escritos com uma letra minúscula e caprichada. Ela se deixou cair contra o armário, desanimada.

— Está tudo em alemão. Obviamente.

— Não faz mal — disse Dan. — Mesmo assim vai estar escrito “De Virga”.

Ela e Dan se debruçaram sobre as pastas. Tinham que manter a luz apagada, por isso usavam suas canetas lanternas, vasculhando folha atrás de folha. Quase ficaram vesgos tentando decifrar a letra fina, em arabescos, ou a tinta já gasta das palavras datilografadas, todas numa língua desconhecida. De tempos em tempos, congelavam ao ouvir passos lá fora. A palma das mãos de Amy já estava úmida de tanto nervosismo. Se fossem flagrados, o que iriam dizer?

Por fim, justo quando Amy começava a pensar que aquela busca se mostraria inútil, Dan sussurrou:

— Achei.

Ele passou um papel para a irmã, que viu as palavras *De Virga e mappa mundi*.

O coração de Amy começou a bater mais forte. Ali estavam elas, as anotações originais sobre o leilão do mapa antigo.

— Não consigo ler o resto — ela murmurou. — Mas veja, há uma lista de nomes: professor Otto Hummel, Jane Sperling, Marcel Maubert, Reginald Tawnley. E uma anotação ao lado de cada nome.

— Ian não fala alemão? — lembrou Dan. — Talvez a gente consiga uma foto com uma resolução suficientemente boa para mandar para ele.

— Vale a pena tentar. Se ele não conseguir traduzir, vai encontrar um Cahill que consiga.

Amy abriu a folha no chão e tirou uma foto dela com o seu celular. Enviou a foto por e-mail a Attleboro.

Um barulho forte os fez levantar do chão de um salto. Amy olhou em volta, apavorada, mas Dan riu baixinho.

— É apenas o fax — disse, tranquilizando-a.

— Dá pra desligar? — gemeu Amy. — Alguém pode entrar. Já passamos tempo demais aqui.

Dan rastejou até o aparelho de fax.

— Será que é alguém dando um lance por uma tela de um Grande Mestre? — ele imitou um sotaque britânico arrogante: — *Um milhão por aquele desenho da vaca, meu camarada. Ou melhor, dois milhões.*

Amy não tirava os olhos do celular, ordenando mentalmente que tocasse, trazendo uma resposta. Quando ergueu os olhos para Dan, viu-o parado, olhando a mensagem de fax que tinha nas mãos.

— Acho que você tem razão. Já passamos tempo demais aqui.

Ele se aproximou de Amy e entregou-lhe o fax.

INTERPOL PROCURA

AMY CAHILL DAN CAHILL

ALERTA A MARCHANDS DE ARTE, MUSEUS, CASAS DE LEILÕES

FIQUEM ATENTOS PARA DOIS SUSPEITOS. ROUBO CONFIRMADO DA MEDUSA *DE CARAVAGGIO DA UFFIZI. É POSSÍVEL OUTROS ROUBOS NA EUROPA. ACREDITA-SE QUE ATRAVESSARAM A FRONTEIRA ITÁLIA/SUÍÇA*

CASO SEJAM VISTOS, ENTREM EM CONTATO COM A INTERPOL NO NÚMERO ABAIXO.

— É de um sujeito chamado Milos Vanek — disse Dan. — Deve ser o detetive encarregado do nosso caso.

— Com fotos e descrições — comentou Amy, olhando a pagina seguinte. — Isso não é bom. — Olhou fixamente as fotografias. Eram as verdadeiras, as dos passaportes deles, tiradas alguns anos antes. No fax não estavam muito nítidas; pelo menos tinham um pouco de sorte. — Este não deve ser o único aparelho de fax deste lugar. É melhor sairmos daqui.

Os dois deram outro pulo quando o celular de Amy vibrou. Ela apertou o botão de atender e escutaram a voz de Ian.

— Está fácil de traduzir — disse ele. — Mais fácil do que livro infantil. Em 1932, alguém na casa de leilões fez uma lista com potenciais compradores do mapa De Virga. Aqueles quatro nomes assinalados com um X e com anotações ao lado são clientes que deveriam receber tratamento especial. Hummel era professor universitário, mas tinha herdado muito dinheiro. Jane Sperling era um socialite de Chicago. Maubert era *marchand* (há um endereço em Paris). E o último, o inglês, Tawnley, era proprietário de uma biblioteca particular.

Amy olhou os nomes mais uma vez.

— Você poderia pesquisar um pouco mais sobre essas pessoas?

— Por quê? — Dan quis saber. — Sabemos que eles não compraram o mapa, ele desapareceu antes do leilão.

— É a única pista que temos — explicou Amy. Ela dobrou a folha do fax e a guardou no bolso. — A casa de leilões sabia que essas quatro pessoas realmente queriam o mapa De Virga. Talvez uma delas o tenha roubado.

— Daqui a pouco, falamos com vocês de novo — disse Ian, desligando.

A atividade no corredor tinha aumentado. Eles ouviram passos e vozes.

— Vamos lá — disse Amy, inquieta. — É melhor sairmos daqui antes que alguém leia este fax.

Quando, com todo o cuidado, abriram apenas uma fresta da porta, o corredor acarpetado de cinza estava vazio. Eles o percorreram rapidamente. Depois de uma curva, encontraram a porta da direita aberta, e *Frau* Gertler em pé dentro da sala de costas pra eles. Um homem de terno preto com um fone em um dos ouvidos aproximou-se dela e lhe entregou um fax.

Frau Gertler leu o comunicado e em seguida o devolveu, irritada, ao segurança.

— Faça uma busca na sala de leilões — discretamente. — Há dois adolescentes aqui que podem ser eles. Apenas fique de olhos bem abertos — ela hesitou. — Meu cartão de acesso desapareceu. É melhor revistar as salas de trás também.

Se *Frau* Gertler se movesse um centímetro, veria Amy e Dan com o canto do olho. Eles começaram a retroceder bem devagar.

Amy levantou a cabeça. Ao lado deles, no corredor, havia um teclado numérico. Dan tirou o cartão de acesso do bolso e passou-o pela fenda. Eles entraram disfarçadamente e fecharam a porta. Estavam no escritório luxuoso que tinham visto antes, a sala com a tela de Rembrandt na parede. Encostaram-se na porta recobrando o fôlego.

— Temos que sair já daqui — disse Amy.

Dan examinou as janelas.

— As janelas são lacradas. Podíamos quebrar uma delas, mas...

— Alarmes — completou Amy.

Seu olhar passeou pela sala e ela se pegou encarando a pintura marrom e âmbar. O Rembrandt.

Alarmes, pensou de novo. Normalmente, ela e Dan, tentavam *evitar* que eles fossem acionados. Desta vez, porém, um alarme talvez os ajudasse.

Capítulo 7

Amy tirou o Rembrandt da parede e o virou. Como esperava, havia um aparelhinho preso atrás do quadro.

— É um sensor — disse. — Lembra quando entramos? Havia um detector antifurto ali.

— E nós vamos acionar o alarme? — perguntou Dan. — Faça de conta que eu sou burro, porque não estou entendendo.

Amy abriu sua bolsa nova, aquela cujo preço a deixou tonta quando ouviu pela primeira vez. A única coisa que havia em seu interior era um pacotinho com o que tinha sobrado do seu lanche. Abriu-o e colocou o sensor dentro do pão.

— Outra pessoa vai acionar o alarme. — E rapidamente explicou o plano a Dan.

— Larry Mão-Leve vai nos ajudar de novo — disse ele depois de ouvir o esquema.

Os dois deram uma espiada pelas paredes de vidro. O corredor estava vazio. Correram depressa para a porta que conduzia ao saguão. Dan abriu-a um pouquinho.

— O leilão terminou — sussurrou. — As pessoas estão começando a sair.

— Isso é bom. Vamos nos misturar a multidão.

— Não por muito tempo. Há pelo menos quatro seguranças próximos da saída.

Amy pôs o olho na fresta da porta. As pessoas ainda estavam reunidas em grupinhos diante da sala de leilões. *Frau* Gertler cumprimentava os clientes com um sorriso tenso no rosto. Amy observou como o olhar dela corria de um lado a outro do ambiente.

Amy vasculhou o saguão rapidamente, concentrando-se nas mulheres mais bem-vestidas.

Uma loira elegante estava perto da entrada vendo alguma coisa em seu smartphone. Tinha uma capa de chuva jogada sobre um braço, enquanto o outro carregava uma réplica da bolsa de Amy.

— Aquela lá — Amy disse a Dan. — Está pronto?

Eles saíram discretamente e se posicionaram atrás da mulher justamente quando ela passava a bolsa para o outro braço a fim de vestir a capa de chuva.

— Permita-me — disse Dan, aproximando se para ajudá-la.

— Obrigada, rapazinho — disse a mulher em tom de aprovação, com um sotaque francês — E ainda dizem que os jovens americanos não têm educação!

Ela se virou, enquanto Dan a ajudava a vestir a capa. Dan se virou ao mesmo tempo, e de repente a mulher estava enredada no casaco.

— Me desculpe! — Dan abriu um sorriso charmoso e virou-se novamente, prendendo os braços da mulher as costas dela como que por acidente.

— Me solte, rapaz!

— Me desculpe... é só um instante. Se eu puder virar isso assim.

Amy se posicionou atrás de Dan. Quando a bolsa caiu ela estava ali para pegá-la, e sem nem mesmo parar a substituiu rapidamente pela sua, mergulhando depois na multidão.

— Ah, pronto! — disse Dan, finalmente desembaraçando a mulher. — Tenha um *ótimo* dia!

Ele alcançou Amy, mas os dois diminuíram o passo e abaixaram a cabeça para se esconder dos seguranças. A mulher adiantou-se a eles. Quando ela passou pelo detector antifurto, um alarme começou a tocar alto.

Frau Gertler virou a cabeça em direção ao detector e começou a abrir caminho entre as pessoas. Amy e Dan se aproximaram.

— Posso ver sua bolsa, madame? — pediu o segurança.

— De maneira alguma! Isto é um absurdo! — protestou a mulher.

O segurança estendeu a mão.

— Madame.

Não era uma pergunta.

— O que está acontecendo? — indagou em inglês um homem de cabelos grisalhos.

Outra pessoa perguntou algo em francês. Amy não precisou de tradutor para entender que os ricos não gostam de ser impedidos de fazer o que querem.

Frau Gertler verificou o painel de segurança.

— É o Rembrandt — disse ao guarda em voz baixa. — Vamos ter que revistar a bolsa dela.

— Alguém roubou um REMBRANDT? — berrou Dan. — Mas que tipo de segurança vocês têm aqui afinal?

— Minha tela de Da Vinci! — exclamou alguém.

— Vá logo, reviste-a, mas eu tenho um compromisso com hora marcada! — gritou Amy, com voz aguda sobrepondo-se ao murmúrio da multidão.

— Tenho que pegar um avião! — gritou alguém.

— Meu motorista está esperando! — insistiu um homem gordo.

— Deixe todos saírem e detenha esta mulher! — resmungou *Frau* Gertler.

Amy e Dan se misturaram a multidão que se dirigia a porta. Quando passaram por ela, viram o segurança erguendo um sanduíche.

— O que é isso? — *Frau* Gertler quis saber.

— Presunto e queijo, *Frau* Gertler — respondeu o homem.

— Ahá! — exclamou a mulher, triunfante. — Estão vendo só? Sou inocente! Sou vegetariana!

Quando saíram para o ar livre e refrescante, Amy jogou a bolsa num arbusto e entrou no carro depois de Dan.

— Só dê a partida — ela disse ao motorista enquanto afundava no assento.

Capítulo 8

DE: V-1

PARA: V-6

Qual era mesmo a sua missão? Ah, sim. Vigiar Amy e Dan Cahill. Era isso. Agora esclareça-me as razões do seu fracasso em concluir essa tarefa. Gostaria de apresentar suas explicações? Ou gostaria de cair fora permanentemente, cara mia*?*

Vesper Um bateu o telefone. Respirou fundo uma vez, e depois mais uma. Pena não poder fazer tudo ele mesmo. Era obrigado a depender dos irmãos Wyoming nas questões de força física e vigilância. Eles eram uma dupla implacável. Mas precisavam ser incentivados.

O medo era uma motivação enorme. Amy e Dan eram exemplo disso, correndo de um lado para outro com ratinhos, e em função dele!

O mapa De Virga era a peça que faltava para o passo seguinte. Pensar nisso fazia suas palmas coçarem. Praticamente já sentia o mapa em suas mãos. Amy e Dan eram capazes de fazer isso. Desde que tivessem o incentivo certo, eram capazes de praticamente qualquer coisa.

De um jeito estranho, acreditava neles. Uma coisa era certa: torcia pelos dois. Amy e Dan juntariam as peças, eles as montariam, e então...

De olhos fechados, visualizou o prêmio. O que ganharia. Nada menos que tudo.

* * *

Cheyenne Wyoming guardou o telefone de volta na bolsa enquanto caminhava depressa pela Trullhosftrasse, em Lucerna. Vesper Um estava fazendo ameaças. Em seu estilo de sempre, claro: ao mesmo tempo que a chamava *cara mia*, um tratamento carinhoso em italiano, ameaçava matá-la.

Tinham sido *anos* de esforço para alcançar a posição de Vesper Seis. Depois de Casper ter pisado na bola em Zermatt, quando quase havia morrido tentando pegar aquele anel... bem, ela tinha tomado a dianteira dele. Casper ficara furioso.

Nem mesmo *ela* gostava de ver o lado mau de seu irmão gêmeo vir à tona. O lado mau era... bastante desagradável. Cheyenne esfregou o pulso, distraída. Havia sido necessária uma pequena placa metálica para ajeitar o osso fraturado. Casper não gostara de descobrir que ele estava fora e ela, dentro.

Naquele momento, uma BMW amarela encostou no meio-fio.

— Quer uma carona *Fraülein*?

Cheyenne parou e sacudiu a cabeça.

— Você enlouqueceu, Casper? O que está fazendo aí neste carro? Vigilância é uma coisa que precisa ser *discreta*. Ou seja, ninguém deve notá-lo.

Seu irmão sorriu de um jeito malicioso.

— E a tuba dos Wilmington Wowzabelles era pura discrição — ele ironizou.

— Por acaso eu não estava certa? A tuba não os enganou direitinho?

Cheyenne entrou no carro e, mal tinha fechado a porta, Casper acelerou e partiu.

— Seu timing não podia ser pior — disse. — Perdi o rastro dos Cahill. O GPS não está funcionando bem. Algum problema com o satélite; ele fica o tempo todo ligando e desligando.

Cheyenne arrancou com violência a peruca escura e tirou os grampos de seu cabelo loiro e comprido. Sacudiu a cabeleira, que caiu em cascata sobre os ombros. Em seguida, jogou os óculos pela janela e tirou as lentes de contato escuras dos olhos. Virou o espelho em sua direção e ficou aliviada

ao ver seus olhos azul-bebê. Era ela mesma de novo. Imediatamente se acalmou.

— Estou ficando farta de seguir as ordens de V-1 ao pé da letra — comentou, insatisfeita. — E de ter V-2 nos acompanhando de perto o tempo todo, só esperando um escorregão nosso.

— Pois é. E agora você fez exatamente isso. Podemos até ser expulsos do Conselho dos Seis.

Cheyenne sentiu vontade de dizer: Nós *quem, mano? Sou* eu *que está no conselho. Você nem número tem mais.*

Mas ela não podia dizer isso em voz alta. Ela ainda precisava do irmão.

— Agora vai demorar mais para subirmos os degraus — prosseguiu Casper.

Cheyenne olhou pela janela, enquanto as ruas pitorescas de Lucerna passavam. Ruas com lojas chiques repletas de coisas que custavam muito caro. Coisas que ela queria e merecia ter.

Um plano tomava forma em sua cabeça.

— Não vai demorar muito. — ela disse. — Não se formos proativos.

Um sorrisinho começou a se formar nos lábios de Casper.

— Irmãzinha querida... Conheço esse tom de voz. O que você está arquitetando?

— Quando você quer uma coisa, vai lá e pega — respondeu Cheyenne, repetindo o que ela e Casper tinham dito um ao outro desde os seus primeiros dias de criminalidade.

Na época em que os pais deles assaltavam bancos, metiam-se em falcatruas e os arrastavam para todos os cantos do país, Cheyenne e Casper acrescentaram fraudes na Internet aos crimes da família e ganharam mais do que sonhavam ser possível. Em pouco tempo se tornaram conhecidos no submundo do crime. E também no FBI e nas polícias de vários estados americanos. Assim, quando os Vesper os procuraram, Casper e Cheyenne

ficaram mais felizes em abandonar os pais (que estavam cumprindo pena mínima de 25 anos, que poderia se estender até prisão perpétua) e unir forças com V-1. Agora, não eram mais quaisquer bandidos; eram mestres do crime de uma rede global.

E Cheyenne não estava disposta a abrir mão disso por ninguém.

— Ele pensa que os Cahill vão conseguir encontrar o que ele procura — explicou, virando o espelho em sua direção outra vez para verificar sua aparência. — Mas e se nós encontrarmos primeiro?

Capítulo 9

O motorista examinou os irmãos Cahill pelo espelho retrovisor. Era a segunda vez que fazia isso em menos de um minuto.

Os dedos de Dan tamborilavam nervosamente pelo estofamento de couro. Ele pegou o celular no bolso e digitou uma mensagem para Amy.

O motorista está olhando muito pra gente. Por quê?

Amy respondeu em poucos segundos.

Também notei. É melhor cairmos fora.

Como quem não quer nada, Dan fingiu estar ajustando sua mochila. Enquanto isso olhou por cima do ombro. Um sedã vinha costurando de um lado para outro no trânsito, atrás deles. O carro acelerou para escapar de um bonde.

Será que estavam sendo seguidos? Ou seria apenas um motorista agressivo?

Eles margeavam o rio Reuss. Para Dan, Lucerna parecia uma mistura de Zurique, Genebra e Zermatt: pitoresca e impecavelmente limpa, as ruas cheias de cidadãos respeitadores das leis. Ruas largas e curvas, prédios pintados de cores pálidas. Tudo limpo e bonito. Isso o deixava nervoso. Ele precisava de uma ruazinha estreita e suja onde se esconder.

Amy começou a tossir e se curvou.

— Amy, você está bem?

— Acho que vou vomitar.

— Motorista — chamou Dan. — Pare o carro.

O motorista parou o carro. Amy saiu apressada, seguida por Dan. Ela abaixou a cabeça, mas seus olhos vasculharam a rua.

— O carro azul-escuro...

— Estou vendo.

Amy se virou e saiu correndo, seguida por Dan. Ele ouviu buzinas e olhou para trás. O carro azul freou com um guincho e parou no meio-fio.

— Eles vêm vindo — avisou Dan.

Os dois entraram numa rua lateral, depois viraram em outra. Dan percebeu que Amy estava tendo dificuldades. Sua irmã mal conseguia andar de salto alto, quanto mais correr.

A rua fez uma curva e de repente eles se viram diante do rio outra vez. Era um dia refrescante de outono e pessoas caminhavam por uma aldeia. Dan e Amy misturaram-se à multidão, tentando distanciar-se de quem quer que estivesse no carro azul-escuro.

— Dan — Amy avisou. — Torci o tornozelo.

Ela o seguiu, mancando. Dan viu alguma coisa à sua uma frente: um grupo de turistas ouvindo um guia diante de uma ponte de madeira coberta sobre o rio.

— Só mais alguns metros — ele pediu. — Corra.

Eles desapareceram no meio das pessoas.

— Uma das atrações mais famosas de Lucerna, a ponte da Capela, ou Kapellbrucke é ponte de madeira mais antiga da Europa...

Dan cutucou Amy. Eles rodearam o grupo de turistas e começaram a atravessar a ponte. *Poc, poc, poc...* seus passos ecoavam sob a estrutura de madeira.

— Você está bem? — Dan sussurrou para Amy.

— Estou conseguindo. Só preciso sentar um pouco, e logo.

— Ok. Depois que atravessarmos o rio, a gente faz uma pausa.

Poc, poc... O som dos seus passos se misturava ao ruído dos turistas atrás deles, subindo na ponte.

Ouviram um passada mais rápida. Dan ficou rígido. Segurou forte o braço de Amy e eles começaram a andar mais depressa.

Poc-poc. Poc-poc

Os passos atrás deles apertaram.

Poc-poc-poc

Mais rápido ainda. Os passos que os seguiam continuavam fazendo eco à presas de Amy e Dan.

— Dan — Amy estava quase chorando.

Ele a empurrou para frente.

Poc-poc-poc-poc.

O andar se transformou em uma corrida. A pessoa agora estava imediatamente atrás deles.

Dan afastou-se de Amy repentinamente, deu meia-volta e investiu contra a figura que os seguia, cabeceando-a diretamente no estômago. Ouviu um arfar de espanto. Continuou empurrando a pessoa contra a gradil de madeira da ponte, ao mesmo tempo que a erguia, um movimento que causaria a expulsão de um jogador de meio de campo de futebol americano.

Ele só teve tempo de ver a expressão espantada de William McIntyre quando o advogado da família caiu para trás por sobre a grade, desabando no rio Reuss.

* * *

O senhor McIntyre estava sentado no banco de trás do sedã azul-escuro, envolto em cobertor e ainda batendo os dentes de frio. Dan encheu a caneca dele com mais chocolate quente de uma garrafa térmica.

— Estou velho demais para isso — disse o advogado.

— Mil desculpas — falou Dan — é que pensei...

— O senhor poderia ter nos chamado — observou Amy.

— Eu não queria chamá-los pelo nome — explicou o senhor McIntyre. — E não conseguia me lembrar do codinome que vocês estão usando. Eu precisava tirá-los da cidade o quanto antes.

— E para onde vamos? — perguntou Amy, estendendo sua xícara para Dan, que lhe serviu mais bebida.

— Basileia. A terceira maior cidade da Suíça. Vocês poderão se esconder lá por algum tempo. Conheço um lugar onde estarão em segurança. Vão poder ter uma boa noite de sono. Tenho a impressão de que estão precisando — o advogado olhou para os dois. — Isto é diferente da busca pelas 39 pistas. Vocês não estão

sozinhos. Têm uma equipe sólida na retaguarda, portanto peçam ajuda — ele sorriu. — Só não me joguem num rio gelado da próxima vez.

— Vou tentar me lembrar disso — Dan abriu um sorriso travesso.

Do lado de fora, a chuva suave fazia o ar parecer uma rede prateada. As ruas molhadas brilhavam. Amy se aninhou debaixo do cobertor macio de lã. Com seu olhar bondoso e sua voz suave e profunda, o senhor McIntyre sempre lhe transmitia segurança. Só ele teria pensado em levar chocolate quente e cobertores para alguma eventualidade.

Estava aliviada por ele não ter sido sequestrado também. Se ela e Dan tivessem perdido os três, Fiske, Nellie e o senhor McIntyre... Isso era inimaginável. Amy afastou o pensamento. Ela estava ali quentinha e aconchegada. Inspirou fundo a sensação reconfortante que o senhor McIntyre passava a ela.

Amy soltou um suspiro.

— Não sei se vou conseguir dormir enquanto não tiver resolvido tudo isso.

— O pessoal em Attleboro já começou a pesquisar — informou McIntyre para tranquilizá-los. — E eu trouxe um presentinho.

Pegou uma bolsa de náilon preto no chão do carro. Colocou-a no banco e tirou de dentro dela algo que parecia um grande relógio de aço inoxidável. Abriu o mostrador do aparelho, e os dois viram um mapa digital com um ponto verde assinalado.

— É um GPS. E tem áudio, caso vocês precisem transmitir orientações por voz. Vem com fone de ouvido também.

— Sensacional — exclamou Dan, estendendo a mão para pegar o aparelho.

— Ele já está configurado para operar com o mesmo sinal do nosso satélite *Gideon.* Para carregar seus dados nele, usem este pen-drive — disse McIntyre. — Depois de carregar os dados, destruam o pen-drive.

— Muito maneiro, senhor McIntyre — disse Dan. — Estou me sentindo um superespião.

McIntyre hesitou, e por um instante o homem alto de cabelos grisalhos pareceu quase um garoto.

— Será que depois de todo esse tempo vocês não poderiam me chamar de William?

Amy e Dan trocaram um olhar. Por mais que gostassem do advogado da família não conseguiam se imaginar chamando-o pelo primeiro nome.

Ele viu a hesitação no rosto dos irmãos.

— Que tal Will?

Amy pigarreou. Dan ficou mexendo no novo relógio-GPS.

— Ou então Mac?

— Mac – disse Dan, experimentando o nome.

— É perfeito, senhor McIntyre — disse Amy. — Quero dizer, Mac.

— Só quero dizer mais uma coisa — o senhor McIntyre guardou os aparelhos na mochila de Amy, depois olhou para cada um deles. — Tenho muito orgulho de vocês. Grace também teria.

Com os olhos úmidos, Amy inclinou-se e abraçou o senhor McIntyre. Ele não se sentiu nem um pouco constrangido.

Capítulo 10

Attleboro, Estados Unidos.

Evan estava sentado diante do computador no centro de comando no sótão, descansando a cabeça nas mãos. Era meia-noite. A casa estava em silêncio. Até mesmo Saladin dormia sobre uma pilha de papéis.

Sinead entrou discretamente e foi se sentar na cadeira ao lado dele.

— Você deveria dormir um pouco.

— Quero estar aqui quando ela acordar.

— Seus pais não estão preocupados? Não querem saber onde você está?

— Eles pensam que eu estou num grupo de estudos e que vou passar a noite na casa de um colega. Desde que pronuncie as palavras *Harvard e extracurricular*, eles concordam com tudo.

Sinead bufou, impaciente.

— Eles não vão chegar à Basileia tão rápido. Quando Amy entrar em contato conosco, eu acordo você. Há uma diferença de seis horas; são apenas seis da manhã lá.

Evan sacudiu a cabeça, recusando o oferecimento.

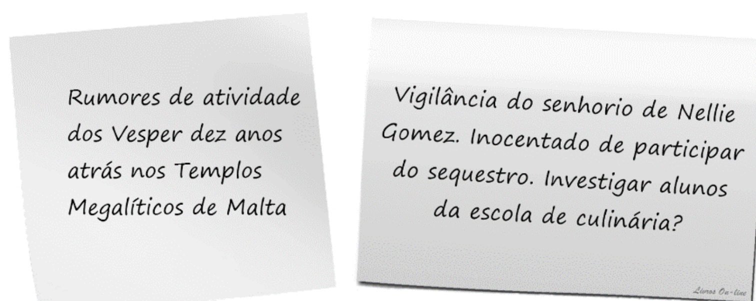
— Eu durmo no chão, se sentir necessidade. Ela vai querer todas as informações assim que acordar. E há coisas que eu posso fazer enquanto espero.

— Sempre há coisas que podemos fazer — observou Sinead. — Mas, se trabalharmos até a exaustão, podemos cometer erros. E isso não ajuda ninguém.

Evan sabia que ela tinha razão. Em volta deles, as telas dos computadores brilhavam. Os monitores de alguns lugares espalhados pelo mundo estavam temporariamente escuros, e várias páginas delas estavam

presas às paredes com tachinhas. Sinead tinha montado seis murais, um para cada Vesper do Conselho dos Seis.

Como não havia mais espaço na parede, Evan estendeu um varal de uma extremidade a outra da sala e pendurou ali folhas com informações extraídas a esmo de mensagens de texto enviadas por Cahill de várias partes do mundo.



Uma após a outra, as folhas tremulavam como bandeiras à brisa leve vinda dos dutos de aquecimento. Era impossível saber que informações deveriam ser investigadas, e em que ordem.

Evan esfregou a testa.

— Aquela anotação da avó deles que Amy e Dan encontraram. *VSP 79, Plínio descreveu primeiro teste.* Como tudo isso pode remeter a uma erupção vulcânica na Itália no ano 70 d.C.?

— Não sabemos. Mas vamos descobrir.

O tom de voz de Sinead soava confiante. Lembrou a Evan o tom de Amy. Ele fora submerso no mundo dos Cahill como num poço de águas profundas, e continuava lutando para se manter à tona. Ainda não conseguia absorver plenamente ideia de que sua namorada, que ele sempre viu como uma pessoa tímida e reservada, possuísse na realidade habilidades de uma espiã internacional.

E Sinead, que ele encontrara tantas vezes antes. Era a melhor amiga de Amy, mas ele a achara fria a distante. Muitas vezes havia se sentido

reprovado num teste que ela não havia explicado. No entanto, agora que trabalhavam juntos, Evan percebeu que Sinead na verdade tinha dificuldade em permitir que se aproximassem dela. E não era para menos. Amy havia lhe contado que os irmãos Starling foram gravemente feridos numa explosão na Filadélfia havia, mais de dois anos. Ele sabia que a explosão estava relacionada com os Cahill, porém não teve coragem de perguntar a Sinead sobre isso. Ted, um dos irmãos dela, era um dos reféns. Com certeza era por isso que ela se empenhava tanto no caso.

Sinead se aproximou e pôs as mãos nos braços dele, empurrando-o.

— Vamos lá. VÁ SE DEITAR. Vou rodar alguns programas. Prometo chamá-lo se Amy ligar.

Evan se levantou, cambaleando. Sentia como se tivesse areia nos olhos.

— Está bem. Vou dormir algumas horinhas.

Sinead o encarou com firmeza.

— Eu não sabia que você gostava tanto assim dela. Só agora percebi.

Evan assentiu com a cabeça.

— Nem eu sabia. Faria qualquer coisa por ela.

— Eu também — disse Sinead em voz baixa.

Capítulo 11

Basileia, Suíça

Dan acordou em pânico, sem se lembrar de onde estava. Permaneceu deitado um longo instante, olhando o quarto, a colcha florida na cama de solteiro, o papel de parede também florido, a pintura de flores na parede, o vaso de rosas...

Gartenhaus. A pequena pousada em uma rua lateral no centro da Basiléia. O senhor McIntyre, Mac, os tinha deixado lá na noite anterior, aconselhando-os a dormir um pouco, e depois foi embora para se encontrar com um cliente em Roma.

Dan olhou para a irmã, enroladinha como uma vírgula na outra cama, que fazia par com a dele. Era o momento perfeito para tomar um banho. Antes que Amy monopolizasse o banheiro.

Ele se pôs debaixo do chuveiro. Apesar da água quente, sentia frio. Cada vez que fechava os olhos, via o rosto de Nellie, pálido de dor.

Chega de mortes, pensou. *Se tiver que encarar mais uma morte, desmonto.*

Dan sabia o que precisava fazer. Precisava virar o jogo.

Quando saiu do banho, cheirou uma camiseta que tinha na mochila e a vestiu, juntamente com os jeans.

Ouviu um gemido vindo do quarto e esticou o corpo para fora da porta.

— Estou faminta — disse Amy, sonolenta.

— Ei, você roubou a minha fala! — reclamou Dan.

Eles ouviram uma suave batida na porta. Os dois ficaram tensos.

— Café da manhã — disse a dona da pousada com a voz suave.

Amy abriu a porta e *Frau* Stein entrou com uma bandeja de carregada pãezinhos, queijos, salsichas, ovos, geleia, um bule de café e uma leiteira com chocolate quente.

— Ouvi a movimentação de vocês. Como não sei do que gostam, trouxe de tudo um pouco.

Dan pegou a bandeja. Tinha aroma de paraíso.

— Obrigado um zilhão de vezes.

— Não sei o que é esse zilhão de vezes, mas estou às ordens — ela sorriu e saiu.

Amy e Dan atacaram a comida. Em poucos minutos, os pratos estavam limpos e eles, de barriga cheia, com xícaras de chocolate quente nas mãos. A comida e a noite de sono tinham ajudado. Estavam ansiosos para sair. Mas para onde?

— Só temos três dias — disse Amy.

— E o tempo está passando.

Amy desdobrou a folha de papel que tinha pegado na casa de leilões e passou o dedo sobre os nomes.

— Um professor universitário, uma socialite, um *marchand*, um sujeito que tem uma biblioteca particular. Exatamente o que se poderia esperar. E todos tem dinheiro. Por que alguns deles roubariam um mapa?

— E por que o mapa continuaria escondido? — perguntou Dan. — Já se passaram oitenta anos. Por que ninguém o encontrou? Por que não tentaram vendê-lo? Não faz sentido.

Amy ficou séria.

— Attleboro já deve estar pesquisando estes nomes.

Ela ligou o computador. Em um instante viram o rosto preocupado de Evan. Sinead estava ao lado dele.

— McIntyre nos contou que os levou para um local seguro — disse Evan. — Fico feliz que puderam descansar: já temos informações da base. Estão prontos para ouvir?

— Prontos — disse Amy.

— Vamos ver... Marcel Maubert e Reginald Tawnley morreram durante a guerra. Mas isto aqui é interessante: sabe o professor endinheirado? Virou um bambambã do partido nazista. Ele se matou, ou talvez alguém o tenha

matado, depois que os aliados invadiram Berlim em 1945. E Jane Sperling, a socialite: seu pai era Max Sperling, dono de uma rede de lojas de departamentos no meio-oeste americano. Além disso, Jane era uma estudiosa da Idade Média: cursou a Universidade de Chicago e depois foi à Alemanha. Nosso palpite é que ela deve conhecer Hummel, porque estudou em Heidelberg, na universidade de lá.

— Heidelberg... — refletiu Amy. — A família que era dona do mapa De Virga, não era de lá?

— Isso mesmo. Coincidência interessante.

— O que aconteceu com Jane Sperling?

— Ela se mudou para Londres. Trabalhou no departamento de Guerra como secretária. Mais tarde, depois da Guerra, casou-se com um soldado americano no Maine. Teve uma vida tranquila.

— Quer dizer que não há muito o que encontrar ali — comentou Dan.

— Vamos descobrir alguma coisa — afirmou Sinead. — É só continuarmos escavando.

— Chegou mais alguma notícia de Vesper Um? — quis saber Dan.

— Nada — respondeu Evan. — Pelo que sabemos, todos continuam bem.

Eles ficaram em silêncio por um instante, lembrando-se dos rostos, lembrando-se de ate onde Vesper Um estava disposto a ir.

— Então, ao trabalho — disse Amy.

Dan encerrou a videochamada. Amy debruçou-se sobre o papel, passando o dedo sobre os nomes e olhou para o irmão.

— Estamos seguindo a direção errada.

— Não sabia que estávamos seguindo uma direção.

— Ficamos sempre focando o mapa. Devíamos estar pensando no mundo que cercava este mapa. O que estava acontecendo na Europa naquela época? O que todos os nomes tem em comum?

— Todos eram ricos — disse Dan.

— A guerra! — exclamou Amy. — Era 1932. Ainda faltava alguns anos para a Segunda Guerra Mundial. Mas o mundo estava se preparando para ela. Os nazistas estavam chegando ao poder na Alemanha.

Ela acessou um site de buscas no computador. Dan olhou por cima do ombro da irmã.

— O que você está procurando?

— Não faço ideia — ela murmurou. — Mas às vezes a gente tem que lançar a rede e ver o que ela pega.

Ele a viu digitar *Jane Sperling* e em seguida examinar os resultados.

— Interessante — comentou Amy. — Jane Sperling era judia. Será que ela sabia que tinha um professor nazista? Espere um pouco — digitou mais algumas palavras no computador e depois se voltou para Dan novamente. — Exatamente como eu pensei. Os nazistas assumiram o governo em 1933. Mas já em 1932 os estudantes judeus foram pressionados a abandonar a universidades. Os nazistas acabaram por expulsar todos os estudantes judeus de todas as universidades alemãs.

— Eu não sabia dessa parte — comentou Dan. — Aqueles caras eram totalmente do mal.

Amy ergueu os olhos.

— Por que Jane esteve no mesmo leilão que seu professor nazista? Coincidência? Acho que não.

Dan tentou acompanhar a lógica de Amy. Ele tinha estudado a Segunda Guerra Mundial e os nazistas no colégio, tinha lido livros sobre o assunto. Mas se colocar dentro da cabeça das pessoas que haviam vivido aquele horror na própria pele era bem na difícil. Amy parecia ter um dom para isso.

— Ela era uma garota jovem e solitária. Tinha apenas 19 anos — prosseguiu Amy. — Aposto que seus pais queriam que ela voltasse para casa. A Alemanha estava se tornando um lugar assustador para os judeus. Mas ela

ficou lá. Ela ficou lá, Dan! — Amy deu um soco no travesseiro a seu lado. — Jane era corajosa. Talvez soubesse que seu professor nazista ia viajar com o intuito de arrematar um documento histórico famoso. A família proprietária do mapa De Virga era judaica. Talvez Jane tivesse tentando proteger a família!

— Então por que ela simplesmente não comprou o mapa? Ela era rica.

— Talvez esse fosse o plano dela — respondeu Amy. — Por isso ela foi a Lucerna: para dar um lance maior que o de Hummel e os outros. Mas alguém chegou ao mapa antes dela.

— Hummel?

Os dedos de Amy voavam enquanto ela digitava um e-mail.

— Estou pedindo que o pessoal de Attleboro pesquise Hummel. E depois vamos pesquisar Jane Sperling um pouco mais fundo. Tenho a impressão que esses dois estão ligados de alguma maneira.

Dan sabia que não devia contestar as impressões de Amy.

— Sabe de uma coisa? Fazer pesquisas não é o meu forte — disse Dan — E se eu for comprar mais algumas coisas que estamos precisando?

Amy acenou com a mão. Ela já estava longe, imersa na década de 1930 e na vida de pessoas que jamais conheceria pessoalmente.

— Volto em uma hora — prometeu Dan.

* * *

Ele já havia feito uma busca rápida no trem, usando seu smartphone. Sabia que não teria muito tempo. Tinha conseguido reunir sete ingredientes na Itália, se pudesse encontrar alguns ali na Basileia – três, pelo menos – teria um quarto dos componentes do soro. E alguns dos outros ingredientes ele poderia deixar para o final, coisas que encontraria facilmente em qualquer mercadinho de esquina: sal, menta, mel... Essas coisas fáceis.

De jeans, jaqueta e boné de beisebol, Dan parecia um turista como outro qualquer. Parou em uma farmácia e cinco minutos depois saiu com um vidrinho de iodo.

Amy ficaria furiosa, e preocupada se soubesse que ele estava preparando o soro. Ela tinha medo do soro. Jamais iria permitir que ele o tomasse. Iria dizer que o soro o transfonaria, talvez até o matasse.

O que Amy não entendia é que ele não se importava com isso.

A escuridão estava simplesmente... ali. Às vezes o assustava, às vezes o deixava com raiva. Uma raiva que ele não sabia ser capaz de sentir, algo que parecia não ter fim. Ver Nellie ferida e amedrontada o marcara profundamente. Apenas alguns dias atrás, ele havia segurado uma garota que estava morrendo nos braços, uma desconhecida que confiara em Vesper Um.

Amy não entendia que era preciso lutar com todas as armas que tivessem. Não apenas com garra e coragem, mas também com recantos secretos, duros e sombrios que há dentro de cada um.

Dan digitou outro endereço no relógio-GPS. Tinha encontrado outro lugar, uma fornecedora de substâncias químicas que se mostrou disposta a vender mercúrio e fósforo. Ele pegou um bonde e foi até a periferia da cidade, uma área industrial com galpões e prédios de escritório.

Encontrou o endereço e depois tocou a campainha na porta de aço. Instantes depois, a porta se abriu. Um homem, provavelmente na casa de uns 20 anos, pôs a cabeça para fora e lhe perguntou alguma coisa em alemão.

— *Guten morgen* — grunhiu Dan.

— Ah, você é americano. E torcedor dos Yankees.

Dan tocou a aba do boné, nervoso.

— Eu entrei em contato com você sobre...

— Sim, entre.

Ele foi conduzido para uma salinha. O homem ergueu um frasco de vidro. Dan viu o mercúrio fundido.

— É tóxico — avisou o homem. — Você sabe disso? É preciso ter cuidado ao manejá-lo.

— Eu sei — disse Dan. — Você por acaso não teria ouro líquido?

— Ouro coloidal? Tenho... Você precisa de quanto?

— Sete mililitros devem ser o bastante.

A transação foi concluída em poucos minutos. Dan se mexia, nervoso, enquanto contava as cédulas. Podia sentir os olhos do outro observando-o atentamente.

— Você deve ser de nova-iorquino — disse o homem. — Eu adoro Nova York. O Rei Leão... que musical maravilhoso!

Dan virou-se para ir embora.

— Não entendi bem o seu nome — disse o homem.

— Eu não disse o meu nome — rebateu Dan.

Ele deixou o lugar e se pôs a andar depressa para o ponto do bonde. No caminho, jogou o boné dos Yankees em uma lata de lixo. O sujeito fizera perguntas demais. Provavelmente era inofensivo, mas Dan não podia se arriscar.

* * *

Vesper Dois leu a mensagem e sorriu.

Dan Cahill tinha feito compras muito interessantes na Basileia. Enviar aquele alerta para todas as empresas fornecedoras de substâncias químicas fora um golpe de mestre. Era surpreendente o que a promessa de um pouco de dinheiro podia fazer. *Se alguém o procurar querendo adquirir produtos incomuns, por favor, nos informe. Nós o recompensaremos.*

Era exatamente como Vesper Dois tinha pensado, Dan Cahill vinha reunindo as pistas, os 39 ingredientes do soro.

O soro podia mudar tudo. E a única pessoa que possuía a fórmula era Dan Cahill.

Vesper Um ainda não precisava saber disso. Ele não estava convencido que era possível fazer Dan mudar de lado. Ainda não. Ainda não entendia inteiramente que os laços de sangue poderiam trabalhar a favor deles.

Ainda não. Mas em breve, sim.

Capítulo 12

Amy reclinou-se para trás e fechou os olhos. Havia janelas e janelas de pesquisa enfileiradas no computador. Tinha conversado com Evan, Ian e Sinead. Eles tinham discutido teorias, fatos aleatórios, dados isolados, palpites improváveis, à espera que alguma coisa acabasse provocando um insight. Nada.

— Fale comigo, Jane — disse Amy, em voz alta. — Você era uma garota rica, acostumada com conforto. Londres estava sendo bombardeada, por que você ficou lá? Por que permaneceu na Alemanha por tanto tempo nos 1930? Quem é você?

Ela digitou: *Jane Sperling e Segunda Guerra Mundial* e percorreu resultados. Clicou em uma pagina chamada Down Easternear, nome do jornal de Angel Harbor, uma cidadezinha no interior do Maine. Amy leu o artigo rapidamente: era o obituário de Jane Sperling. Ela tinha morrido com 92 anos. O obituário mencionava sua juventude, seus estudos na Universidade de Chicago e, em seguida, os anos de guerra.

"Sim eu fiquei em Londres durante a blitz. Céus, não, eu nunca fui valente. Eu era só secretária de OSS, nada mais. Eu traduzia documentos e outros textos do alemão para o inglês porque eu tinha vivido na Alemanha antes da guerra. Esse período ficou no passado. As coisas que eu fiz acabaram. Desceram pelo ralo."

— OSS... — murmurou Amy.

Ela fez uma busca rápida. OSS era a sigla em inglês para Agência de Serviços Estratégicos, o setor de espionagem do governo americano durante a guerra!

Amy clicou nas janelas, até chegar a pesquisa enviada por Evan e Ian. O professor Hummel tinha se revelado um nazista extremamente cruel. Havia alcançado a patente de Major e se envolvido em um grupo

chamado *Einsatzstab Reichleiter Rosenberg*, título que, nas palavras de Evan, não passava de uma maneira pomposa de dizer “ladrões, sujos e desprezíveis”. Também conhecido como ERR, era o grupo especial de Hitler que roubava obras de arte, artefatos e bens de famílias judaicas. As primeiras eram transportadas para Paris e guardadas em um museu chamado Jeu de Psume. Ali eram catalogadas, inventariadas e embaladas, para então ser enviadas para a Alemanha. Centenas de milhares de tesouros foram saqueados, obras de arte mundialmente famosas; Leonardo da Vinci, Michelangelo, Reambrent, Van Gogh. Valorizado pelos seus conhecimentos de arte medieval, Hummel era oficial de alto escalão encarregado do serviço.

— Quer dizer então, *Her* Hummel, que o senhor era um ladrão — murmurou Amy.

Perto do fim da guerra, quando os Aliados começaram a bombardear cidades da Alemanha, os nazistas ficaram nervosos e transferiram as obras de arte para as minas de sal, cavernas e castelos nos Alpes das Baviera.

Tudo teria funcionando bem, não fossem alguns inconvenientes. Primeiro: os nazistas perderam a guerra. Segundo: em 1943 foi criada uma seção do exército Aliado chamada Homens dos Monumentos. Após a invasão, os Homens dos Monumentos foram encarregados de viajar com a linha de frente, no intuito de encontrar as obras de arte roubadas e devolver aos seus proprietários de direito.

— Os nazistas foram diabólicos, mas o que os tornaram tão assustadores foi o fato de cometerem seus crimes de forma tão organizada — Evan havia explicado — Eles mantinham registros de tudo o que roubavam. Assim quando o os exércitos Aliados chegaram, encontraram tudo: artefatos, pinturas de valor incalculável... Verdadeiros tesouros escondidos. Se Hummel estivesse com o Mapa De Virga, haveria registro. Mas não há nada. É mais um beco sem saída.

— Talvez — murmurou Amy para si mesma.

Digitou *Homens dos Monumentos e Otto Hummel* no site de busca. Se o exército americano estava atrás de obras de arte roubadas, devia ter conhecimento das atividades de Hummel.

Surgiu um documento sobre a morte de Hummel. O corpo dele tinha sido encontrado por um grupo de Homens dos Monumentos quando a guerra se aproximava do fim. Ele fora baleado e ainda estava em uma cadeira dourada no salão de bailes do famoso castelo de Neuschwanstein, construído pelo Rei Luís II da Baviera, comumente chamado de Rei Louco.

Os Homens dos Monumentos agiram com base em informações obtidas de um espião americano de codinome Sparrow, que havia rastreado milhares de obras de arte roubadas de famílias judaicas de toda a Europa. Seguindo seu rastro até o castelo Neuschwanstein.

Amy leu a ficha de um soldado que estava lá. *"Tínhamos a forte suspeita de que Sparrow tivesse matado Hummel!",* disse.

Amy esfregou a testa. Tudo se misturava em sua cabeça. Espiões, obras de arte roubadas, heróis, vítimas. Um mapa medieval. Que relação haveria em tudo isso? Haveria mesmo uma relação?

Ela simplesmente sabia que a resposta estava ali.

Amy ligou para Attleboro outra vez. Ian atendeu.

— Você poderia me ajudar em outra pesquisa? — pediu Amy. — Preciso descobrir a identidade de um espião chamado Sparrow, que atuou no fim da guerra. É possível que ele nos leve até Jane.

— Sabe... — disse Ian. — É uma coincidência engraçada.

— O quê?

— Sparrow em inglês significa "pardal". E pardal em alemão é *Sperling.*

— Claro! — Amy se endireitou. — É Jane! Só pode ser ela! Precisamos de uma confirmação.

— Deixe que eu cuido disso — propôs Ian.

Amy olhou seu relógio. Onde estaria Dan? Fazia mais de uma hora que ele tinha saído. Quando acabou de formular esse pensamento, ele entrou.

Examinou rapidamente o irmão enquanto ele jogava mochila do chão. A máscara estava ali. Dan tinha mergulhado para dentro de si mesmo. Amy se assustava sempre que via isso. Era como se tivesse perdido o irmão.

— Acho que encontramos uma ligação entre Jane Sperling e Hummel — contou. — Acredito que Jane o matou! — Rapidamente explicou que ela achava que Jane Sperling tinha trabalho como espiã para OSS. — Sparrow estava atrás de Hummel — prosseguiu Amy. — Acho que ela ainda estava atrás do rastro do mapa De Virga. E se o mapa estivesse no castelo Neuschwanstein? Os dois estavam ali ao mesmo tempo. Não pode ser coincidência! — insistiu.

Ian os interrompeu.

— Acabamos de receber informações de um agente Cahill, nossa fonte no governo. Ele deu a confirmação que Jane Sperling era Sparrow.

— É isso! — exclamou Amy.

— O castelo Neuschwanstein é uma base dos Janus — declarou Sinead. — Podemos enviar uma planta do interior para o relógio-GPS de vocês.

— E vamos mandar Jonah e Hamilton como reforço — disse Ian. — Eles já estão voltando para a Europa de avião. Irão para Munique.

— Não sei, não, Ames — disse Evan. — Você está montando uma teoria na base de palpites.

— Em palpites, não. Em instinto — corrigiu Amy.

— Eu confio nos instintos de Amy — declarou Dan. — Acho que devemos ir.

— Dan tem razão — acrescentou Sinead. — Confiamos em você, Amy.

Uma sensação de insegurança cresceu rapidamente em Amy. Apesar da confiança que eles tinham nela, ou justamente por causa disso, sentiu medo.

Às vezes tudo parecia tão surreal, como se ela tivesse mergulhado em um universo paralelo. Talvez a verdadeira Amy tenha ficado em Attleboro, uma nerd que se emocionava com pesquisas escolares cuja ideia de um dia especial era incrementar seu chá indiano com chantili.

Essa Amy não arriscava tudo, nem dizia: *Temos que fazer isto.* Essa Amy não tinha que encarar o tempo todo o medo descomunal – o medo de não ser inteligente o suficiente, ou corajosa o suficiente, para salvar a vida das pessoas que ela amava.

Capítulo 13

Local desconhecido

— Cinquenta e quatro, cinquenta e cinco, cinquenta e seis — contava Reagan em voz alta. Ela nem estava ofegante.

Nellie teve dificuldade em fazer o abdominal seguinte. Alistair tinha desabado no número 17. Fiske havia aguentado até o 40. Natalie cantarolava baixinho enquanto fazia os movimentos. Ted estava concentrado, transpirando pela testa. E Phoenix acompanhava Reagan com facilidade.

— Sessenta. Bom trabalho, pessoal. Terminamos por hoje.

— Obrigado — disse Alistair com dificuldade.

— Muito bem — disse Reagan. — Amanhã vamos trabalhar ombros e braços. Isso quer dizer flexões, pessoal! E, se vocês quiserem trabalhar os abdominais um pouco mais depois do jantar, posso mostrar alguns outros exercícios.

Diante da palavra “jantar”, o estômago de Nellie resmungou.

— Não fale em comida, por favor! — ela pediu.

Naquele exato instante eles ouviram o barulho do pequeno elevador de carga descendo. Fiske foi até ele e abriu a portinhola.

— Repolho e batatas — anunciou.

Nellie sacudiu o punho para a câmera mais próxima.

— Ei, vocês aí! — gritou. — Contratem um *chef* decente!

— Gritar não funciona, lembra? — disse Fiske em tom suave. Ele tirou a travessa do elevador, enquanto Alistair distribuía pratos de papel. — Na última vez que você reclamou da comida, nos deram pão e água.

— Eu sei — admitiu Nellie. — Sinto muito. É só que... O que eu não daria por um *poulet rôti aux herbes*. Com *frites* bem crocantes. E eu queria ver a cara do garçom francês quando eu pedisse ketchup.

— Sinto falta de salada — comentou Natalie.

— Cookies — disse Phoenix.

— Sushi — falou Fiske.

— *Bibimbap* — acrescentou Alistair. — Ou um burrito de frango ao molho *chipotle.*

— Queijo quente com picles — murmurou Ted.

Todos olharam fixamente para o repolho com batatas em seus pratos.

Fiske pegou o garfo e encheu a boca.

— Uma delícia.

Todos trocaram olhares. Não havia alternativa senão comer.

Nellie mastigou as batatas cozidas demais e o repolho amolecido.

Rasparam a travessa até não sobrar nada. Os sequestradores não eram generosos com a comida.

A travessa...

Um erro havia sido cometido. O primeiro erro.

A travessa era de cerâmica. Geralmente os sequestradores mandavam a comida em recipientes de plástico.

Nellie notou que o olhar de Fiske tinha seguido o dela e viu a mesma ideia iluminar o rosto dele. Seus olhos se encontraram.

Eu, Nellie indagou Fiske em silêncio, *ou você?*

Eu. Era preciso que parecesse um acidente. Com o ferimento em seu ombro, havia a possibilidade de parecer convincente.

Nellie pôs a colher de plástico em seu prato vazio e se levantou. Foi até a lata de lixo no canto e jogou a colher e o prato (os sequestradores não faziam coleta seletiva). Em seguida, pegou a travessa e começou a andar até o elevador de comida para devolvê-la.

— Ai, ai! — gritou de repente, como se tivesse sentido uma dor lancinante no ombro.

Sua mão se mexeu convulsivamente e ela deixou a travessa cair. Fez questão de soltá-la com força. A travessa se espatifou; os pedaços se espalharam pelo chão. Um caco grande foi parar ao pé de Ted.

— Desculpe! — disse Nellie em voz alta, abaixando-se para juntar os pedaços.

Alistair se levantou para ajudá-la, assim como Fiske, Phoenix e Reagan. Apenas Natalie continuou comendo.

Como quem não queria nada, Ted pôs o pé sobre o caco de cerâmica.

Eles colocaram os pedaços de travessa no elevador de comida, fecharam a portinhola e retornaram à mesa. Um a um, levantaram-se para jogar fora seus pratos. Phoenix jogou o de Ted, como sempre fazia.

O pé de Ted permaneceu em cima do caco.

As coisas tinham mudado. Agora eles possuíam uma arma.

Capítulo 14

Munique, Alemanha

— Cara — disse Hamilton Holt.

— Bróder — respondeu Jonah Wizard. Eles bateram punho contra punho. — Estamos trabalhando no caso de novo, mano.

Eles tinham acabado de aterrissar no aeroporto de Munique no jato particular de Jonah. O astro já havia alugado um carro; seria mais fácil ir dirigindo até o castelo de Neuschwanstein, especialmente à velocidade máxima autorizada na rodovia. Ele e Hamilton levaram apenas alguns minutos para passar pela alfândega, recolher as bagagens e embarcar no carro esporte vermelho.

— Estamos oficialmente em esquema de celebridade — disse Jonah enquanto ajustava o espelho lateral do carro. — Nada de filas para o Wizard aqui.

Desajeitado, Hamilton espremeu-se no banco do passageiro.

— Você não poderia ter alugado um carro maior? — reclamou, batendo os joelhos contra o painel.

— A ideia é que a gente cause impacto, chame a atenção — explicou Jonah. — Temos que chegar com estilo. Não dá para fazer isso numa minivan, Gigantão. Não dá para fazer quase nada numa minivan, a não ser passar ridículo.

— Ei! Meu pai tem uma minivan.

— Oops.

— Acho que entendo o que quer dizer — admitiu Hamilton enquanto Jonah pisava fundo no acelerador.

Eisenhower Holt não era conhecido por ser um sujeito descolado. Sua fama era de esmagar (com a cabeça) os recicláveis da família, formando montinhos organizados deles.

— Para o meu filme, fiz um curso de pilotagem de carros de corrida com um piloto da Nascar — revelou Jonah. — Passei uma semana tendo aulas de direção defensiva e ofensiva. — Ele virou numa esquina com os pneus cantando.

— Maravilha — disse Hamilton. — Mas dá para você dirigir como se não estivesse tentado me matar?

Eles pegaram a rodovia. Jonah colocou um CD para tocar, e o som de "*Your Love Makes Me So Fly (More Than Money*)" surgiu retumbante. Hamilton precisou fazer um esforço para não pegar os protetores de ouvido que tinha usado no avião. Milhões de pessoas no mundo todo adoravam a música de Jonah, mas para Hamilton ela era um mistério. Parecia apenas gritaria com um baixo ao fundo.

Ele foi obrigado a ouvir mais três CDs antes de chegarem, em alta velocidade, aos contrafortes dos Alpes, passando por paisagens que até mesmo Hamilton era obrigado a reconhecer como belíssimas. Ele gostava de shake de proteínas, de grandes lances do futebol americano e da sensação que se tem depois de pedalar uma bicicleta por sessenta quilômetros. A paisagem não existia para ser admirada. Era um pano de fundo para escalar, correr, remar, erguer objetos grandes e atirá-los longe. Mas aquelas montanhas eram tão lindas que ele nem chegou a imaginar como seria bater com uma machadinha em suas encostas.

Mais adiante eles viram uma BMW amarela parada no acostamento e uma ruiva alta sentada no para-choque. Ela acenou.

— A gente devia parar — gritou Jonah para se fazer ouvir acima da música.

— De jeito nenhum — disse Hamilton. — Estamos numa missão dos Cahill.

— Temos tempo para dar uma carona a ela até o próximo posto de gasolina — retrucou Jonah. — Vamos lá, Ham, é uma donzela em perigo. Cadê seu espírito samaritano?

— Acho que ela não... — Hamilton começou a responder, mas Jonah já estava pegando a outra pista e parando o carro.

Quando eles se aproximaram, a garota desceu do para-choque. Ela usava jeans e botas de couro macio. Seu suéter escorregava de um ombro de maneira sedutora. Hamilton engoliu em seco. Cabelos, dentes e pele eram perfeitos, e os olhos, muito verdes.

— Carro maneiro — observou Jonah. Fez uma pausa, como se estivesse esperando que a garota o reconhecesse.

— Serriá mais maneirrô se tivesse *la gasolina* — respondeu a garota, com um sotaque francês. — Estou indô para Salzburgo parra uma sessão.

O olhar dela dirigiu-se para além de Jonah, e Hamilton viu surpresa no rosto do primo pelo fato de a garota não o ter reconhecido imediatamente.

— Sessão de quê? — indagou Hamilton.

— De fotos parra um catalogô de pneus. — Ela deu de ombros. — Nadá muito emocionante. Mas é com isso que a gente pagá as contas quando se é modelo.

— Você é modelo? Eu nunca imaginaria — disse Jonah com uma voz preguiçosa, sedutora, que fez Hamilton virar-se para olhá-lo, surpreso. Ele nunca tinha visto Jonah flertando.

A garota balançou a cabeça. A cabeleira brilhante espalhou-se por seu ombro nu.

— *Um moment*... Acho que já vi você em algum lugar.

— É mesmo? — Jonah abriu um sorriso largo.

— Agente se conhece? Você é cabeleirreirrô?

— *Cabeleireiro?* — Jonah exclamou, engasgado.

— Pessoal, é melhor a gente ir andando — sugeriu Hamilton.

— Meu nome é Jonah — ele se apresentou, pronunciando seu nome com cuidado. Aguardou algum sinal de reconhecimento.

— Nicole.

— Jonah *Wizard*.

Nicole semicerrou os olhos, olhando para ele atentamente.

— Você é um *wizard?* Um bruxo, *non?* Como Harry Potter?

— Eu sou o Hamilton — ele também se apresentou, embora ninguém tivesse perguntado.

Nicole olhou para seu relógio.

— Nossa, já estou bem atrasada!

— Vamos sair daqui — disse Jonah. — A gente dá uma carona para você até o próximo posto. Então, de onde você é, Nicole? Eu já andei pela França inteira.

— Sou de Paris.

— Ponto para mim! O pessoal de Paris adorou este garoto aqui.

Jonah seguiu Nicole, que se encostou no para-choque para retocar o batom. Hamilton foi até o porta-malas aberto do carro dela e tirou de lá a mala pesada. Fechou a tampa com força e andou até o carro deles. Nicole estava dando uma voltinha em torno do carro esporte vermelho, soltando exclamações de admiração. Passou a mão pelo para-lama.

— Este carro é *formidable!*

— Por que não senta no banco de trás, Hamilton? — sugeriu Jonah. — Você gosta de música, Nicole? Curte hip-hop?

— Gosto de *la musique, oui* — ela respondeu. — *Le jazz.*

— Posso ser o cara do jazz — disse Jonah.

Hamilton teve que ir todo espremido no minúsculo banco de trás, com a mala de Nicole. Até a bolsa dela era grande demais para o banco da frente. Em vez disso, ficou no colo de Hamilton.

Uma abelha zuniu ao entrar pela janela aberta do carro, e Nicole a agarrou em pleno voo, sem interromper a conversa com Jonah. Esmagou a abelha na mão e a jogou pela janela.

Caramba, pesou Hamilton. Modelos também podem ter reflexos incríveis.

— Me conte a história da sua vida que eu conto a minha — Jonah pediu a Nicole. — Mas, antes disso, tem certeza de que não está me reconhecendo?

* * *

— Este lugar é de verdade mesmo? — perguntou Dan, olhando para o castelo do rei Luís II. — Ou eu estou na Disneylândia?

No alto da trilha sinuosa que subia entre os pinheiros, erguia-se o castelo, uma fantasia construída por um rei maluco, com torres, arestas, telhados íngremes e janelas que refletiam a luz do sol se pondo lentamente no horizonte. O castelo ficava no alto de um penhasco rochoso e elevado, com montanhas alpinas nevadas erguendo-se em volta. Ao lado, estendia-se um lago reluzente, de um azul profundo. Isolado, mas orgulhoso de sua grandeza, o castelo ostentava loucura.

Os nazistas tinham abarrotado o magnífico castelo com milhões de dólares em tesouros roubados. Jane Sperling viera em 1945, possivelmente num dia como aquele, de muita neblina. Ali ela tinha encontrado seu velho inimigo. Amy estava certa disso.

— Na verdade, este castelo serviu de inspiração para o da Bela Adormecida na Disneylândia. — Amy verificou o celular outra vez, mas não havia mensagens nem ligações. — Onde será que eles estão?

Ela já tinha deixado mensagens para Jonah e Hamilton. Eles também não haviam se comunicado com Attleboro. Amy estava começando a ficar preocupada.

Ela digitou o número do centro de comando.

— Vocês estão tendo problemas com o *Gideon*? — perguntou. — Ainda não tivemos notícias do Jonah e Hamilton.

— A comunicação por satélite pode não ser tão boa nas montanhas, mesmo para o *Gideon* — explicou Evan, tranquilizando-a — Dê mais algum tempo a eles.

— Vocês receberam o mapa pelo GPS? — perguntou Ian.

— Tudo certo — respondeu Dan, olhando para o relógio de pulso. — Já vi um caminho para uma sala no meio dos túneis.

— Essa é a sala em que o ERR guardava seus arquivos — disse Ian. — Achamos que vocês deveriam começar por ali. Deve ter sido o primeiro lugar onde Jane procurou evidencias do mapa De Virga.

— Se eles não aparecerem em vinte minutos, vamos deixá-los para trás — avisou Amy.

— Tomara que não seja preciso — observou Ian. — Fiquem gelados, como Jonah costuma dizer.

— Cara... Você por acaso quis dizer “fiquem frios”? — sugeriu Dan.

— Isso mesmo. Foi o que eu disse.

— Me dê o telefone, Ian — Evan desligou o viva-voz. — Escute, eu sei que é difícil esperar, mas não gosto da ideia de vocês entrarem sem reforço.

— Vou esperar mais dez minutos — retrucou Amy.

— Minha namorada é teimosa.

— Só agora você percebeu isso?

Amy desligou o telefone e fechou sua jaqueta, apertando-a contra si. Fazia frio sob os pinheiros. Dan estava sentado perto da estrada, encostado na mochila e tomando um dos seis refrigerantes que ele havia comprado no

vilarejo. Amy podia visualizar o sorrisinho de Evan, a curva da sua boca. Era como se pudesse *sentir* o sorriso dele, a ternura de seus olhos quando olhava.

Naquele instante sentiu uma vibração no bolso. Vesper Um. Ela fez sinal a Dan.

Admirando a paisagem? Os Alpes são tão bonitos nesta época do ano! Mas não esqueçam que estou esperando a chegada do próximo pacote! Se precisarem de um incentivo, tenho sete ideias. É só me avisar!

Vesper Um.

— Mais uma ameaça — comentou Dan.

Os dois se voltaram em direção ao castelo, no topo da montanha. O sol tinha descido por trás dos pinheiros altos e as sombras se entendiam na direção deles.

— Não podemos esperar mais tempo por reforço — Amy decidiu. — Temos que entrar.

Capítulo 15

Jonah não sabia como aquilo tinha acontecido. Só sabia que estavam perdidos. O GPS havia parado de funcionar e eles foram obrigados a deixar a rodovia. Nicole tinha indicado uma saída, porque o GPS do telefone dela continuava ativo. Mas, depois de vinte minutos passando por fazendas e vacas, Jonah começava a desconfiar que Nicole não era o que aparentava ser.

Ele a olhou outra vez de soslaio. Havia alguma coisa nela...

As nuvens se afastaram e um raio brilhante de sol iluminou a curva do rosto dela. Jonah se esforçou para não olhar muito. Ele era ator, sabia tudo sobre maquiagem. Havia uma linha fina na parte superior do nariz dela. E por acaso era comum garotas perfeitas suarem na testa, onde o cabelo começava?

Só se estivessem usando peruca. O olhar de Jonah cruzou com o de Hamilton no espelho retrovisor. Ele olhou novamente para Nicole. Hamilton fez que sim com a cabeça. Ele também sabia que alguma coisa estava errada.

O truque mais velho do mundo, e Jonah tinha caído como um patinho.

— Acho que o posto de gasolina fica logo depois dessa curvá — indicou Nicole.

— Por que você não deixa Hamilton dar uma olhada no seu telefone? — sugeriu Jonah, e seu olhar cruzou outra vez com o de Hamilton.

— Deixe eu ver — pediu Hamilton. — Sou ótimo com GPS.

Ele se debruçou para a frente e pôs sua mão enorme sobre o telefone. Nicole tentou segurar o aparelho, mas não havia como resistir. Com um leve suspiro entredentes, ela o soltou.

Jonah fez uma curva à direita, virando a direção com força, e Nicole estendeu a mão para se segurar. Rapidamente ele vislumbrou uma tatuagem na parte interna do pulso dela: um triceratope roxo, exatamente como o do irmão dela.

Jonah quase gemeu alto. Como ele podia ter sido tão idiota? Tinha visto a foto de Cheyenne Wyoming. Mas aquela garota não se parecia nada com ela.

Ela parece diferente porque está usando peruca, nariz falso e lentes de contato, seu imbecil!

— Não consigo fazer o GPS desta coisa funcionar — disse Hamilton, olhando para o telefone.

— Me devolve? — Cheyenne esticou a mão e puxou o aparelho.

Precisavam livrar-se dela, e rápido. Quem sabe o que estaria planejando?

— Olhe, um camponês! — exclamou Hamilton.

— Ele está lá longe o campo — comentou Cheyenne.

Era verdade. O homem não passava de um pontinho no meio da campina, e o muro de pedra que havia em frente tinha pelo menos dois metros de altura.

— É a nossa melhor opção — disse Jonah, virando o volante.

O carro parou com os pneus guinchando.

— Hmmm — disse Jonah. — Garotas são bem melhores para convencer fazendeiros rabugentos para explicar o caminho.

— Isso mesmo! — Hamilton saltou do carro e abriu a porta de Cheyenne. Ele praticamente a pegou no colo para tirá-la do carro.

— Não consigo subir nesse murrô!

— Nenhum problema — rebateu Hamilton.

Ele ergueu Cheyenne, que gritava, e a colocou em cima do muro.

Em seguida correu de volta para o carro e espremeu-se no banco da frente.

— Pise nesse acelerador! — gritou.

O carro voltou para a estrada, levantando cascalho.

— Que loucura! — exclamou Jonah, dando um soco no volante. — Não acredito que fomos tão burros! Aquela era Cheyenne Wyoming!

— *Nós* fomos tão burros, cara? Foi você quem falou pra gente dar carona pra ela.

— Golpe baixo, mano.

Mas Jonah sabia que Hamilton tinha razão.

— Ela nos fez de idiotas — disse Hamilton. — Acho que bloqueou o sinal do nosso satélite. Deve ter plantado algum tipo de aparelho no carro. — Ele começou a fazer uma busca no painel e no chão, procurando um bloqueador. — Você devia estar ocupado demais tentando fazê-la reconhecer você, e não percebeu. Pelo menos eu fiquei com o celular dela.

— Uau, como você fez isso? Eu vi quando ela pegou o telefone de volta!

— Sabe no verão passado, na mansão da Grace? Dan e eu tivemos aulas com Larry Mão-Leve.

Hamilton acessou o telefone.

— Vou dar uma olhada nas mensagens antigas dela. Ela recebeu uma! “G está na área. Pode ser preciso fazer remoção...” — Hamilton olhou para a tela, espantando, ao ver as letras começarem a desaparecer. — A mensagem está sendo apagada! Não consigo ler o resto.

— O telefone deve ser protegido por senha e programado para apagar — disse Jonah. — Fica frio, mano. Talvez o pessoal em Attleboro consiga instalar um programa espião nele.

Hamilton olhou nervoso para Jonah.

— Mas por que ela estava tentando nos atrasar? Você acha que Casper está lá com Amy e Dan?

Jonah pisou fundo no acelerador.

— Tomara que Amy e Dan nos esperem para entrar.

* * *

Amy e Dan percorreram o pátio do castelo com os demais turistas, fazendo de conta que admiravam o panorama magnífico formado pelo lago e pelas montanhas. Tinham andado muito devagar pelos espaços imponentes que se sucediam com grandiosa magnificência: a sala do trono, a sala de estudos, a sala de estar. Tinham esticado o pescoço para trás, fingindo admirar os murais complicados que mostravam cenas das óperas favoritas de Luís II. Haviam circulado por ali, tentando ver como poderiam se afastar do grupo sem serem notados pelo guia. Mas as salas eram enormes e o grupo de turistas, muito pequeno.

— Vamos sair e pronto — cochichou Amy. — Este lugar é imenso, eles jamais vão saber para onde fomos. E estaremos nos túneis. Eles não vão pensar em olhar lá.

— Tudo bem. Assim que o guia começar a falar de novo, vá andando para trás.

O guia se voltou para um mural e se pôs a discorrer sobre uma ópera de Wagner. Dan calculou que era o momento perfeito para irem embora, senão ele morreria de tédio.

Esconderam-se atrás de uma cortina vermelha, aproximaram-se de uma porta e passaram ao ambiente seguinte. Estavam num corredor comprido, que percorreram rapidamente. Dan verificou seu relógio-GPS e colocou os fones de ouvido.

— À esquerda, depois à direita.

Eles estavam numa área do castelo fechada a visitantes. Dan os conduziu pela escadaria dos fundos, atravessando a cozinha imensa. Saindo dela, encontraram a porta que levava aos níveis inferiores e aos túneis. Amy esperava encontrar espaços pequenos, apertados e sujos, mas os túneis eram grandes e arejados. De lá, viram um grupo de turistas saindo para o pátio.

Dan continuou a andar, ouvindo instruções pelo fone de ouvido. Eles avançaram, fazendo curvas e mais curvas. Por fim, Dan parou.

— É aqui — disse.

Tirou o fone do ouvido e empurrou a porta, abrindo-a.

O cômodo estava completamente vazio, exceto por um armário cinza para arquivar documentos. Amy e Dan abriram as gavetas, mas elas estavam vazias.

— Fale comigo, Jane — Amy fechou a gaveta com força. — Onde você o deixou?

Dan começou a deslizar as mãos nos tijolos da parede do outro lado da sala, seguindo a linha de blocos rente ao piso. Nada.

— O piso tem uma inclinação — Amy comentou, de repente. — Por que será?

— Bem, isto aqui é um túnel — refletiu Dan. — Pode ser que inunde. Deve haver um ralo.

Amy seguiu a inclinação do piso e localizou um ralo pequeno e quadrado.

— Dan! — exclamou. — No artigo que li, Jane disse *“desceram pelo ralo”*!

Dan olhou dentro do ralo.

— Você acha que está aí?

— Acho, sim. Você consegue arrancar a grade?

Da tirou sua multiferramenta do bolso e encaixou a lâmina na lateral do ralo. Levou vários minutos até conseguir retirar a grade.

Amy respirou fundo e botou a mão dentro do buraco. Foi tateando ao longo de um cano corroído.

— Aaargh — reclamou.

Deitou-se no chão, o rosto contra a pedra fria, e esticou o braço o mais que pôde.

— Há alguma coisa aqui! — ela disse, com o coração batendo forte. — Um barbante... amarrando alguma coisa.

— Consegue pegar?

— Acho que sim.

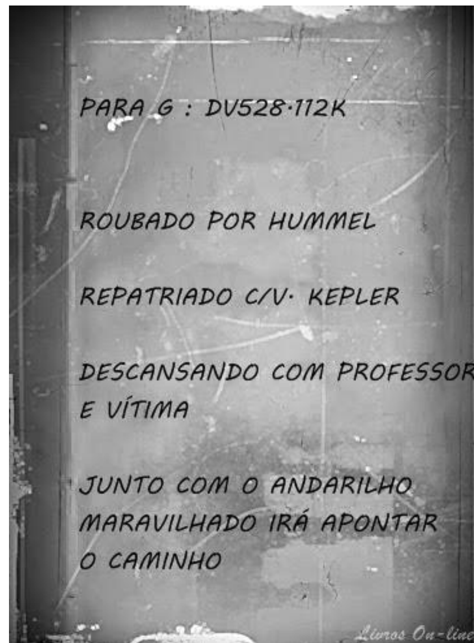
Devagar e com esforço, Amy foi puxando um pacote pequeno e chato, envolto em um plástico amarelado. Suas mãos tremiam quando abriu o embrulho com todo o cuidado.

Era um caderninho de couro preto, e não o mapa De Virga. Decepcionada, Amy abriu a capa do caderno devagar, com a ponta do dedo.

Ela viu as iniciais no verso da capa interna, escritas com caneta e já quase apagadas: *JS junho 1945*.

— Jane — sussurrou Amy.

Virou a página com delicadeza. Escrito a lápis, e já quase tão apagado que ela mal conseguia ler, estava:



— Fantástico — resmungou Dan. — Bem o que estávamos precisando! Mais um código! Por que as pessoas não podem simplesmente dizer o que querem dizer? Por que não podem dizer O MAPA ESTÁ EM CIMA DA MESA?

Amy folheou o caderno às pressas. As outras páginas estavam em branco.

— Pelo menos encontramos alguma coisa que vai nos levar até o mapa. — Ela guardou o caderno no bolso interno da jaqueta. — Agora vamos sair daqui. Este lugar está me dando um mau pressentimento.

— Hmmmm. Passagens secretas, tuneis, fantasmas nazistas, seguranças, um rei louco... Não faço ideia do que você quer dizer.

— Já estão indo embora? Mas vocês se esqueceram de uma coisa...

A voz ecoou do lado de fora, no túnel. Amy e Dan, ajoelhados, se levantaram de um salto e viram uma figura bloqueando a entrada.

— De mim.

Casper Wyoming estava encostado na porta com uma faca reluzente na mão.

* * *

A estrada subia pelas montanhas e Jonah acelerava pelas curvas acentuadas o mais que ousava.

— Você parece tão macho aí, agarrado na maçaneta da porta desse jeito... — ele disse a Hamilton.

— Só... tome... cuidado — respondeu Hamilton, cerrando os dentes.

Mais adiante, Jonah viu uma sequência de curvas especialmente fechadas que levavam a uma ponte frágil sobre um despenhadeiro. Tirou o pé do acelerador; queria velocidade, mas não era suicida.

Jonah pisou no freio antes da primeira curva. A velocidade não diminuiu e o carro raspou nas grades de proteção.

— Eeita! — berrou Hamilton, olhando para o abismo ao lado. — Cara, o freio fica do lado esquerdo do acelerador!

Preocupado, Jonah pisou novamente no freio. O pedal foi até o fim. De repente, suas mãos ficaram suadas no volante.

— Há alguma coisa errada com os freios.

Jonah nem reconhecia a própria voz, fraca e trêmula. Mais uma vez pisou fundo nos freios. Nada.

— Há alguma coisa errada com os FREIOS?

— Acho que estamos sem freios.

— Estamos sem FREIOS?

— Não adianta ficar repetindo tudo o que eu digo, mano! — gritou Jonah.

— Foi ela! — exclamou Hamilton. — Ela plantou alguma coisa aqui, algum aparelhinho...

Jonah reduziu a marcha enquanto o carro subia a montanha ainda em alta velocidade. O motor protestou com um gemido raivoso.

— Vamos lá, carrinho, colabore!

Pelo menos eles estavam subindo a montanha. A gravidade ia fazendo o carro perder velocidade.

— Deve ter sido ativado por controle remoto ou algo assim. CUIDADO! — Hamilton gritou de repente, quando outra curva surgiu diante deles. Jonah passou por ela com extrema dificuldade, os pneus cantando. — Ou quem sabe esteja dentro do carro e eu consiga achar! — Ele começou a procurar freneticamente.

Jonah concentrava-se na direção.

— Não tire o cinto de segurança! E prenda tudo o que estiver solto no carro — mandou o astro.

Se eles despencassem na estrada, qualquer coisa que voasse do carro poderia se converter num míssil.

— Talvez esteja na mala dela! — disse Hamilton.

Ele girou o corpo. Tirou o cinto de segurança, esticou o braço para trás, pegou a bolsa de Cheyenne e atirou-a pela janela. Em seguida, fez força para puxar a mala dela para a frente e a empurrou pelo espaço pequeno da janela. Tentou não olhar quando a mala quicou e foi se chocar contra a encosta da montanha, partindo-se em duas. O mesmo poderia acontecer com ele num instante.

— Teste os freios de novo! — gritou Hamilton, voltando a se ajeitar no assento e pondo o cinto de segurança.

Jonah, transpirando, sacudiu a cabeça.

— Sinto muito, cara. Não era a mala.

Jonah recorria às marchas para frear, lembrando-se das aulas de direção. Ele tinha aprendido a controlar o carro com o volante, a acelerar nas curvas e a manter o carro na pista. Tentou se lembrar de tudo o que tinha aprendido sobre redução de marchas, aceleração, desaceleração...

Ele só queria que suas mãos não estivessem suando tanto.

— A ponte — a voz de Hamilton, normalmente grave, estava esganiçada. — Se você não conseguir fazer aquela curva, vamos sair da estrada.

Jonah não respondeu. Não havia o que responder. Hamilton tinha razão.

Tentou planejar a rota enquanto lutava para conservar o carro na estrada. Teria que fazer aquela curva e imediatamente reduzir a marcha. De onde estava já podia ver que seria impossível. A não ser... a não ser que usasse a encosta da montanha para reduzir a velocidade do carro. Apenas o suficiente para não perder o controle.

Jonah engoliu em seco e agarrou o volante com força.

— Segura firme — tentou dizer, mas sua boca estava tão seca que as palavras mal saíram.

Ele foi conduzindo o carro aos poucos para a esquerda.

— O que você está fazendo? — berrou Hamilton.

O carro bateu contra a montanha e foi jogado de volta para a estrada. Não deu certo. A pancada tinha sido forte demais.

Jonah se aproximou da encosta novamente, desta vez calculando mais o choque. O espelho lateral foi arrancado, faíscas voaram. O carro estava indo mais devagar, sem duvida... mas a curva estava logo ali.

Ele voltou à estrada com um solavanco e o volante trepidou em suas mãos. Fez a curva sobre duas rodas apenas. Por um instante, tudo o que eles viram foi a paisagem límpida alpina: céu azul-escuro e pinheiros verde-escuros.

O carro estremeceu e permaneceu na estrada. Jonah reduziu a marcha, lutando contra a gravidade, contra a estrada, contra a montanha, contra os VESPER, porque ele ia VENCER...

O veículo se endireitou e começou a atravessar a ponte em alta velocidade. Jonah o manteve firme.

— Jonah! Lá na frente, à esquerda! Está vendo aquela estradinha? É uma subida.

Jonah viu o que Hamilton tinha visto. Se conseguisse fazer aquela curva, o carro naturalmente perderia velocidade na subida da montanha. Se seguisse reto, eles continuariam descendo a montanha, com mais curvas para controlar, mais chances de bater...

Era a única esperança deles.

Lá embaixo, trezentos metros de vazio. A ponte era estreita, não havia muito espaço para uma guinada à direita. Mas Jonah tinha que conseguir; do contrário, era perder o controle, bater contra o parapeito e lançar-se no espaço.

Capítulo 16

Agora!

Jonah virou a direção para a esquerda, e o carro reagiu, deslocando-se do chão por alguns instantes. Em seguida, voltou para a estrada aos solavancos, bateu na grade de proteção e por fim aterrissou na estrada em aclive. Jonah controlou o veículo e reduziu a marcha na subida, até conseguir bater suavemente contra uma pedra no acostamento.

O carro parou com tudo. Jonah bateu a cabeça no volante. Hamilton se chocou contra o painel.

— Cara! — disse Hamilton.

— Bróder! — disse Jonah.

— Essa foi por pouco. Foi por tão pouco, mas tão pouco, que quase foi o nosso fim — concluiu Hamilton, aliviado.

— Nunca mais quero chegar tão perto do fim da linha — comentou Jonah.

Com as mãos tremendo, pegaram seus celulares e mochilas. Assim que saíram do carro, seus telefones começaram a tocar. Fazia meia hora que Attleboro não tinha notícias de Dan nem de Amy, e eles não estavam atendendo as ligações.

— Temos que encontrá-los! — disse Hamilton, socando o carro.

— Cara, este é um carro alugado. Você quer deixar marcas nele também? — Jonah agachou-se ao lado do automóvel. — Só precisamos encontrar o aparelho, para que o pessoal de Attleboro possa examiná-lo. Pode ser uma pista. — Em instantes, segurava no alto uma bolinha. — Esta belezinha é uma câmera de vídeo. Foi assim que Cheyenne soube no momento de maior impacto para danificar nosso freio.

Eles agarraram suas coisas e meio que correram, meio que deslizaram para baixo, até a estrada. Ela estava deserta.

Hamilton jogou a mochila no chão e, sentindo-se impotente, soltou um urro.

— Espere aí. Estou ouvindo alguma coisa — disse Jonah.

Os dois trocaram olhares. E se fosse Cheyenne? E se ela tivesse encontrado outros do bando dos Vesper? De repente, a estrada lhes pareceu isolada e eles se sentiram vulneráveis.

Um pontinho apareceu ao longe, passando pela última curva antes da ponte. O pontinho foi ganhando tamanho, até virar um micro-ônibus que atravessou a ponte e seguiu na direção deles. Por mais que os nervos dos dois estivessem à flor da pele, um micro-ônibus lhes pareceu um bom sinal. Jonah foi para o meio da estrada, agitando os braços. Hamilton permaneceu tenso, pronto para atacar se fosse preciso.

O veículo parou com um cantar de freios. Uma jovem de tranças loiras esticou a cabeça para fora da janela.

— Jonah WIZARD! — ela berrou.

* * *

Casper tirou do bolso uma maçã vermelha enorme e começou a descascá-la com a faca. Era hipnotizante observar a lâmina polida, reluzente, movimentando-se em volta da maçã. Uma faixa finíssima de casca começou a descer em espiral.

— Ei, amigos — disse Casper. — Senti saudades de vocês.

O pavor invadiu os ossos de Amy, e ela achou que não poderia se mexer. Casper estava bloqueando a porta, eles estavam presos. Ela não queria chegar perto daquela faca reluzente.

— Na última vez que nos vimos, eu estava no fundo de uma fenda numa geleira, ao lado de um homem morto — disse Casper. — E vocês nem se despediram de mim.

A casca caiu lentamente no chão. Casper cortou um pedaço da maçã com movimentos ágeis da faca, com tanta rapizdez e habilidade que Amy estremeceu.

Ele estendeu o pedaço de maçã na ponta da faca.

— Estão servidos? Não? — Ele sugou o pedacinho de maçã da ponta da faca. Se estava tentando assustá-los, estava conseguindo.

— O que é, Casper? — Amy odiou o tremor em sua voz. — O que você quer?

— Ah, eu não disse? O mapa. Quero o mapa.

— Não estamos com o mapa. Ainda temos três dias de prazo para encontrá-lo.

— Mas vocês encontraram alguma coisa. Ouvi vocês — Casper cortou outra fatia de maçã, jogou-a na boca e a mastigou.

— Vocês precisa nos deixar seguir as pistas — disse Amy. — Esse é o trato.

Casper sorriu. Ele jogou um pedacinho de maçã em Amy. O pedaço atingiu seu rosto. Amy recuou.

— Eu não fiz nenhum trato, queridinha.

Ele deu um passo à frente e jogou outro pedaço de maçã em Amy, atingindo-o na face. Dan cerrou os punhos.

— *"Pelo menos encontramos alguma coisa que vai nos levar até o mapa."* — Casper imitou a voz fina e delicada de Amy, depois estalou a língua num som de desaprovação e jogou a maçã fora. — Vocês dois acham que são as únicas pessoas espertas do mundo, é? Você disse que encontrou alguma coisa que vai *levar vocês até o mapa*. Então, me entregue essa coisa, queridinha, senão...

— Senão o quê? — perguntou Dan. — Você vai nos matar? Olha que o seu chefe não vai ficar nada satisfeito.

— Não preciso matar vocês dois — Casper sorriu. — Um só já é o suficiente.

As pernas de Amy tremiam tanto que ela teve medo de cair. Estendeu uma mão para se apoiar no braço de Dan. Sabia que, mesmo que não tivesse forças para se proteger, protegeria o irmão.

— Que diferença faz, Ames? — Dan disse para a irmã. — Ele é um Vesper. Por que não entregar logo a ele?

Dizendo isso, abaixou-se na direção da mochila. Mas o caderno estava no bolso de Amy. O que seu irmão estaria planejando?

— Nada de gracinhas — avisou Casper.

— Cara, se você acha que eu me importo com qual Vesper vai ficar com isso aqui, vocês está é maluco.

Amy estava pronta para qualquer coisa, mas Dan a surpreendeu. Ele se levantou com uma lata de refrigerante na mão e a jogou em Casper, atingindo-o na testa. Os dois viram um olhar quase cômico de espanto no rosto dele antes de Amy tomar coragem e acompanhar Dan, desferindo um chute voador de artes marciais na mão que empunhava a faca.

A arma foi ao chão. Com um giro rápido, Dan a chutou para dentro do ralo.

Casper soltou um palavrão. Dan bateu na cabeça dele com a mochila. Ouviu-se um som surdo quando as latas de refrigerante se chocaram contra seu crânio. Casper cambaleou.

Os irmãos Cahill passaram por ele e saíram correndo pelo túnel.

A cabeça de Amy funcionava a toda. Ela sabia que o túnel os levaria para fora, para o pátio. Eles precisavam de uma multidão. Mas, se um grupo de turistas não estivesse saindo, o pátio estaria vazio.

— Qual é o caminho para o andar de cima? — perguntou a Dan.

— Não sei! — ele gritou.

Os dois ouviram passos rápidos atrás deles e perceberam que Casper já havia se recuperado.

— Estou escutando alguma coisa! — disse Amy, ofegante. — Ouça!

Luís II era animal, mano...

Ele também era mau, mano...

Era cara de pau, mano...

— Jonah! — sussurrou Amy.

Onde Jonah estivesse, haveria uma multidão.

Casper surgiu de repente na frente deles, vinde de trás de uma curva. Ele devia ter descoberto algum atalho. O Vesper ergueu uma mão e com um clique abriu outra faca. E sorriu.

Eles pararam. Amy podia ouvir a voz de Jonah vindo do lado direito. Porém estava ficando mais *baixa*, e não mais alta.

— Antes eu só estava irritado — disse Casper. — Agora estou furioso.

Amy respirou fundo.

— AIMEUDEUS, É JONAH *WIZARD*! — ela gritou com voz aguda, exatamente como milhões de garotas gritavam no mundo todo.

O som ecoou pelas parede do túnel.

Casper a olhou como se ela tivesse enlouquecido.

Num instante, ouviram de novo a voz de Jonah. Aproximando-se, e rápido.

— *ERA UM LOUCO TOTAL, MANO!*

Amy quase chorou de alívio.

Jonah surgiu correndo no túnel principal, cercado por uma multidão de garotas agitadas e risonhas, ladeadas por seguranças do castelo. Hamilton foi correndo para perto de Amy e Dan. Ao seguir o olhar de Amy, viu Casper. Cerrou os punhos.

Casper olhou para aquela aglomeração, depois para os punhos de Hamilton, para os guardas e para Jonah, que se movia, empurrando a

multidão de modo que ela esmagasse Casper contra a parede. Ele se afastou enquanto a multidão seguia em frente, com Amy e Dan em segurança no meio dela.

Quando os irmãos passaram por ele, Casper deslizou um dedo pelo pescoço, num gesto clássico de "Você está morto", apontando para eles.

— Me aguardem — murmurou.

Capítulo 17

O pôr do sol era espetacular, e eles achavam-se em segurança no micro-ônibus com as estudantes da Estônia que se dirigiam a Salzburgo para assistir à turnê de *A noviça rebelde*. Jonah estava sentado com as garotas na frente do ônibus, liderando uma cantoria.

Quem teria imaginado que o astro do hip-hop soubesse toda a letra de "*Climb Ev'ry Mountain*"?

Amy, Dan e Hamilton estavam encolhidos no fundo do ônibus.

— Por que Casper e Cheyenne querem nos matar? — indagou Amy. — Não faz sentido. Por que se dar a todo o trabalho de sequestrar alguns Cahill e nos obrigar a ajudar, se vão nos matar antes de terminarmos o serviço?

— Talvez Vesper Um não saiba disso — sugeriu Hamilton. — Talvez Casper e Cheyenne estejam agindo por conta própria. Querendo impressionar Vesper Um, ou algo assim. É o tipo de coisa que minhas irmãs fariam — acrescentou sem jeito.

Amy e Dan se voltaram para ele de olhos arregalados.

— Bom, e o que é que eu sei para dizer uma coisa dessas? — disse Hamilton, agitando-se, incomodado. — Nada, certo?

— Não, é brilhante! — exclamou Dan.

Amy concordou.

— O único problema é que não temos como informar Vesper Um.

— E eles devem estar contando com isso — acrescentou Dan.

— Maravilha — disse Amy. — Agora também temos os irmãos Wyoming e a Interpol atrás de nós. E o tempo para encontrarmos o mapa está acabando.

— Vou falar com Attleboro — disse Hamilton.

Afastou-se e tirou o celular do bolso. Eles já tinham mandado a anotação de Jane para centro de comando.

— Você foi ótimo lá dentro — Amy disse a Dan. — Quando eu vi Casper, fiquei paralisada.

— E você tirou a faca da mão dele com um chute.

— Apenas porque você cravou aquela lata na cabeça dele — Amy mordeu o lábio. — Fiquei com tanto medo, Dan não consegui raciocinar. — Ela sacudiu a cabeça. — Estou envergonhada. Se não fosse você, teria sido nosso fim.

— Espere aí — disse Dan. — Se você está querendo que eu jogue confete em você, desista. — Ele a cutucou com o dedo. — Foi você quem deu um jeito de Jonah nos encontrar. Que pulmões poderosos! Pensei que você só usasse toda aquela potência de voz para mandar eu sair do banheiro.

Amy sorriu, mas seu coração continuava pesado.

Ela olhou para as montanhas escuras. Era como se elas as pressionassem.

— Mas e se um dia a gente não souber como reagir? E se um dia...

— Não, não vamos perder este jogo — o olhar de Dan era intenso. — Eu me lembro da cara da Nellie naquele vídeo. E de Fiske, Phoenix, Ted, de todos eles. Não vamos perder este jogo. Aconteça o que acontecer.

Amy deveria ter se sentido reconfortada. Mas havia alguma coisa estranha na confiança de Dan... O que seria?

Não era confiança. Era mais como um desespero. Hamilton voltou para o seu assento, junto deles.

— Eles têm uma pista para nós. Vejam.

O V com Kepler nos deixou um pouquinho confusos. Deve ser V de Vesper. Isto se o mundialmente famoso astrônomo do século XVII Johannes Kepler foi um Vesper.

Amy imediatamente respondeu com uma pergunta:

Um manuscrito de Kepler foi roubado pelos nazistas?

Sim. Um dos primeiros exemplares do Mysterium Cosmographicum. *Foi guardado no castelo de Neuschwanstein. Agora está no acervo da Biblioteca de Filosofia e Cosmologia de Praga.*

— Quer dizer que Jane pode ter encontrado um registro dessa obra no castelo — disse Amy. — Repatriado quer dizer “devolvido ao país de origem.” Será que ela pôs o mapa De Virga dentro do livro de Kepler? Ainda não sei o que significa “descansando com professor e vitima.” Mas Jane está nos tentando dizer alguma coisa.

Dan concordou.

— E isso quer dizer que vamos para Praga.

* * *

Praga, República Tcheca

A Biblioteca de Filosofia e Cosmologia de Praga tinha 400 anos. Originalmente vinculada a um mosteiro, agora ocupava um edifício ultramoderno projetado por um arquiteto mundialmente famoso que gostava de usar aço inoxidável como se fosse plástico de embrulhar doces. Dan não sabia se entrava na biblioteca ou se comia um pedaço dela.

Eles entraram em um saguão forrado de lambris onde se via unicamente um suporte de aço escovado para guarda-chuvas, vazio.

— Lembre-se somos Sarah e Jack Teague — murmurou Amy. — Os Farley já eram.

Portas de vidro se abriram automaticamente quando eles avançaram. À frente havia uma mesa curva de madeira escura polida. Atrás de portas de vidro via-se a grande sala de leitura, com estantes de livros que se elevavam até uma galeria no segundo andar. Mesas compridas percorriam a sala de ponta a ponta. Havia poucas pessoas espalhadas pelo ambiente, com a cabeça debruçada em livros e laptops.

A mulher sentada à mesa levantou os olhos do computador. Ela usava óculos grossos de aro preto que, de alguma maneira, a faziam parecer moderna, em vez de nerd. O cabelo negro e lustroso estava preso num rabo de cavalo bem apertado.

— Posso ajudá-los?

— Somos estudantes americanos — disse Amy. — Gostaríamos em fazer uma pesquisa em sua biblioteca. — Ela sorriu, tentando agradar a mulher.

— Vocês têm uma carta de referência?

— Não — disse Amy.

— Esta é uma biblioteca particular — explicou a mulher. — Apenas para estudiosos conveniados. Sinto muito. Há outras bibliotecas em Praga que poderão atendê-los, tenho certeza.

E voltou-se para o seu computador.

— Mas... — Amy se esforçou desesperadamente para pensar em alguma coisa. Que blefe poderia usar para que fossem admitidos? — Esta é a única biblioteca que tem o que precisamos.

— Você pode me dizer qual é o tema de sua pesquisa?

— Ahn... Os primeiros livros de Johannes Kepler.

— Temos apenas um dele.

— Sabemos disso — Dan falou. — O livro que foi recuperado no castelo de Neuschwanstein depois da guerra.

A mulher comprimiu os lábios.

— É uma de nossas obras mais valiosas. Não podemos deixar qualquer pessoa manuseá-la.

— Há mais alguém com quem podemos falar? O diretor, talvez? — Perguntou Amy educadamente.

— Eu sou Katja Mavel, a diretora da biblioteca. Sinto dizer que sou a última pessoa a quem vocês poderiam recorrer.

— Minha irmã e eu somos alunos do doutor Mark Rosenbloom — disse Dan num impulso.

Amy tentou não demonstrar surpresa. Mark Rosenbloom era pai de Jake e Atticus, os garotos que os denunciaram à Interpol. De fato ele era um arqueólogo mundialmente famoso, mas ela e Dan nunca o tinham visto.

A mulher fez uma pausa.

— O doutor Rosenbloom não lhes deu uma carta de referência?

— Deu, mas não sabemos onde a colocamos.

— Por que não enviam um e-mail ao doutor Rosenbloom pedindo os documentos necessários?

— Não podemos — disse Dan. — Ele está numa escavação arqueológica na... Eritreia. Não há recepção de satélite lá.

Amy olhou para o irmão. De onde tinha saído aquilo? Ela nem imaginava que ele soubesse localizar a Eritreia no mapa. Nem ela mesma sabia. Mas, de uma hora para outra, lá estava Dan demonstrando maturidade e inteligência. Como podia ser? Por que ele não agia da mesma forma na hora do jantar, em vez de usar sua colher como catapulta para arremessar purê de batatas em seu prato quando ela podia mais um pouco?

A mulher pareceu hesitar, porém seu tom de voz foi firme.

— Infelizmente não podemos abrir exceções. Conheço o doutor Rosenbloom pessoalmente e também o trabalho dele. Mas não posso deixá-los entrar sem os documentos — a voz dela ficou mais suave. — Tenho certeza de que deve haver uma forma de entrar em contato com ele. Talvez ele possa nos telefonar para apresentar vocês. Podemos afrouxar um pouco as regras, mas não desobedecer a elas. Tenham um bom dia.

Amy rabiscou um endereço de e-mail seguro e o nome Sarah Teague num pedaço de papel.

— Se conseguirmos que o doutor Rosenbloom lhe envie um e-mail, você pode nos escrever avisando que nos admitirá na biblioteca?

— Não posso prometer nada.

A doutora Mavel deu uma rápida olhada no papel. Não disse *sim*, mas o guardou numa gaveta.

Não havia o que fazer senão ir embora. Amy e Dan ficaram na calçada diante da biblioteca. Era um lindo dia de outono, frio e refrescante. A cidade de Praga se espalhava em torno deles, com seus belos prédios antigos, colinas e torres de igreja. Eles podiam ver o rio Vltava e o castelo de Praga. Mas Amy não conseguia observar nada daquilo. Quase podia sentir o tempo passando, da mesma forma que o vento varria seus cabelos para trás e espalhava folhas a seus pés.

— Não sei o que fazer — admitiu. — Mas foi uma boa ideia mencionar o pai de Atticus.

— Mesmo assim, não conseguimos entrar. E não vamos poder telefonar para ele. Jake deve ter contado que somos ladrões.

Amy se lembrou da expressão de Jake, do desprezo que manifestou quando soube o que ela e Dan estavam planejando.

— Vamos emitir um alerta para os Cahill — ela propôs. — Alguém virá nos ajudar. Enquanto isso, poderemos nos concentrar em conseguir uma boa

tradução do epílogo de *Il milione*, De alguma maneira, deve fazer sentido com todo o resto.

— Plínio, o jovem, Marco Polo, Caravaggio, Johannes Kepler e um nazista — disse Dan, assinalando os nomes em seus dedos. — Todos separados por séculos e séculos, mas ainda assim ligados?

— Têm que estar — respondeu Amy. — Vamos voltar ao hotel.

Ao chegarem naquela manhã, eles tinham feito *check-in* num hotelzinho escondido numa rua lateral. Como o quarto ainda não estava pronto, saíram com suas mochilas, que estavam começando a ficar pesadas. Jonah e Hamilton tinham ido para um hotel quatro estrelas de uma rede americana. Todos haviam concordado que era mais seguro ficarem separados.

Enquanto eles percorriam os muitos quarteirões até o hotel, Dan sentia mais o peso do desânimo que o da mochila sobre os seus ombros. Imaginou Hamilton e Jonah no quarto do hotel deles com roupões atoalhados e macios, atacando a cesta de frutas deixada como cortesia.

Quando chegaram ao hotel, o recepcionista saiu de trás do balcão para conversar com eles.

— Peço desculpas. O quarto de vocês ainda não está pronto — disse. — Posso sugerir um lanche na *kavarna*, o café? Cortesia do hotel, claro.

— Cara, você usou a palavra mágica — disse Dan.

Eles estavam cansados de caminhar. Cansados de pensar. Um pouquinho de açúcar lhes faria bem.

Foram para o café ao lado do saguão, sentaram-se a uma mesa e pediram chocolate quente e *vdolek*, um bolinho doce com geleia e chantili.

Dan estava prestes a mergulhar a colher no potinho quando Amy ficou rígida. O mesmo homem de nariz adunco que estava no trem para Lucerna abriu a porta do hotel.

— Dan!

Dan lambeu os lábios, olhando para o doce.

— Isto daqui parece uma nuvem do paraíso.

O homem foi direto para a recepção.

Interpol.

Amy encolheu-se atrás das costas largas de um cliente que devorava um prato enorme de doces.

Não conte a ele onde estamos. Não conte não conte não conte.

O recepcionista olhou para o papel que o homem lhe mostrava. E apontou para o café.

Capítulo 18

— Temos que sair daqui — Amy se pôs de pé. — Agora.

— Espere, meu *vdolek* — protestou Dan, estendendo a mão para pegar o doce.

Amy puxou o braço dele e Dan caiu de cara no chantili.

Ela se inclinou como se fosse pegar a bolsa. No espelho acima do balcão, via claramente o detetive da Interpol tentando olhar dentro do café. Tudo o que ele viu foi um garoto com o rosto coberto de creme.

Dan estendeu a mão para pegar um guardanapo, mas Amy enfiou o bolinho em seu rosto outra vez.

— Mmmff — protestou Dan com a boca cheia de chantili.

Mantendo o irmão de costas para o saguão, Amy o conduziu pela porta. Ao chegar, empurrou Dan para a frente até os dois desaparecerem na multidão de turistas.

Dan limpou o chantili do rosto e lambeu os dedos enquanto Amy e ele abriam caminho entre as pessoas.

— Nunca uma fuga foi tão doce — festejou.

* * *

Attleboro, Estados Unidos

O pacote chegou naquela mesma tarde. Sinead o levou imediatamente para o andar de cima, ao centro de comando. Os dados do telefone de Cheyenne tinham sido apagados, mas ainda assim ela poderia arrancar algumas informações dele. Sinead pôs mãos à obra.

Ian examinou a câmera de vídeo que Cheyenne tinha grudado no para-lama. Era tão minúscula e tecnológica que, como o smartphone dos Vesper,

só poderia ter vindo de um órgão militar ou de espionagem. Se ele cruzasse o aparelho com os nomes relacionado ao telefone DeOssie que estavam começando a chegar, quem sabe encontraria uma conexão?

Evan e Sinead tinham criado um programa para levantar informações sobre a etiqueta do casaco que haviam visto no vídeo enviado por Vesper Um. Era de uma empresa da República Tcheca, com fábricas na China que vendiam para toda a Europa e Estados Unidos. Com um mecanismo de buscas ampliado, o computador agora estava identificando todos os pontos do varejo em que a marca era comercializada. A lista era extensa.

Ian espiou o programa por cima do ombro de Evan. Fixou-se nos nomes das lojas, que começavam a se confundir diante de seus olhos cansados.

— O que é Walmart? — perguntou.

— É a mais nova loja de luxo. Igualzinha à Harrods. Você iria adorar — garantiu Evan.

— Espera aí — Sinead se pôs em pé com um salto — Bingo, sabem aquela última mensagem de texto que chegou para Cheyenne? Descobri de onde foi enviada. Vocês não vão acreditar.

* * *

Amy sentiu o celular vibrando dentro do bolso e o pegou. Havia uma mensagem de texto de Sinead.

Urgente:

Identificamos a origem da última mensagem recebida pelo celular de Cheyenne. Foi enviada da cidade de Kutná Hora, perto de Praga. Entrem em contato com Attleboro já.

Era um progresso. Um progresso real.

Amy mostrou a mensagem a Dan.

— Com isso, já são três ligações com a República Tcheca: o bilhete de Jane, a etiqueta e agora a mensagem do celular de Cheyenne. Talvez o cativeiro dos reféns seja perto.

Eles saíram da rua principal e entraram numa rua lateral silenciosa. Amy ligou para Attleboro e adicionou Dan como ouvinte.

— Finalmente — Sinead soltou um suspiro explosivo de alívio — receberam a mensagem?

— Ótima noticia. Onde fica Kutná Hora?

— A uns quarenta minutos de Praga. Conseguimos identificar o local exato; na verdade, a mensagem foi enviada de Sedlec, um subúrbio de Kutná Hora. Há uma igreja ali chamada Igreja de Todos os Santos. Achamos que a mensagem veio de lá.

— E o que ela dizia?

— Não conseguimos recuperá-la — declarou Sinead em tom de decepção — Só sabemos que Hamilton viu...

— ‘‘*G está na área, pode ser preciso fazer remoção*’’ — Amy repetiu de memória. — Jane também menciona um *‘‘G’’*. Mas não pode ser o mesmo. Este quebra-cabeça tem tantas peças soltas.

— Nem me fale — concordou Sinead. — Erasmus está a caminho de Roma para encontrar o senhor McIntyre. Eles vão discutir maneiras de tirar a Interpol da cola de vocês. Quem sabe não mexem alguns pauzinhos? E Ian continua falando com um contato Cahill para conseguir o acesso à biblioteca.

— Ótimo. Vamos para Kutná Hora agora mesmo.

— Vejam bem, só queremos que vocês deem uma olhada. Apenas vigilância. Não façam nenhuma loucura. Poderemos montar uma equipe em 24 horas, se for preciso.

— Mas, se esperarmos, eles podem ser levados para outro lugar. O que você faria?

Amy aguardou até o fim da pausa. Sinead era sua melhor amiga. Sabia que queria protegê-la. Mas também que lhe diria a verdade.

— Eu entraria — disse Sinead.

* * *

Roma, Itália

O apartamento parecia solitário agora que o pai deles estava longe, e Atticus e Jake Rosenbloom adotaram uma nova rotina todas as manhãs: estudar nos sofás confortáveis da sala de trabalho do pai. Cercados por seus livros e suas pilhas de arquivos, sentiam-se mais próximos dele.

Atticus percebia que seu meio-irmão Jake ainda pensava no que teria sido feito de Amy e Dan. Jake os denunciara à Interpol, mas as autoridades não pareceram acreditar nele quando disse que os irmãos Cahill haviam roubado o manuscrito original de *II milione,* de Marco Polo.

Atticus estava se recuperando do susto e da mágoa. Havia pensado muito e concluído que devia estar acontecendo alguma coisa que Dan temera lhe contar. Eles eram amigos, embora Dan fosse dois anos mais velho. Atticus ainda se lembrava da expressão no rosto de Dan quando ele agarrou *II milione* e saiu correndo. Como se quisesse lhe cotar alguma coisa e não pudesse.

Ficara decepcionado demais com Dan, embora tivesse poucos amigos para abrir mão desse. Ter 11 anos e ser calouro na universidade não era fácil. Ele não podia participar das conversas sobre namoro e shows. Tampouco tinha o que falar com crianças da sua idade. Elas o achavam estranho. O

menino sorriu, lembrando-se da reação de Dan quando Atticus lhe disse isso. *Cara, você* é *estranho. Abrace a estranheza. É legal*.

— O que você quer de café da manhã? — perguntou Jake.

— Você vai mesmo cozinhar? — indagou Atticus.

— Acho que consigo ferver com aveia.

Atticus fez um som de desaprovação.

— Se você acha que isso é cozinhar, é porque não passou tempo suficiente na Itália.

O telefone tocou e os irmãos olharam para o aparelho por alguns instantes antes de voltarem a se debruçar sobre seus livros. Mark Rosenbloom era um acadêmico mundialmente famoso, autor de um best-seller, e recebia telefonemas o tempo todo.

A secretaria eletrônica estava ligada. A voz com sotaque europeu falou com clareza e precisão.

— Boa tarde, doutor Rosenbloom.

— Húngara — comentou Jake.

— Tcheca — corrigiu Atticus.

Jake era péssimo com sotaques.

— Quem está falando é Katja Mave, da Biblioteca de Filosofia e Cosmologia de Praga. Talvez o senhor... ahn... você se recorde de mim da sua última visita a Praga — a voz ficou mais baixa de repente, sedutora.

Jake revirou os olhos. Atticus suspirou. Às vezes era difícil ser um nerd magrinho e de óculos na família Rosenbloom. Mark Rosenbloom tendia a deixar as bibliotecárias de pernas bambas. E Jake tinha herdado a beleza do pai.

— Tomamos um café juntos e você ofereceu muitas informações sobre como catalogar nossa coleção de objetos...

Com um suspiro, Atticus se levantou para tirar o aparelho do som.

— De qualquer maneira, decidi entrar em contato para falar de dois alunos seus que disseram terem sidos enviados por você para a biblioteca. Irmã e irmão. Eles pareciam muito jovens... mas sei que você costuma trabalhar com estudante mais novos. Talvez eles sejam pequenos prodígios, com seu filho.

Atticus congelou. Jake se endireitou.

— Sarah Teague, foi o nome que ela deu. Eles disseram que estão fazendo uma pesquisa sobre Johannes Kepler. Sobre o *Mysterium Cosmographicum*, o exemplar resgatado do castelo de Neuschwanteiss após a guerra. É estranho porque não achei que essa fosse a sua área. Não pude deixá-los entrar sem as cartas de apresentação. Sinto muitíssimo se isso for um problema. Se puder me telefonar, tenho certeza de que podemos resolver a questão. Adeus, doutor Rosenbloom... Mark.

Jake atirou seu livro para um lado.

— São eles, são aqueles Cahill.

— Não dá pra ter certeza — ponderou Atticus.

— É claro que são eles. Pare de proteger seu amigo — Jake se enfureceu. — Agora eles devem estar usando o nome e a reputação de nosso pai para roubar mais alguma coisa.

— Você não sabe se eles vão roubar alguma coisa.

— Atticus, deixa disso. Eles roubaram um manuscrito de valor incalculável. São *bandidos.*

— Um *bandido* não pede desculpas. Dan se desculpou comigo. E falou sério, ele não *queria* levar o manuscrito.

Jake sacudiu a cabeça com tristeza.

— Irmãozinho, você não pode continuar endeusando esse cara como se ele fosse o seu herói.

— Não estou fazendo isso — Atticus sentiu um aperto na garganta.

Jake se ficou de pé.

— Vou ligar para a Interpol.

— Eles não acreditaram em você na ultima vez.

— Agora vou ser mais convincente — Jake atravessou a sala em três passos rápidos. — Quem sabe o que vão roubar dessa vez? O corpo do Rei Louco?

Atticus congelou.

— O que você disse?

— O castelo de Neuschwanstein. Ele foi construído por Luís II. O seu pouco conhecimento posterior a 100 d.C. me choca.

Atticus sentiu aquelas palavras batendo com firmeza nele, como os socos da época em que costumava em ser agredido na frente de seu armário no colégio, antes de seus pais o tirarem de lá.

Jake estava com a mão no telefone. Atticus atravessou a sala de um salto e se jogou sobre o irmão. Era um graveto lutando com uma sequoia.

— Você não pode fazer isso.

— Ei — Jake recuou. — O que deu em você?

— Você não pode fazer isso — repetiu Atticus desesperado.

Como poderia convencer Jake a não chamar as autoridades? Como poderia lhe dizer que tudo havia mudado quando ele mencionou o Rei Louco?

Os pensamentos de Atticus giravam em um turbilhão. Não podia ser coincidência. Simplesmente não podia.

Fechou os olhos com força por um instante, enquanto as lembranças iluminavam o seu cérebro. A noite em que ela se foi. Uma recordação que sempre bloqueava, pois a visão e os sons de sua mãe morrendo eram tão horríveis que ele nunca quis traze-los de volta.

Até ser obrigado a isso aqui e agora.

Naquela noite, todos haviam saído do quarto de hospital onde eles se mantinham e vigília fazia três dias. Astrid estava doente havia semanas, uma

doença misteriosa que os médicos não conseguiam identificar. De repente ela pirou. Desabou em seu escritório e foi levada às pressas para o hospital. Não recuperou mais a consciência.

Jake levou o pai deles, que estava exausto, para tomar um café no andar de baixo. Dave, o assistente devotado de Astrid, finalmente deu ouvidos a Mark e foi para casa dormir. Apenas Atticus permaneceu no quarto. Ele também sentia fome e cansaço, mas não tinha coragem de deixá-la sozinha. Como se ela fosse morrer se eles saíssem.

Mas ela morreu mesmo assim.

Num primeiro momento, Atticus pensou que ela estivesse sonhando.

— V-1. Ele é V-1. Vesper...

Em seguida ala acordou. Atticus estava segurando a mão da mãe quando sentiu o aperto dela.

— Mae.

Lágrimas brotaram em seus olhos quando a viu sorrir.

— Atticus — ela umedeceu os lábios — Muita sede.

Ele lhe deu um gole de água.

— Vou chamar o papai.

— Não, você precisa ouvir. Última chance.

— Você vai melhorar — Atticus engoliu a lágrimas.

Ela apertou a mão do filho.

— Ouça. Com muita atenção. Lembra a história que eu contava quando punha você para dormir?

Atticus fez que sim com a cabeça. Ele não se lembrava muito bem da história, mas queria acalmá-la.

— O anel. O anel. Você se lembra? Eles podem ajudar você. Mas não sabem quem nós somos! Estou passando a guarda para você.

A guarda? De quem? De Jake? O irmão era sete anos mais velho que ele. É claro que Atticus sempre dizia a Jake que era mais inteligente, mas falava brincado. Mais ou menos.

— Você é um guardião. Precisa continuar. A tradição. Tanta coisa em jogo. Siga o pardal até o castelo do Rei Louco.

Estranho como ela parecia calma e concentrada, apesar daquelas palavras malucas.

— Pode deixar, mamãe — disse Atticus em tom suave. Seu olhar se dirigiu a porta. Ele queria que o pai voltasse — O castelo do Rei Louco. Entendi.

— Meu querido...

De repente, o olhar dela perdeu o foco e Astrid apertou a mão do filho com mais força, à medida que a dor se intensificava.

— Enfermeira! — gritou Atticus.

— Me prometa — ela sussurrou.

— Prometo, mamãe.

— Meus papéis. Procure nos meus papéis, prometa.

— Eu prometo.

— *Grace* — ela sussurrou. — Preciso da *grace*.

Atticus achou que ela precisava de uma graça. Era estranho, pois a mãe nunca tinha sido religiosa.

— Você quer que eu chame o capelão?

Ela fez que não com o rosto, a frustação e a dor marcando seu rosto.

— Os inimigos mais antigos. Guardião, me prometa.

— Eu prometo — disse Atticus pela última vez.

E uma frase, sussurrada com voz entrecortada:

— Continue amigo de Dan Cahill.

Astrid fechou os olhos e soltou a mão de Atticus. Morreu duas horas depois.

A agonia daquela noite voltava a se abater sobre Atticus e ele sentiu vontade de cair de joelhos e chorar. Não tinha superado a morte da mãe.

Mas precisava ser forte. Precisava decifrar tudo aquilo. Promessas feitas no leito de morte com palavras que ele não entendia. A dor nos olhos da mãe. Como ela ficou ofegante lutando para falar.

E se aquelas coisas que ela havia tentado lhe dizer fossem reais?

Continue amigo de Dan Cahill. Atticus tinha pensado que a mãe estava apenas querendo ter certeza de que o filho manteria sua única amizade após a morte dela. Mas agora ouviu a voz dela em sua cabeça. Sentiu a *urgência* daquela voz.

Olhou desesperado para o irmão. Como encontrar as palavras certas para lhe contar? Jake jamais iria acreditar, diria que Astrid estava delirando, que tinha tomado remédio para a dor...

Jake já estava discando.

— *Por favor*, Jake.

O desespero na voz dele fez Jake parar. Atticus pensou rápido, precisava dar ao irmão um motivo para eles procurarem Amy e Dan.

— A Interpol não vai acreditar em você — ele disse. — Talvez tenha razão. E se Dan e Amy estiverem mesmo atrás de outra coisa? Estão usando o nome de nosso pai, e se o envolverem no crime?

— Mais razão ainda para chamarmos a polícia — disse Jake.

— Não — objetou Atticus. — Mais razão ainda para irmos a Praga.

Capítulo 19

Kutná Hora era uma cidade pitoresca, debaixo da qual, no passado, se situava a mina de prata mais lucrativa da Europa. Nos tempos medievais, ela só perdia em importância para Praga. A Catedral de Santa Bárbara era famosa por seu esplendor gótico e a cidade, muito procurada por turistas. Amy e Dan se misturaram a eles ao saírem da estação de trem. A maioria dirigia-se à catedral ou ao museu da mineração, situado num castelo do século XV.

— Sabe o que os tchecos faziam com as pessoas de quem eles não gostavam na boa e velha época medieval? — Dan perguntou a Amy. — Jogavam pela janela. Verdade, eu li isso no trem. Chama-se *defenestração*. Acontecia muito no século XV. Houve um evento no século XVII chamado a Grande Defenestração, em que um grupo de caras atirou outro grupo de caras pela janela do castelo de Praga. Eles sobreviveram porque caíram num monte de estrume. Isso é que é um pouco suave! E o negócio acabou virando moda. No índice remissivo do guia de turismo, existe até o verbete "defenestração". Não é uma maluquice?

— Desde quando você se interessa por história?

— Desde nunca. Me interesso é por atos insanos de defenestração. Você acha que a gente poderia marcar um encontro com Casper Wyoming no castelo de Praga?

— Claro. Continue com este raciocínio, Dan. Vamos procurar o ônibus.

Amy comprou passagens num *tabac* e pediu informações sobre ônibus para Sedlec. Bastava uma caminhada curta até a rua Masarykova.

O trajeto até Sedlec não demorou muito e em pouco tempo eles chegaram a um subúrbio pequeno. Desceram do ônibus juntamente com vários outros passageiros. Um turista com uma máquina fotográfica e uma mochila os abordou.

— A igreja dos ossos é por aqui? — ele perguntou a Amy.

— Você quer dizer a Igreja de Todos os Santos? — disse Amy. — Acho que deve ser aquela lá em cima.

— A *igreja* dos ossos? — murmurou Dan, afastando-se.

Ao lado da igreja, havia um cemitério. Na entrada da capela anexa, Dan viu um crânio e, embaixo dele, ossos cruzados, como o símbolo das bandeiras dos piratas.

Um crânio de verdade. Com ossos de verdade.

— Uau, que bacana! — ele disse baixinho. — É como a Igreja dos Piratas.

Eles compraram os ingressos e entraram na capela. Havia algumas pessoas andando de um lado para o outro, examinando as guirlandas decorativas, o imponente candelabro branco e as esculturas nas paredes.

Tudo magnífico. Até você perceber de que material era feito.

— São ossos! — exclamou Dan, assombrado. — Ossos humanos! Numa capela! É a coisa mais incrível do mundo. Ou será que é a mais assustadora? Ou as duas coisas? — Ele viu uma caveira equilibrada sobre uma pilha de falanges. — Cara. Você me dá uma mão?

A caveira lhe devolveu um olhar fixo. Estava faltando o maxilar inferior.

— O gato comeu sua língua? — perguntou Dan.

Amy sorriu. Sempre gostava de ver o lado bobo de Dan ressurgir. Ela consultou o folheto.

— Ossos de pelo menos quarenta mil pessoas estão aqui. Muitas morreram de peste negra. Quando eles construíram a igreja aqui ao lado, transformaram essa capela num ossuário, num lugar para guardar ossos. Mas havia tantos que em 1870 acabaram pedindo que um sujeito... *ahn*... os organizasse. Então ele criou este lugar.

— Esse cara devia ser muito legal — disse Dan, aprovando.

Eles andaram por ali, assombrados. O que Amy tinha pensado serem guirlandas de pedra esculpida penduradas nas sacadas ao alto eram ossos de braços e pernas. Um crânio olhava fixo para eles, com uma tíbia entre maxilares.

— O candelabro foi feito com todos os ossos do corpo humano — sussurrou Amy enquanto ela e Dan olhavam para o alto.

Apesar do aspecto assustador, havia algo de muito bonito naquele lugar, pensou Amy. As pontas achatadas dos ossos dos quadris pareciam enormes pétalas de flores. Várias falanges alinhadas formavam um colar delicado. Um querubim

esculpido e pintado assoprava uma corneta dourada enquanto equilibrava metade de um crânio no joelho.

Dan se aproximou de um nicho. Atrás de uma tela de arame, havia uma montanha de ossos empilhados em fileiras perfeitas. Fileiras de crânios se alternavam com ossos perfeitamente arrumados. Seus globos oculares vazios olhavam fixamente para fora. Alguns crânios quase pareciam ter expressão. Um estava debruçado sobre o outro, descansando, e Amy se viu fascinada por aqueles olhos tão negros.

A sensação de medo a abandonou. A morte a cercava, mas Dan e ela estavam ali, em pé, vivos e respirando, e todos aqueles ossos não passavam de provas das muitas vidas vividas antes dela.

Dan segurou firme a tela de arame. Chegou mais perto dos crânios, olhando-os com toda a atenção. Seu bom humor sumiu de repente. Amy sentiu uma palpitação de alarme. O que ele estaria vendo?

— Estamos respirando morte — ele murmurou. — Todos os dias. — Ele se voltou para Amy. — Todo mundo morre. Por que corremos tanto e tão rápido se a morte está sempre aqui?

— Corremos tanto e tão rápido porque *não queremos morrer* — respondeu Amy.

Dan parecia hipnotizado pelos buracos negros na caveira. Amy teve medo da expressão dele.

Ele sacudiu a cabeça.

— Parece tudo tão... fútil.

— Fútil? — Amy nunca tinha ouvido Dan usar essa palavra. — Você quer dizer sem sentido?

— Isso. Eu sei o que a palavra significa, Amy. Não sou tão burro como tudo mundo pensa. Já entendi, eu tenho memória fotográfica, mas quem tem cabeça boa é você, certo?

Seu tom de voz era sarcástico. Não estava brincando, mas sendo irônico, quase cruel.

— Errado — disse Amy, chocada. Será que Dan pensava isso mesmo? — Ninguém acha isso.

Dan se virou para olhar os ossos, ficando de costas para a irmã.

— Fútil. Estúpido e sem sentido.

Amy respirou fundo. Tinha sentido uma pontada de dor com aquele tom de voz de Dan, porém não quis se afastar. Algo se aproximava de Dan, alguma coisa lançava uma sombra enorme sobre ele, e o primeiro instinto de Amy foi agarrar o braço do irmão e levá-lo para longe da escuridão que ela via. Mas isso apenas faria a escuridão crescer.

— Não vejo as coisas desse modo — ela disse, mantendo a voz tranquila. — Estamos fazendo o que todas essas pessoas fizeram. Simplesmente tentando viver da melhor forma possível. Protegendo as pessoas que amamos. Estamos nos esforçando ao máximo. Como estas pessoas aqui provavelmente se esforçaram.

Dan não disse nada. Era como se nem tivesse ouvido.

— E eu não acho você burro — acrescentou, zangada.

Amy sentiu o celular vibrar dentro do bolso. Olhou para a identificação da chamada. Era Sinead.

— Vocês já entraram? — Sinead quis saber.

— Já estamos aqui dentro. Mas não há nada para ver. Só ossos velhos.

— Escute, tenho outra pista. Agora temos certeza de que a mensagem de texto que Cheyenne recebeu não foi enviada de um disposto móvel.

— Quer dizer que foi enviada de um computador? Na igreja?

— Exatamente. E conseguimos identificar em que *altitude* estava esse computador. Ele estava mais ou menos dois metros abaixo de onde vocês se encontram agora.

Amy olhou em volta. A igreja e a capela ficavam em uma pequena elevação e o cemitério, mais abaixo. Ela se afastou alguns metros para que ninguém a ouvisse.

— Então deve haver um cômodo subterrâneo — cochichou.

— Exatamente. Deem uma olhada por aí. E não desligue o telefone, ok?

— Ok, estamos indo.

Amy colocou o fone de ouvido e acenou para Dan. Com alívio, viu que ele parecia estar com um ânimo menos sombrio.

Eles percorreram o perímetro da capela, sob as fantásticas fileiras de ossos. Desceram pelo lado oposto. Numa porta viram uma placa com escritos em tcheco e hesitaram.

— Pode tanto estar dizendo *Bem-vindos* como *Entrada proibida* — disse Amy.

— Talvez a gente devesse jogar a frase num tradutor na internet — Dan comentou, abrindo a porta.

Viram-se diante de uma escada estreita feita com pedaços grandes de pedra já gastos no centro pelos milhares de pés que tinham subido e descido por ali no decorrer dos séculos. Dan fechou a porta e os dois mergulharam na escuridão. Amy tirou do bolso sua caneta-lanterna e apontou-a para a escada. Desceram na ponta dos pés. O lugar cheirava a antiguidade e umidade. O teto era baixo. Água pingava dele.

Quando chegaram ao pé da escada, Amy iluminou um corredor estreito. Mesmo ali havia ossos expostos, organizados em arranjos de guirlanda e formando desenhos. Crânios forravam toda uma prateleira que se estendia ao longo do corredor.

— Não está aparecendo nada aqui pra gente — reclamou Sinead. — Onde vocês estão?

— Deve ser o corredor que leva ao cemitério — respondeu Amy. — Não imagino que alguém possa manter um computador aqui.

— Amy, veja isso.

Dan estava diante de uma grade de metal. Atrás dela havia um cômodo pequeno. Dan empurrou a grade e entrou. Era como um minianfiteatro, mas com uma plateia de pessoas mortas. Caveiras estavam empilhadas em volta do espaço, sobre os ossos de pernas e quadris. Peitoris estreitos e baixos circundavam as paredes, servindo de assentos. Na parede oposta havia em espaço livre, plano e elevado. Sobre ele, um arranjo de ossos formava uma letra gigante.



— Talvez o sujeito que criou a capela fosse um Vesper — sussurrou Amy.

Por algum motivo parecia apropriado falar aos sussurros naquele lugar.

Dan caminhou pelo recinto.

— Veja este castiçal. — Ele segurava um castiçal pingado de cera. — Foi usado recentemente. Não há sujeira nem pó sobre a cera.

— Mas não estou vendo nenhum computador aqui — observou Amy. — Não venha me dizer que vamos ter que procurar no meios desses ossos!

— Não, veja como eles estão bem-arrumados. Seria impossível mexer neles e depois arrumar tudo de novo tão perfeitamente. Acho que você tem razão, devem ter usado em laptop.

— Mas deve haver uma fonte de energia aí — Sinead insistiu no comunicador de Amy. — Vocês não estão vendo uma tomada em algum lugar?

Dan e Amy usaram suas lanternas para iluminar as paredes perto do chão. De repente, Dan viu alguma coisa e se ajoelhou.

— Uau, seria *muito* fácil não ver isto aqui. Será que eles tinham entradas USB na Idade Média?

— Experimente! — pediu Sinead de imediato.

Dan procurou um cabo na mochila e conectou seu computador à entrada USB. Vasculhou o drive. Não apareceu nada.

— Foi apagado.

— Vou passar o telefone para o Evan. Ele vai explicar direitinho o que fazer. Talvez dê para tirar alguma informação daí.

Dan se encostou na parede e se acomodou com o computador no colo. Evan recitou uma lista de códigos e ele foi digitando tudo no computador. O ícone USB se acendeu.

— Acho que está entrando alguma coisa. É um arquivo — Dan clicou no arquivo. — É tipo um relatório. Mas são apenas algumas frases.

— Salve no seu laptop e depois mande para cá por e-mail.

Enquanto ia lendo o documento, Dan clicou em SALVAR.

— Não dá para salvar — explicou. — Nem enviar. Está encriptado de algum jeito. E algumas partes do arquivo estão mais apagadas.

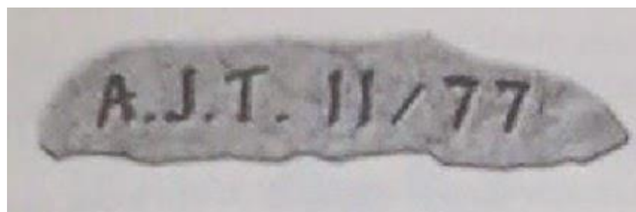
Relatório V-1

Família infiltrada c/ duas crianças. MA deixada c/ missão concluída. Informação destruída com sucesso. G não suspeita de nada. Acobertamento bem-sucedido. Mãe falecida. Crianças estão

— Está sumindo — disse Dan. — As palavras estão sumindo!

— É uma limpeza automática! — exclamou Sinead. — Pode haver um alerta ativado. É melhor vocês saírem daí.

Dan se ajoelhou para guardar rapidamente o laptop. Segurava a lanterna na boca. Enquanto fechava o zíper da mochila, a luz tênue incidiu sobre as pedras antigas. Ele parou. Alguém tinha gravado suas iniciais na parede.



Amy já estava na porta.

— Venha, Dan!

Ele passou os dedos sobre as iniciais gravadas.

— Vamos embora!

Dan se afastou com dificuldade.

Enquanto seguia a sombra bruxuleante de Amy pelo corredor, a luz pareceu oscilar e depois ir se apagando. E a sombra atrás dele parecia crescer.

família infiltrada

duas crianças

MA

informação destruída com sucesso

mãe falecida

G não suspeita de nada

E as iniciais pareciam arder e queimar no cérebro de Dan

A.J.T.

No final do corredor havia uma pequena porta com um arco na ponta, fechada apenas por um trinco de ferro. Amy o empurrou e abriu a porta. Uma luz cinza inundou o corredor e eles saíram em meio a uma chuva suave, abrindo caminho entre as sepulturas.

— Amy — disse Dan, parando. A chuva espalhava um cheiro de folhas mortas e pedra fria, e ele sentia o mesmo gosto na boca. — Amy...

Sua irmã se voltou para ele, impaciente.

— Temos que ir para o ônibus, Dan...

— Amy. — Ele pronunciou o nome dela pela terceira vez.

Não era esse o número mágico em todas as fábulas? Pronunciar um nome três vezes? Então o pai ou a mãe viraria uma bruxa, um lobo, uma fera.

— Eu vi iniciais gravadas lá. A.J.T. E o relatório é... a prova.

— A prova do quê?

Dan se voltou para encarar Amy. A angústia distorcia seus traços.

— A prova de que nosso pai era um Vesper.

Capítulo 20

Amy tropeçou na pedra fria, sentou-se e repousou a testa na placa do cemitério. Era como se Dan estivesse atirando pedras em vez de palavras.

— As iniciais dele estavam ali — disse Dan. — E a data: ele tinha 18 anos. Num tipo de esconderijo estranho, medonho dos Vesper!

— São três letras que podem formar qualquer combinação — disse Amy. — A.J.T. Pode ser Albert John Toboggan. Pode ser Adam Jeffrey Turquoise. Pode ser *qualquer coisa!*

— E o documento? Infiltrando uma família no MA, no Massachusetts? Duas crianças? Informação destruída? Que informação?

Amy sacudiu a cabeça com violência.

— Não acredito em nada disso. E você também não deveria acreditar. Já discutimos tudo isso antes, Dan! Já tivemos medo de que nossos pais fossem os vilões. E sabemos que eles não foram!

— E o que você me diz de *G não suspeita de nada?* É Grace!

— Também há um G no caderno de Jane.

— Pode ser Grace também. E se Jane foi um Vesper?

— Ela não era uma Vesper! — gritou Amy com fúria.

Amy tinha se afeiçoado a Jane. Negava-se a acreditar que ela pudesse ter feito parte de uma organização tão desprezível.

E seu pai tampouco poderia ter sido um deles.

— E se ele não estiver morto? — perguntou Dan em voz baixa. — E se ele *ainda* for um Vesper?

Amy sacudiu a cabeça quando o peso imenso das palavras de Dan a atingiu. Engoliu em seco, enjoada.

— Não!

— O incêndio... Ele estava escondendo as provas!

— Isabel Kabra foi quem causou aquele incêndio! Sabemos disso! E nós enterramos papai. Encontraram o *corpo* dele, ok? — Amy berrava. — Não acha que Grace teria verificado tudo?

— Verificado o quê? As impressões digitais? Ele morreu num incêndio! A não ser que não tenha morrido. *Alguém* morreu. Como a gente poderia saber quem foi?

— Dan, nós estávamos lá naquela noite. Eu me lembro de partes dela. Eu *sei* que papai estava lá. Eu o *vi!*

— Sim, ele estava lá. Mas talvez tenha escapado. Você se lembra da garota do circo? Ela disse que V-1 tinha uma cicatriz de queimadura.

Amy se pôs de pé. Suas pernas tremiam.

— Isto tudo é coincidência. Você está tirando conclusões sem nenhum fundamento.

— Você é a única pessoa que tem direito a ter instintos, Amy?

— Nosso pai não era um *Vesper!* — Ela fulminou Dan com toda a fúria que ardia dentro dela. — Desde quando você quer tanto condená-lo? Ele era o seu herói!

O olhar perdido de Dan a assustou.

— Desde que eu cresci.

Mesmo em meio à raiva, Amy sentiu uma pontada no coração. Medo. Ela tinha muito medo pelo irmão. Será que ele tinha realmente perdido a infância? Foi isso que a caça às pistas fez?

O telefone dos Vesper vibrou no seu bolso. Amy sentiu um nó de repulsa formar-se em sua garganta. Ela odiava Vesper Um. Odiava todos eles. Acessou a mensagem.

Saudações, crianças. O tempo está se esgotando.

Amy desceu a tela. Era uma foto dos reféns em baixa resolução. Todos juntos, postos lado a lado, vestindo macacão. Olhando direto para a câmera.



Eles retornaram a Praga em silêncio. Como não se sentia muito confiante para falar, Amy enviou uma mensagem de texto para Attleboro.

Precisamos contatar Erasmus imediatamente. Peça que ele nos ligue ou envie mensagem informando horário para encontro.

Eles se sentaram num café ao ar livre na praça da Cidade Velha, observando a noite cair. Do outro lado da praça, turistas tinham se reunido para assistir à virada da hora do famoso Relógio Astronômico. Amy o ouviu tocar seis vezes. Eles pediram um jantar que não sentiam vontade de comer. Para Amy, era como se o mundo tivesse acabado. De alguma maneira eles entrariam na biblioteca no dia seguinte; ela tinha fé suficiente para saber disso. Mas se encontrariam ou não o De Virga...

Um homem caminhou entre os prédios da praça, movendo-se entre uma sombra e outra. Usava óculos redondos e pequenos de lentes azul-escuras; seu cabelo era cacheado com mechas grisalhas. Com jeans e jaqueta de couro pretos, parecia uma sombra de si mesmo.

Erasmus sentou-se numa cadeira diante deles e ergueu um dedo para chamar a garçonete.

— Fiquei sabendo que vocês precisam conversar comigo. — Ele falou com a garçonete rapidamente em tcheco.

— Não sabíamos que você estava em Praga — disse Amy. — Sinead falou que você estava indo para Roma.

— Vou para Roma esta noite.

Ele fez uma pausa enquanto a garçonete depositava uma xícara fumegante de café na mesa. Por trás dos óculos escuros, Amy sabia que seu olhar se movia constantemente, avaliando possíveis perigos e rotas de fuga. O que Erasmus tinha feito antes de se dedicar aos Madrigal ela não sabia. Mas ele possuía um banco de dados sobre os Vesper na cabeça, contendo todo o tipo de informação reunida pelos Madrigal ao longo dos séculos.

Amy pensava em como formular a pergunta quando Dan simplesmente a fez sem rodeios.

— Nosso pai foi um Vesper?

Erasmus tomou um gole de café bem devagar. Reclinou-se para trás e soltou um suspiro, olhando para a praça. Então tirou os óculos de sol. Seus olhos pareciam cansados. Inclinou-se para a frente outra vez, aninhando-se a xícara entre suas mãos grandes. A cada gesto dele, Amy sentia seu coração ficar mais e mais pesado. Quis correr bem depressa para longe, para escapar do que estava por vir.

— Sim — disse Erasmus.

* * *

— O cara só fica dando *ordens* — disse Jonah. — Não estou falando que eu não gosto dele. Só estou comentando.

— Estou ouvindo — respondeu Hamilton, jogando outra camiseta em sua mochila.

— O avião é *meu*, bróder, e ele chega, todo bonitão com suas roupas de couro, e diz “Vamos para a Itália hoje à noite”. E eu fico, tipo, como é que é? — Jonah fechou o zíper da mochila. — Eu só queria ter direito a voto, só isso.

Ainda conversando, eles desceram de elevador até o saguão. Uma mulher grisalha, de casaco cinza e chapéu disforme, levantou-se de uma cadeira. No momento em que passavam por ela, Hamilton pôs sua mochila grande no ombro e, sem querer, atingiu-a na cabeça. A mulher tropeçou e a bolsa dela saiu voando.

— Sinto muitíssimo, minha senhora.

Hamilton e Jonah puseram suas mochilas no chão e se debruçaram rapidamente para ajudá-la a recolher os objetos.

— Está tudo bem — disse a mulher, com sotaque italiano. Ela sacudiu sua carteira de modo brincalhão, apontando para Jonah. — Conheço você... Jonah Wizard.

— Ah, me pegou!

— Que engraçado o que você disse. Pode ser também uma maneira informal de dizer que está preso, não é? — Os olhos castanhos da mulher brilharam, bem-humorados.

— Uau. Acho que preciso tomar cuidado, certo?

— Você precisa tomar muito cuidado mesmo. — A mulher abriu a carteira. Dentro dela, viram um cartão de identificação. Ela se chamava Luna Amato. E depois viram, em letras pretas e grandes: INTERPOL. — Podemos ter uma conversinha?

Jonah e Hamilton trocaram olhares. Tiveram a impressão de que não tinham a opção de responder “não”.

Ela os conduziu a um canto tranquilo do saguão. Sentou-se numa poltrona e acomodou a bolsa no chão. Os dois sentaram-se na ponta do sofá, de frente para ela.

— Apenas uma conversinha — ela disse em tom amistoso. — Por que estão aqui em Praga?

— Apenas passando o tempo com meu truta aqui. Fazendo turismo — respondeu Jonah.

— E seus primos Amy e Dan Cahill? Também estão curtindo a cidade?

O coração de Jonah se apertou.

— Opa, eles também estão aqui? Sabe de uma coisa, tenho um monte de primos. Não consigo saber o que todo mundo anda fazendo.

— Me parece — disse Luna Amato — que seria muito fácil saber o que andam fazendo pessoas que viajam com você no seu avião particular.

— O que a senhora quer? — perguntou Hamilton.

— Vamos ao que interessa, como dizem nos filmes americanos — Luna Amato inclinou-se para a frente. — Eu gostaria que vocês transmitissem um recado a Amy e Dan Cahill. Sabemos que eles estão com *Il milione*.

Jonah não moveu um músculo do rosto. Hamilton ficou rígido.

— *Che macello!* Que bagunça! O manuscrito perdido! E essas duas crianças a roubam! Por quê? Para vender? Mas elas já têm uma fortuna. Para ficar com ele? Mas elas não são conhecidas como aficionadas por arte. Já vi crianças serem manipuladas e forçadas a fazer coisas que não querem. Digo a mim mesma: "Talvez seja este o caso".

— Então qual é o recado? — indagou Jonah.

Luna Amato soltou um suspiro.

— Eu tenho um parceiro, Milos Vanek... Eu e ele somos bem diferentes. Para ele, a pessoa que pratica um roubo é criminosa e pronto. Ele não acredita na misericórdia. Acredita somente na lei. Ele não vai dar ouvidos ao que Amy e Dan Cahill disserem. Eu, sim. Talvez eu até possa ajudar. — A

expressão dela era séria, concentrada. — Estão entendendo? Eles vão precisar de uma amiga na Interpol. Eu sou essa amiga.

Ela entregou um cartão a Jonah e Hamilton. Em seguida pegou a bolsa e saiu sem olhar para trás.

— Cara... — disse Hamilton.

— Mano... — rebateu Jonah. — Não sei se fico com medo dela ou se quero que ela prepare um chá com biscoitos para mim.

Capítulo 21

As luzes brilhavam em volta da praça. Embora a chuva tivesse limpado e refrescado o ar, a noite estava fria, e a maioria dos clientes se acomodara no interior do café aquecido e iluminado. Dan e Amy continuavam à mesa na calçada, com seu jantar intocado. Amy se abraçava com firmeza, os dedos cravados nos braços.

— Ele foi recrutado — disse Erasmus. — Muito jovem, como os Vesper muitas vezes são. Arthur estava na faculdade. Quando contou a história a Grace, deixou claro que não sabia que os Vesper eram uma organização criminosa. Ficou fascinado pelo fato de, na época, cientistas, engenheiros e historiadores fazerem parte do grupo. Havia indícios de que acadêmicos famosos tinham sido Vesper, pessoas que Arthur admirava. Ele foi abordado por Vesper Um, pelo antigo Vesper Um. Temos informação de que esse Vesper Um morreu há três anos.

— Então ele sabia quem era Vesper Um — disse Dan.

Erasmus negou com a cabeça.

— Ele nunca soube. Há um período em que eles cortejam a pessoa, a doutrinam, e nesse primeiro momento você não conhece a verdadeira identidade de ninguém. Existe uma cerimônia de iniciação. Arthur sentiu-se atraído por certas partes dos legados dos Vesper, é verdade. Ele era jovem, ambicioso e, talvez para seu próprio azar, muito impulsivo. Mas depois que certos detalhes da filosofia Vesper vieram à luz, ficou horrorizado. Renunciou a tudo e se casou com a mãe de vocês. Seu pai é uma das razões pelas quais sabemos tanto sobre os Vesper.

— E o Ossuário de Sedlec? — quis saber Dan. — Por que ele não contou a vocês sobre isso?

O tom de contestação em sua voz fez Erasmus ficar mais sério.

— Meu palpite é que aquele foi o lugar da iniciação dele. Ele foi vendado e levado para lá. Só sabia que era um lugar próximo a Praga.

— Então ele nunca... — Amy engoliu em seco. — Nunca fez nada de ruim.

Erasmus olhou para Amy.

— Eu conheci seu pai. Ele era um homem bom.

— Obrigada por nos revelar tudo isso — disse Amy.

— Contem comigo sempre — disse Erasmus, guardando os óculos de sol no bolso. — Lembrem-se disto: estamos trilhando um caminho difícil. Mas estamos nele há séculos. Nós venceremos.

Tão silenciosa e sorrateiramente quanto surgira, ele se foi. Em poucos instantes, Amy não conseguiu mais saber para onde Erasmus tinha ido. Só via sombras no lugar onde ele tinha estado.

* * *

Quando acordou, Amy deu com uma manhã cinzenta. Não sabia se tinha dormido realmente. Os sonhos foram tão reais... A lembrança confusa do pai colocando-a num carrinho de compras, pendurando luzinhas cor-de-rosa em seu quarto para lhe fazer uma surpresa no dia do seu aniversário, fazendo uma roupa de plástico bolha e se apresentando como rei Bolhudo, o invencível.

Aquele homem poderia ter sido um Vesper?

Ela havia tentado falar sobre isso com Dan, mas ele tinha se fechado de novo. Os músculos de seu rosto estavam tensos, duros, e seus olhos, inexpressivos. Amy queria sacudi-lo, como se assim pudesse injetar lembranças boas nele, coisas sobre o pai que Dan não conseguia recordar.

Mas então ela se lembrou de outras coisas. De entrar no quarto e flagrar o final de uma discussão entre a mãe o pai, por exemplo.

— O que você está escondendo de mim, Arthur?

O olhar no rosto dele, que não sabia que Amy o observava, dirigido fixamente para o fogo aceso na lareira da biblioteca; o pai com a mão agarrado ao livro a seu lado, as chamas cor de laranja iluminando a linha tensa de sua boca...

Dan se parecia tanto com ele!

Então ele nunca... Nunca fez nada de ruim.

Eu conhecia seu pai. Ele era um homem bom.

Amy se deu conta de que Erasmus não tinha respondido de fato à sua pergunta. Será que homens bons faziam coisas ruins? Uma pergunta feita por uma boa menina... que já tinha roubado e mentido.

Jogou as cobertas de lado e correu para o banheiro a fim de levar o rosto e escovar os dentes. Vestiu rapidamente o jeans e camiseta do dia anterior, alisando os amassados da melhor maneira possível. Cedo ou tarde eles acabariam encontrando uma lavanderia.

Quando saiu do banheiro, Dan já tinha acordado e olhava a cidade pela janela. Depois passou pela irmã sem lhe dar bom-dia. Amy sabia que Dan não estava aborrecido com ela; sabia que ele estava pensando. Só não sabia no que estava pensando.

Ela foi ver suas contas de e-mail. Havia uma mensagem curta de Ian.

Encontramos professor universitário britânico (clã Lucian) disposto a enviar comprovantes das credenciais acadêmicas de vocês à biblioteca. Fiquem ligados.

Era uma notícia boa. Considerando a diferença de fuso horário, talvez já houvesse alguma informação sobre isso. Amy verificou a conta segura e encontrou o e-mail. Contendo a respiração, clicou sobre ele.

Prezada senhorita Teague.

Sua autorização para frequentar a biblioteca chegou. Você e seu irmão podem vir hoje de manhã às 10h.

Katja Mavel

Amy sentiu uma onda de alívio inundá-la. Não apenas porque tinham conseguido o acesso à biblioteca, mas porque assim não precisaria mais ficar pensando no pai.

— Dan, corra! Vamos para a biblioteca!

* * *

Eles cruzaram, apressados, a porta de aço da biblioteca. No vestíbulo, ao lado do suporte para guarda-chuvas, dois garotos os aguardavam.

Amy e Dan pararam de repente. Eram Atticus e Jake Rosenbloom. Atticus usava um gorro com protetores de orelhas. Jake exibia uma cara feia. Dan ficou parado em um pé só, pronto para sair correndo.

Amy se lembrou da última vez em que tinha visto Jake. Ela havia chutado as costelas dele com tanta força suficiente para fazê-lo perder o ar. Recordou-se do olhar surpreso e furioso de Jake ao cair para trás, sobre as pedras ásperas do Coliseu. Um chute muito bem dado, aliás.

— Esperem! — disse Atticus, agitado. — Só queremos conversar. Por favor!

O tom de súplica em sua voz fez Dan hesitar.

— O que vocês estão fazendo aqui? — ele perguntou.

— Nem tentem nos impedir — disse Amy, olhando para Jake.

Mas era uma ameaça sem fundamento, ela sabia disso. Olhou em volta, procurando agentes da Interpol.

— Viemos sozinhos — Atticus se apressou a falar. — Não é uma armadilha.

— Por que deveríamos acreditar em vocês? — perguntou Amy. Seu olhar foi para Jake. — Você nos denunciou.

— É claro que sim! — exclamou Jake. — Vocês roubaram um documento histórico de valor incalculável!

— E você foi correndo procurar a segurança, não é? — disse Amy com um tom de desprezo.

— É claro que sim. Foi a coisa certa a fazer!

— E você vai fazer isso de novo agora? — perguntou Amy, furiosa. — Ou prefere levar outro chute nas costelas?

Ela ajeitou a mochila, como se estivesse prestes a atacar. Amy queria atacar. Jake merecia isso.

— Olhem, só estou aqui para proteger meu pai. Vocês estão usando o nome dele para conseguir alguma coisa. Para roubar alguma coisa. — De repente Jake estendeu o braço e agarrou a mochila de Amy. — Está aqui dentro?

Amy foi atrás dele, tentando recuperar a mochila.

— Ei!

Jake já a tinha aberto. As camisetas amassadas de Amy caíram para fora, juntamente com seus materiais de pesquisa. Uma folha de papel se soltou e foi descendo lentamente até parar aos pés de Atticus.

O rosto de uma Jane Sperling de 19 anos olhava para eles. A foto, da internet, estava escura e com baixa resolução. Olhos risonhos, cabelos negros caindo até os ombros, vestida com um casaco cinza fechado com cinto, em pé ao lado de uma árvore sem folhas. O vento devia estar soprando, porque um cachecol fino quase encobria o sorriso dela.

Atticus pegou o papel. Olhou fixamente para a folha e depois para eles.

— O que vocês estão fazendo com a foto da minha bisavó?

Capitulo 22

Todos desceram calados uma viela estreita que se abria em uma praça pequena e vazia. Atticus levava a foto abraçada com força no peito.

— Por que vocês estão com isto? — perguntou outra vez.

Em vez de responder, Amy perguntou:

— O que você sabe sobre sua bisavó?

— Quase nada — respondeu Atticus. — Ela vivia no Maine. Era judia e se casou com soldado negro numa época em que as pessoas não faziam uma coisa desse tipo.

— Por que vocês estão com essa foto? — Jake exigiu saber. — Nós é que deveríamos estar fazendo perguntas, não vocês.

— Antes da guerra, Jane Sperling estudou na Alemanha — declarou Amy.

Atticus concordou com a cabeça.

— Ela estudava a Idade Média.

— Ela passou os anos da Segunda Guerra em Londres. Foi uma espiã americana — acrescentou Amy.

Jake riu, espantado.

— Agora com certeza eu sei que você é maluca. Espiã?

Mas Atticus parecia interessado. Amy viu um relâmpago de curiosidade em seus olhos.

— Por que você acha isso? — ele perguntou.

— Não importa por quê. O codinome dela era Sparrow.

— Sparrow! — Atticus levou um susto. Olhou para a foto outra vez. — Siga o pardal até o castelo do Rei Louco — murmurou.

— Rei Louco? — disse Amy, impaciente. — Por que você disse isso?

— Foi uma coisa que minha mãe falou... na noite em que morreu. Ela estava tentando me dizer alguma coisa. Fazia dias que ela estava inconsciente, mas aí ela voltou a si e conversou comigo.

— Você nunca nos contou isso — Jake olhou surpreso para o irmão.

— Ela disse que eu precisava seguir o pardal até o castelo do Rei Louco. Afinal, o que você iria pensar disso?

— Que ela estava delirando.

Amy segurou firme o caderno que estava no fundo de seu bolso.

— Ela falou mais alguma coisa?

— Só coisas sem sentido. Ficou falando em vésperas e em graça. Disse que precisava de graça. É estranho, porque ela não era nem um pouco religiosa.

— Graça? — Amy repetiu, aflita. — E se fosse em inglês, se fosse o nome Grace? Como se ela estivesse falando de uma pessoa?

— Ela não conhecia ninguém chamada Grace — interveio Jake. — Atticus, por que você não contou isso para mim ou para o papai?

— Porque não fazia sentido. E porque... — Atticus hesitou. — Porque de certo modo eu não conseguia falar sobre isso. Era como um sonho. Ela lembrou de uma história que me contava quando eu era criancinha. Uma história que ela me contava na hora de dormir. Eu não me lembro direito. Havia uma família corajosa que protegia um anel... não me lembro do nome. Alguma coisa a ver com música. Ou com um poema.

— Madrigal — sugeriu Amy

— Sim, é isso mesmo! Havia um anel, e os Madrigal precisavam protegê-lo. Tinha também um dragão chamado... — Atticus olhava para o alto no momento em que a memória o iluminou. — Vesper! O dragão se chamava Vesper. É só que consigo lembrar. Ela ficava repetindo "o anel, o anel."

Amy teve que fazer força para não tocar em seu relógio. Ela tinha se treinado para não ficar o tempo todo olhando para verificar-se ele ainda estava ali. O anel não era um conto infantil. Era real e tocava sua pele.

— Alguém, por favor, poderia me explicar o que está acontecendo? — perguntou Jake, frustrado. — Estou me sentindo no meio de um conto de fadas maluco.

Amy tirou o caderno do bolso.

— Encontramos isto escondido num ralo do castelo Neuschwanstein. Pertenceu a Jane Sperling.

Ela entregou o caderno a Atticus.

— No castelo? Então talvez eu devesse ter encontrado! — Atticus abriu a capa com um gesto reverente.

Para G: dV528.112K

Roubado por Hummel

Repatriado c/ V. Kepler

Descansando com professor e vítima

Junto com o andarilho maravilhado irá apontar o caminho

Atticus olhou para eles.

— O que isso quer dizer?

— Achamos que “dV” é uma referência ao mapa-múndi De Virga — respondeu Amy. — Sabemos com certeza que Jane estava interessada nele.

Jake franziu o cenho.

— O que ele é?

— É um mapa-múndi medieval que desapareceu em 1932. Sua bisavó estava no leilão quando ele foi roubado — Amy relatou rapidamente deles sobre o que teria acontecido com o mapa — Hummel o roubou e Jane o recuperou. Então nos conduziu para cá.

— Entendi! — exclamou Atticus. — Então os números são os de identificação de uma biblioteca. E “andarilho maravilhado” é óbvio.

— Talvez para você — comentou Dan. — Eu não faço ideia do que significa.

— Marco Polo — explicou Atticus. — É uma citação de *Il milione*. É como Marco Polo se define.

Amy gemeu alto.

— Deveríamos ter sacado isso!

— Mas por que vocês querem o mapa? — indagou Jake.

Suas sobrancelhas baixaram e ele lançou um olhar desconfiado para Amy. Ela sentiu uma pontada de irritação.

Atticus interrompeu antes de ela poder responder.

— E o que isso de professor e vítima?

— Não sabemos — disse Dan. — Será alguma coisa que aconteceu na guerra?

— Não na guerra — disse Jake, ainda olhando para o caderno. — Centenas de anos antes disso Kepler trabalhou para Tycho Brahe, o astrônomo dinamarquês Brahe trabalhou e morreu em Praga. Há teorias de que teria sido envenenado. Seu corpo chegou a ser examinado recentemente. Ele morreu intoxicado por mercúrio. Algumas pessoas afirmam que Kepler fez isso. Então existe um manuscrito de Kepler aqui?

Dan fez que sim com a cabeça.

— Achamos que Jane deixou uma pista com o manuscrito ou até o próprio mapa. Estamos torcendo muito por isto.

— Mas por que ela teria deixado uma coisa ou outra? — perguntou Jake, com seus olhos fixos em Amy.

Era irritante que ele não parasse de fazer as perguntas certas.

Ele ainda se mostrava desconfiado, mas também curioso. Estava aprendendo coisas sobre a família de seu irmão que jamais tinha imaginado. Bem-vindo ao clube!

— Talvez hoje a gente descubra — disse Amy. — Se encontramos o mapa.

— Certo, tudo isso faz algum estranho sentido — reconheceu Jake. — Se a pessoa é totalmente ilógica. — Ele olhou para Amy ao dizer isso.

— Ou então não faz sentido nenhum se a pessoa é totalmente tapada e resistente a novas ideias — retrucou Amy.

Jake fulminou-a com o olhar.

— Você ainda não respondeu á minha pergunta. O que isso tem a ver com vocês dois?

— Isso não podemos lhe dizer — rebateu Amy. — Não é um segredo só nosso. Mas garanto que há vidas em jogo. Vocês precisam confiar em nós, só isso — ela olhou direto nos olhos de Jake. — Sabe, às vezes a coisa certa não é aquela que você pensa que é a certa; é a coisa errada, na qual você tem medo de pensar.

— Quando eu decifrar o que isso quer dizer, aviso.

— Você não quer saber se a bisavó de Atticus foi uma espiã que teve um mapa-múndi medieval nas mãos? — Amy o instigou.

— Vamos lá, Jake — pediu Atticus. — Precisamos entrar lá.

Amy percebeu que, apesar de suas dúvidas, Jake não conseguia se afastar. Sua curiosidade o faria seguir em frente. Sem mais uma palavra, ela se virou e andou em direção à biblioteca. Sabia que ele iria atrás.

Em alguns instantes, ouviu passos e a voz de Jake atrás dela.

— Só não roubem o mapa — ele pediu.

Amy achou melhor não responder.

* * *

Com os filhos de Mark Rosenbloom junto deles, Amy e Dan não tiveram problemas para entrar na biblioteca. Foram conduzidos à seção restrita. Katja Mavel, pessoalmente, os levou até a coleção renascentista, que ficava numa sala com a umidade de ar controlada.

— Vocês têm que deixar as suas mochilas aqui — disse ela, indicando uma prateleira do lado de fora da sala. — Não são permitidos bolsas, mochilas, canetas ou lápis. Há um computador lá dentro no qual vocês podem fazer anotações e depois imprimi-las.

Dan, Amy e Atticus colocaram suas mochilas na prateleira e entraram na sala do acervo. A porta se fechou atrás deles com um clique.

— Esse lugar parece moderníssimo — observou Jake.

— Sem dúvida — disse a bibliotecária. — Temperatura e umidade do ar controladas, sistema de proteção anti-incêndio à base de gás halon, todos os documentos armazenados em caixas de metal resistentes ao fogo. Ah, vocês conhecem o sistema de gás halon? Em caso de incêndio, ele reduz o oxigênio presente no ar proteger os materiais. Portanto, se o alarme anti-incêndio tocar, vocês precisam sair rápido. A porta se trancará automaticamente em dois minutos. E, é claro, vocês devem usar luvas para manusear qualquer material.

— Claro — disse Dan. Ele calçou um par de luvas brancas de algodão e esticou os dedos, bem abertos. — E elas também são muito úteis para fazer mímica!

Katja Mavel abriu uma caixa e tirou dela uma menor, comprida e achatada, que exibia as letras anotadas por Jane no caderno. O recipiente parecia um pouco desgastado.

— Esta é uma das caixas antigas. Não há muita procura por materiais como este. Estamos atualizando todas as caixas, mas leva tempo. — Ela pôs

o objeto em uma mesa, e se demorou um pouco mais ali. — Quer dizer então que vocês estão estudando as obras de Tycho Brahe e Kepler?

— É uma história tão fascinante! — comentou Amy.

— Sabe, Brahe é tido como um herói em Praga. Sua morte... Por muitos anos, os estudiosos pensaram que a bexiga dele tinha estourado.

— Como é? — disse Amy.

— Bem, ele estava participando de um banquete magnífico. Dizem que ele não quis ser indelicado e levantar-se para ir ao banheiro, então...

Amy viu Dan e Atticus se esforçando para não rir.

— Temos inclusive um ditado para quando levantamos da mesa para ir ao banheiro. Dizemos: "Não quero dar uma de Brahe."

Dan tossiu. Foi um som estrangulado, como se estivesse sufocando uma risada. Amy sentiu o riso borbulhar dentro dela, preste a sair, só de ver o rosto vermelho do irmão. Ela sempre se surpreendia com o modo como a hilaridade podia dominá-los de repente justamente nos momentos de maior tensão.

— Então o quê, exatamente, vocês estão estudando sobre Brahe? — Katja Mavel quis saber.

Amy percebeu que a pergunta não era uma armadilha. Mas eles precisavam se livrar de Mavel se quisessem roubar o mapa.

Jake pigarreou e disse:

— Sabe, meu pai ainda tem ótimas lembranças da visita dele aqui.

Katja Mavel corou.

— Também tenho ótimas lembranças dele, como colega — ela prendeu uma mecha de cabelos atrás da orelha. — Admiro o trabalho de seu pai. Sua erudição. Todos nós admiramos. Ele está trabalhando em outro livro?

Jake sorriu.

— Eu adoraria lhe contar um pouco sobre isso. Fiz uma longa viagem de trem, vindo de Roma. Estava pensando... há algum chá ou café por aqui?

— Claro que sim. Por que você não vem até a minha sala? Alguém mais gostaria de beber alguma coisa?

— Não, obrigado — respondeu Atticus.

Jake segurou o braço da bibliotecária.

— Meu pai vai ficar feliz em saber que a biblioteca continua fazendo um trabalho tão importante.

Ao se afastar com Katja Mavel, virou o rosto para os outros. O olhar dizia claramente: *trabalhem rápido.*

Amy sentiu uma pontada de irritação. Sem dúvida Jake sabia ativar seu charme quando era preciso. Devia ter noção de como era bonito. E isso o tornava insuportável.

— Prontos? — Atticus perguntou a ela e a Dan, com suas mãos sobre a caixa.

Mordendo o lábio, Amy fez que sim com a cabeça.

Atticus levantou a tampa. Um cheiro de coisa velha invadiu o ambiente. Dentro da caixa havia a edição de *Mysterium Cosmographicum* encadernada em couro.

Com a reverência de um estudioso, Atticus virou as páginas com todo o cuidado.

— Está em latim — observou. — Meu latim é bom, mas não para traduzir o livro inteiro.

— Acho que Jane não queria que fizéssemos isso — disse Amy. — Ela escondeu o mapa em algum lugar dentro do livro. Tenho certeza.

— Sacuda o livro — sugeriu Dan. — Alguma coisa vai cair daí.

Atticus olhou-o com expressão horrorizada.

— Sacudir um livro do século XVI? Não posso fazer isso.

— Eu posso.

Atticus gemeu quando Dan agarrou o livro e o virou de ponta-cabeça. Não caiu nada. Atticus agarrou o livro de volta e o abraçou.

— Cara, isso aí é um livro, não cachorrinho — disse Dan.

— E as guardas do livro? — sugeriu Amy.

Atticus abriu-o novamente, com cuidado.

— Nada na frente. — Foi para o fim do livro. — Esperem... há algo aqui. É como se ele tivesse sido restaurado. Bem, faz sentido, afinal ele tem mais de 400 anos. — Atticus um pedaço pequeno da guarda traseira do livro. — Há alguma coisa aqui! — exclamou.

— Acho que encontramos o mapa!

* * *

Cheyenne espreitou por cima do livro à sua frente. Amy e Dan tinham desaparecido em uma das salas laterais com um garoto magrelo. O adolescente entrara na sala da diretora da biblioteca.

Casper estava escondido entre as estantes. Cheyenne fechou seu livro e foi até ele.

— O mapa tem que estar aqui — disse. — Podemos segui-los depois que saírem. Há algumas vielas escuras no caminho até o hotel deles. Sei que você está ansioso por isso.

— Tenho uma ideia melhor, mais divertida — disse Casper. — Podemos nos livrar de todos eles e roubar o mapa num lance só.

— Num lance só? — perguntou Cheyenne em dúvida.

— Com fósforo — Casper fez um gesto em direção aos livros nas estantes. — Isso aqui vai acender como uma tocha. Mas posso atear fogo sem incendiar o lugar inteiro. Se bem que, para falar a verdade, quem é que iria sentir falta de uma biblioteca?

Cheyenne concordou com a cabeça.

— É verdade.

— Agora vem a melhor parte: eu dei uma olhada no sistema de combate a incêndio das salas de pesquisa. Funciona com aquele negócio antigo: gás halon! Ele suga o oxigênio do lugar. Transforma você num peixe em terra seca — Casper segurou a garganta e fez sons de quem tenta respirar. — Este lugar todo vai se lacrar enquanto damos o fora, eu encontro um jeito de deixar os Cahill presos na sala sem ar, eles religam os sistemas, a gente volta pra dentro e pega o mapa, enquanto os corpos mortos de Amy e Dan assistem a tudo. Bingo! E nós seremos os vencedores!

Cheyenne apontou para as estantes.

— Você destruiria milhares de livros e documentos antigos valiosíssimos só para pôr as mãos nesse mapa?

— Isso é tão errado assim?

— Legal! — disse Cheyenne. — Estou nessa.

Capítulo 23

Atticus puxou o último pedaço da guarda do livro. Um pacotinho chato estava dobrado e embrulhado em papel. Sobre ele, uma folha de papel.

— É o mesmo papel do caderno de Jane — murmurou Amy.

Atticus leu em voz alta, nervoso.

Por isso V Kepler matou seu professor, G Brahe, mas não conseguiu decifrar o que precisava saber.

O mapa requer um parceiro.

O assassino aponta para o gênio, que esconde o viajante. E a rosa ventou na estrada do viajante e o empurrou em direção à cidade das estrelas. G, se precisar movê-lo, esconda-o bem. JS

— Esse G outra vez — murmurou Amy. — Seria Grace?

— Não — sussurrou Atticus. — É Guardião.

Ele parecia pasmo diante do bilhete de Jane.

Antes de Amy perguntar o que ele queria dizer com aquilo, Dan interrompeu, impaciente.

— Vamos lá. Vamos ver o que há nesse pacote.

— Ok — Atticus disse.

Ele desdobrou o papel e o abriu na mesa. Amy reconheceu-o imediatamente.

— É o De Virgal — exclamou. — Obrigada, Jane!

— Incrível — disse Atticus baixinho.



Para Dan, parecia simplesmente um mapa antigo, mas ele se inclinou para examiná-lo.

— O que é isto? — perguntou, indicando um ponto.

— É a rosa dos ventos — murmurou Atticus. — Mostra os pontos cardeais. Ela está diretamente em cima da Ásia Central. Os detalhes desta coisa são espantosos. Vejam a costa da África!

Uma luz vermelha acima da cabeça deles começou a piscar. Amy olhou para o alto exatamente quando a sirene tocou.

— Que beleza. Que bela hora para um treinamento de combate a incêndios.

— Precisamos esconder o mapa de algum jeito — disse Dan.

— Espere aí! Vocês vão *roubar* o mapa? — perguntou Atticus.

— Precisamos fazer isso — explicou Amy.

— Mas Jake falou...

— Deixe o Jake pra lá. Dan, você consegue pôr debaixo da sua camiseta?

— Debaixo da camiseta dele? Você está louca? — Atticus recuou, chocado, vendo Dan dobrar o pergaminho.

— Acredite em mim, Att, temos uma boa razão para isto — Dan disse a ele.

— Atticus, você pode ir procurar o Jake? — pediu Amy. — Estaremos logo atrás de você. Mas, não importa o que aconteça, mantenha Mavel longe daqui. E, ahn, não há necessidade de contar ao Jake que roubamos o mapa. Ainda não.

Amy foi até a janelinha que havia na porta. Os frequentadores da biblioteca tinham guardado suas coisas e saíam de modo ordenado. De repente ela viu dois jovens altos e loiros. Casper e Cheyenne estavam num canto, à espreita. O que estariam fazendo ali? A pulsação de Amy acelerou, frenética.

— Atticus, preciso que você saia agora — disse Amy, esforçando-se para manter a voz calma. — Lá fora explicaremos tudo. Diga a Jake... Diga a ele que precisa confiar em mim.

Não que ele fosse fazer isso. Mas Amy não podia colocar Atticus em perigo.

Ela segurou o braço de Atticus com firmeza. Empurrou-o para fora da sala com delicadeza e em seguida fechou a porta.

Chocada, ouviu a porta fazer um clique. O fechamento automático tinha entrado em ação.

Atticus puxou a porta, desesperado. Amy tentou abri-la por dentro. Ela não se mexeu.

O gás halon!

Ela se virou para olhar o painel anti-incêndio.

HALON ATIVADO

NÍVEL DE OXIGÊNIO 20%

Não era um treinamento. Aquilo era pra valer. Enquanto ela olhava, o indicador emitiu um bipe.

NÍVEL DE OXIGÊNIO 18%

— Acabei de ver Casper e Cheyenne lá fora. Isto não é um treinamento! O sistema de supressão com gás halon foi ativado. E a porta foi trancada!

Dan olhou para o nível de oxigênio e correu até a porta. Puxou-a. Nesse momento, o rosto de Casper Wyoming apareceu no painel de vidro. Ele acenou para Amy e Dan e disse *"Tchauzinho"* sem fazer nenhum som. E continuou andando.

— Atticus viu o que aconteceu — disse Amy com voz trêmula. — Ele vai fazer alguma coisa. Vai chamar Jake!

— Com Casper e Cheyenne por perto? Não conte com isso. Precisamos fazer alguma coisa.

NÍVEL DE OXIGÊNIO 16%

Amy sentiu o pulso acelerar. Seria o nível de oxigênio caindo ou seu nível de pavor subindo?

Dan começou a chutar a porta. Amy esmurrou o vidro.

Ninguém podia ouvi-los. O prédio tinha sido esvaziado. Fumaça elevava-se das estantes de livros na extremidade oposta da ampla sala. Amy viu línguas alaranjadas de fogo.

— Precisamos fazer alguma coisa!

Ela estava ofegante. O esforço de esmurrar o vidro a deixava exausta. Não era um bom sinal.

— O computador! — ela disse ao irmão. — Está conectado ao servidor. Você poderia hackear o computador e desligar o alarme!

Dan correu para a máquina.

NÍVEL DE OXIGÊNIO 13%

— Temos que agir rápido — disse Amy. — A falta de oxigênio afeta o cérebro. A gente não vai conseguir pensar...

— Eu teria que passar pelo *firewall*...

Amy sentiu um martelar nas têmporas.

— O que foi que aquela hacker nos ensinou? A opção da porta dos fundos... Você entra no e-mail deles, e a partir dali...

— Eu me lembro, mas não ou nenhum Evan.

— Você é tão inteligente quanto ele — disse Amy com firmeza. — Você consegue.

Dan começou a digitar uma sequência em código.

NÍVEL DE OXIGÊNIO 9%

— Entrei! — Dan se inclinou para a frente. — Agora precisamos falar com Att... Attleboro... — Sua respiração estava entrecortada e ele limpava o suor da testa. — Evan está na linha!

Amy viu Dan digitar *GÁS HALON SISTEMA BIBLIOTECA TCHECA SOCORRO.*

Demorou só um instante e eles viram surgir as palavras *ESTOU PROCURANDO.*

— Ele... vai ter que... hackear o sistema através deste terminal — disse Dan.

Amy agarrou-se à cadeira. Uma onde de tontura a envolveu.

— Dan...

Ele a olhou por cima do ombro. O suor escorria pelo rosto de Dan e os olhos dele estavam vidrados.

NÍVEL DE OXIGÊNIO 7%

Eles estavam quase desmaiando. Amy escorregou para o chão. Dan desabou ao lado dela. Amy sentiu a mão do irmão procurar a sua. Se tudo acabasse, eles partiriam juntos.

* * *

Jake tinha desmaiado. Estava estendido no chão, com um calombo atrás da cabeça e o mundo girando diante de seus olhos. Ele corria trás de Atticus, quando, no momento seguinte, se viu no chão. Um sujeito de aparência nórdica surgiu ao seu lado e de repente, Jake não sabia direito como, o empurrou com força contra a parede.

Jake forçou-se a ficar de joelhos. Viu Atticus, aos berros, sendo contido por uma moça loira. Ela parecia tentar impedi-lo de correr de volta para o prédio em chamas, no entanto, ela o segurava com força demais...

Atticus encontrou o olhar do irmão.

— DAN E AMY! — ouviu-o berrar.

A loira pressionou a cabeça de Atticus contra o peito, como se quisesse reconfortá-lo. Horrorizado, Jake viu que, na realidade, ela queria abafar seu grito.

Ele se pôs em pé com enorme dificuldade. Precisava alcançar seu irmão. Mas Dan e Amy ainda estavam na biblioteca! Em meio à dor que martelava dentro de sua cabeça, ele avançou, sem nem mesmo saber em que direção ir.

* * *

Amy estava enjoada.

A voz de Dan, fraca.

— Ele vai... fazer...

Ela olhou para o indicador de oxigênio.

NÍVEL DE OXIGÊNIO 6%

A sirene se calou. De algum lugar distante, Amy ouviu um clique. A fechadura!

Lutando contra a náusea e a fraqueza, ela engatinhou até a porta e esticou o braço para alcançar a maçaneta. Parecia impossivelmente alta. Seus dedos esticados só encontravam o vazio. Finalmente, fazendo um esforço imenso, ela se ergueu e agarrou o puxador. A porta parecia pesada, como se fosse de ferro. Amy puxou-a com toda a sua força e ela se abriu.

Amy cambaleou para a frente, para o corredor externo. Respirou fundo. O ar estava cheio de fumaça e a fez tossir, mas era ar. Oxigênio encheu seus pulmões e ela se sentiu mais forte.

Trôpega, retornou até onde estava Dan, semiconsciente. Amy o puxou para fazê-lo ficar em pé e o arrastou para fora.

Dan se dobrou para a frente, tossindo e respirando entrecortadamente.

Os irmãos cambalearam pelo corredor. Dois bombeiros surgiram longe e, assim que viram Dan e Amy se esforçando para andar, correram até eles.

Amy se sentiu levantada e carregada como um bebê. Tossindo, foi levada porta afora. O ar lhe pareceu puro e doce.

Viu Jake abrindo caminho entre a multidão para chegar até eles, com Atticus o acompanhando. Do lado oposto, os gêmeos Wyoming, com sua estatura elevada, caminhavam apressados em direção à parada de bonde. Cheyenne mancava.

Amy estava cansada demais para se importar. Alguém a deitou sobre uma área de pedra fria, e a sensação foi tão luxuosa como se estivesse em uma cama. Um paramédico a examinou e colocou uma máscara de oxigênio em seu rosto.

— Ela vai ficar bem? — perguntou Jake.

Seu rosto preocupado flutuava diante dela.

— Vai ficar ótima — respondeu o paramédico, tranquilizando-o.

Atticus, quase em lágrimas, estava ao lado de Dan.

Dan levantou uma mão bem devagar, deu um tapinha no próprio peito e olhou para Amy, assentindo com a cabeça. Ele estava com o mapa.

Capitulo 24

Roma, Itália

William McIntyre estava sentado em seu quarto de hotel em Roma, tendo ao lado uma pilha de pastas de arquivos. Tentava não pensar que horas que seriam em Massachusetts. Atualmente, seu físico costumava levar dias para se recuperar de viagens longas de avião. Seu corpo estava exausto, porém ele precisava se esforçar um pouco mais antes de se permitir algum descanso.

Pensava em Amy e Dan. Tinha enorme confiança na capacidade dos dois, mas ainda assim não deixava de se preocupar o tempo todo com eles. Nunca imaginou que pudesse haver algo mais difícil e desafiador que a busca pelas pistas, contudo, aquilo estava demonstrando ser. Vidas estavam em jogo. E Vesper Um... O fato de ele ter ousado arquitetar aquele plano, sequestrando pessoas no mundo todo, inclusive um garoto de 12 anos... Bem, aquilo representava um novo nível de maldade.

McIntyre confiava não apenas em Amy e Dan como em todos os demais: Erasmus, Sinead, Ian, Hamilton, Jonah. Até mesmo o namorado de Amy tinha se mostrado um membro digno da equipe.

Se ao menos não sentisse que estava deixando passar alguma coisa.

Alguma coisa fundamental.

McIntyre tinha ido a Roma se encontrar com Erasmus, mas antes teve que conversar com um cliente. Aquela pequena coisa o estava preocupando; precisava escavar um pouco mais fundo. No entanto, o encontro com o cliente não havia sido bom. Tudo o que conseguira tinha sido uma pilha de arquivos antigos.

McIntyre pegou a primeira pasta da pilha, abriu-a e começou a ler de sua maneira usual, cuidadosa. Depois de ter dado conta de um terço das

pastas, endireitou-se repentinamente e em seguida voltou a ler com mais atenção.

Fez uma pausa para tirar o sapato e pedir café e sanduíches ao serviço de quarto. Foi sentar-se no sofá para ficar mais à vontade e pôs alguns documentos na mesinha do café, separando-os em montes.

Com um sentimento crescente de horror, concluiu que seu instinto estava certo.

Por que não enxergara aquelas conexões antes? Tinha sido um tolo!

Amy e Dan corriam um perigo maior do que ele pensava.

McIntyre se levantou para pegar o telefone seguro e ligar para Attleboro quando ouviu uma batida na porta.

— Serviço de quarto, *signore.*

Os sanduíches, claro. Que rapidez! Não conseguiu se imaginar comendo naquele momento, mas disse:

— *Entrare!*

McIntyre não ergueu os olhos do documento que estava lendo.

— Deixe em cima da mesa, *per favore.*

Levantou-se para assinar a comenda. O garçom estava de costas para ele, pondo a bandeja na mesa.

McIntyre teve exatos três segundos para notar uma série de coisas: o copo de água apenas pela metade; o guardanapo dobrado de forma incorreta; uma mancha de manteiga na redoma de metal que cobria o prato.

E com igual rapidez tirou suas conclusões. Alguém pegara uma bandeja usada no corredor e tentara arrumá-la para que parecesse limpa.

Dispunha de apenas alguns segundos para reagir. Bastou um olhar para o garçom para McIntyre saber que não tinha físico para enfrentá-lo. Ele tombaria lutando, e o melhor que poderia fazer era deixar algo atrás de si.

Com as mãos nas costas, amassou o papel. A seguir, inclinou-se para a frente, como se fosse pegar a carteira, e enfiou o papel dentro de seu sapato no chão.

O garçom se virou e McIntyre viu seu rosto pela primeira vez.

Os dois se olharam por um segundo muito longo. Em seguida, o invasor atirou-se sobre ele.

— Você! — disse McIntyre, ofegante.

A agulha penetrou fundo no seu pescoço.

O sorriso no rosto saído do passado foi a última coisa que McIntyre viu antes de seus joelhos cederem.

* * *

Os bombeiros insistiram que Amy e Dan deveriam ser examinados em um hospital, mas eles se recusaram a ir. Talvez se sentindo totalmente culpada ou totalmente responsável, e com medo de ser processada, Katja Mavel se ofereceu para levá-los a seu próprio médico.

— Mas eles foram liberados pelos paramédicos! — ela repetia aos bombeiros, apertando as mãos, nervosa, aflita.

No fim, prevaleceu a vontade de Amy. Ela prometeu que procurariam um médico ao menor sinal de fraqueza ou se sentisse algum incômodo. Eles estavam muito bem, garantiu a todos em tom sincero. Estava ansiosa para ir embora. Seu irmão tinha um mapa roubado debaixo da camiseta.

— Vocês deveriam vir conosco — insistiu Atticus. — Estamos hospedados na casa de um professor amigo do nosso pai. O apartamento tem quilômetros de extensão. Temos até uma sala só para nós. Ele não vai se incomodar que vocês fiquem lá, eu garanto.

Amy lançou um olhar rápido para Jake.

— Claro — ele disse com um tom inexpressivo. — Assim vocês vão poder nos explicar por que alguém está tentando matá-los. E também quem eram aqueles bandidos loiros e por que eles nos atacaram.

— Eu vi os dois indo embora — contou Amy. — A garota estava mancando.

— Foi preciso que eu usasse de um pouco de persuasão para que ela soltasse Atticus — disse Jake. — Vocês sabem por que eles estavam lá?

Amy não disse nada. Sabia que eles teriam que revelar alguns detalhes, mas ainda não tinha certeza de até onde contar. Neste momento, precisavam da ajuda dos Rosenbloom. Em pouco tempo, Vesper Um ia exigir que a entrega fosse feita. Antes de abrirem mão do mapa, precisavam descobrir qual sua ligação com *Il milione.*

Enquanto caminhavam até o apartamento, Amy ficou um pouco para trás, deixando os três garotos andar juntos. Ela aproveitou para mandar uma mensagem de texto a Attleboro. Precisava de conselhos. Quem melhor para isso que Sinead? Confiava completamente na opinião equilibrada e calma dela.

Estamos bem. Pegamos o mapa. Jake e Atticus estão aqui em Praga. Exigem respostas. Entramos na biblioteca com a ajuda deles. Podem ser úteis c/ mapa e milione. Acho que precisamos contar sobre os Vesper, reféns, etc.

Perguntem a Erasmus e McIntyre sobre guardiões.

A resposta de Sinead chegou em alguns minutos:

Nenhuma informação de Erasmus sobre guardiões. McIntyre não está atendendo. Cuidado. Irmãos Rosenbloom denunciaram vocês uma vez, podem fazer de novo. Aconselho não se abrir com eles.

Amy guardou o telefone no bolso com um sentimento inesperado de decepção. Achava que deviam uma explicação a Jake e Atticus. E que Atticus tinha mais a lhes contar. Mas talvez Sinead tivesse razão. Jake já os havia denunciado uma vez, poderia fazer a mesma coisa de novo. Poderia estar mentindo neste exato momento. Talvez os dois garotos os estivessem conduzindo diretamente à Interpol.

Quando Jake e Atticus chegaram a uma esquina movimentada, Jake pôs a mão no ombro de Atticus por um instante. Atticus estava tão distraído conversando que teria continuado direto para o meio do trânsito. Amy analisou aquele toque de mão. Foi breve, para que Atticus não se sentisse direcionado pelo seu irmão mais velho, mas carinhoso. Lembrou-se de tê-lo visto abrindo caminho entre a multidão na tentativa de chegar até eles, e depois de sua figura em pé diante dela, assegurando-se de que Amy estava bem. Jake assumia a responsabilidade pelas coisas. Ela percebia isso.

Do mesmo lado, Jake se sentia responsável por *Il milione*. Em um mundo diferente, sob circunstâncias normais, Amy teria se sentido do mesmo jeito.

Ok, pensou com relutância. *Reconheço que ele se importa.*

Talvez não devesse tê-lo chutado com *tanta* força.

* * *

O apartamento ocupava dois andares de um edifício magnífico próximo à praça da Cidade Velha. Tudo parecia estofado em couro ou veludo, e Amy nunca tinha visto tantas borlas e ornamentações em cortinas, cadeiras, sofás. Havia livros por toda parte, empilhados em pequenas colunas e utilizados como mesas, nas quais estavam largadas diversas xícaras de chá. Naquele horário, o lugar ainda estava calmo e silencioso.

Até Jake ouvir a notícia.

— Vocês roubaram o mapa? — ele perguntou, enfurecido.

— Podemos explicar... — Amy começou a dizer.

— Vocês se deram conta de que envolveram meu irmão no crime de vocês? E a mim também?

— Sinto muito, foi inevitável. O alarme anti-incêndio...

— Você disse que ia apenas *olhar* o mapa.

— Não, na verdade foi *você* que falou isso — Amy o corrigiu.

— Ela está certa, Jake — confirmou Atticus.

Jake se voltou contra Atticus.

— E você! Como pôde se envolver numa coisa dessas?

Atticus respirou fundo e enfrentou o irmão.

— Porque sou um Guardião — respondeu. — Querendo ou não, estou envolvido.

— O que é um Guardião? — Dan quis saber.

Jake segurou a cabeça nas mãos.

— Não me venha outra vez com esse conto de fadas maluco.

— Não é um conto de fadas! — exclamou Atticus. — Agora eu sei. Mamãe me disse que eu sou um Guardião. Eu não sabia o que ela queria dizer. Ainda não sei, mas acho que minha bisavó também foi uma — Atticus olhou para os outros, assustado e vulnerável. — Vocês sabem o que isso significa?

— Não. Você pode nos contar o que ela disse? — pediu Amy.

— Lembro que ela falou dos Guardiões um pouco antes de ficar doente. Disse que era uma história que sua mãe tinha lhe contado, embora nunca tivesse acreditado. Havia um grupo protegendo alguma coisa há séculos. Mais de uma coisa. As pessoas desse grupo levaram essas coisas de um lugar para o outro, até que acharam um que consideravam mais seguro. Minha mãe sempre achou que era uma história inventada, só que conheceu alguém que

lhe disse ser tudo verdade. Ela também não acreditou muito, mas essa pessoa contou à minha mãe que os Guardiões e os Madrigal de certo modo eram parceiros. E que os Vesper eram nossos inimigos.

— Grace — disse Amy. — Por isso sua mãe chamou por ela no hospital. Grace é... ela era nossa avó.

— Claro! — exclamou Atticus. — Mamãe sugeriu que eu entrasse para um grupo que jogava games on-line e procurasse um garoto de sobrenome Cahill. Falou ter conhecido a avó dele e que achava que ele e eu poderíamos nos dar bem. E eu achei você bacana mesmo, então ficamos amigos. Não foi por causa dela, mas porque... — A voz de Atticus titubeou. — Porque você gostava de mim.

Dan estendeu seu punho para bater no punho de Atticus.

— Estou achando isto incrível, cara.

Enquanto isso, Jake mantinha-se alguns passos distante, de braços cruzados. Amy se esforçou para não se contorcer, incomodada. Sempre que sentia os olhos de Jake sobre ela, se irritava. É que ele não conseguia olhar uma pessoa superficialmente. Precisava fazer uma leitura completa, como se estivesse à espera de que a pessoa cometesse um deslize ou tentasse lhe passar a perna.

— Escute aqui, senhorita Mistério, está na hora de ouvirmos algumas respostas. Não vamos dar mais nem um passo enquanto vocês não nos contarem no que estão envolvidos. O que exatamente você quis dizer com há vidas em jogo? Você e Dan quase morreram asfixiados. Aquilo não foi acidental. Alguém está atrás de vocês. Quem é? Quem são os Vesper? O que eles têm a ver com vocês?

Jake e Amy se confrontaram, em pé, em lados opostos da sala, ambos com os braços cruzados.

— Tenho medo de lhe contar — disse Amy.

A expressão crítica de Jake se abrandou por um instante.

— Já passou pela sua cabeça que nós poderíamos ajudar? — ele disse bem devagar.

Ali estava: o momento que Amy sabia que iria chegar. E ela não se sentia nem um pouco preparada. Sinead tinha dito para não confiar neles. Mas Sinead não estava naquela sala.

Amy se lembrou da mão de Jake no ombro de Atticus e de quando ele disse “Foi a coisa certa a fazer”, justificando-se por tê-los denunciado à policia. Sentiu algo estranho insinuar-se dentro dela. Ainda não *gostava* dele. Mas confiava nele. Jake era um dos mocinhos... sentia isso.

Amy olhou para o irmão e os dois tiveram aquele instante de pura comunicação que existia entre eles e com o qual sempre contaram durante a caça às pistas.

Inúmeras vezes tinham ignorado o que *deveriam* fazer, confiado em seus instintos e escolhido um caminho diferente. Quase sempre havia funcionado.

Sim, dizia o olhar de Dan, *podemos confiar neles. Precisamos confiar neles.*

— Se contarmos o que está acontecendo, podemos pôr vocês dois em perigo — disse Amy ainda hesitante. — Sei que soa superdramático, mas é a verdade.

— Já estamos envolvidos até o pescoço — observou Jake.

Amy respirou fundo. Havia tanto a dizer, mas ela ainda não precisava dizer tudo.

— Os Vesper são um grupo que existe há centenas de anos, desde o século XVI. É uma organização secreta, e seus membros são todos recrutados. Não conhecemos a identidade de nenhum deles... Quer dizer, conhecemos o de dois: os gêmeos que estavam na biblioteca. E sua mãe tinha razão sobre o anel, Atticus. Os Vesper estão atrás dele. O anel não é mágico, claro, mas nós não sabemos por que eles querem pegá-lo.

— Espere um pouco. Quem é *nós*? — perguntou Jake.

Amy e Dan ficaram calados. Não poderiam simplesmente revelar um segredo de centenas de anos.

Mas não foi preciso.

— Vocês são Madrigal — adivinhou Atticus. — Então essa história também é verdadeira.

— Sete pessoas da nossa família foram sequestradas — contou Dan. — Nós quase fomos também. Mais tarde recebemos um celular com uma mensagem de texto de um cara que se identificou como Vesper Um. Ele está dizendo que, se não seguirmos as instruções dele, vai matar nossos familiares.

— Tem certeza de que ele está falando sério? — Jake quis saber.

— Ele deu um tiro num dos reféns — contou Amy. — No ombro. Ela parece estar bem, mas... — Amy respirou fundo para tentar se acalmar. — Então ele está falando sério, sim,

Jake continuou olhando para Amy.

— Vocês são próximos dessas pessoas que foram sequestradas?

Amy sentiu os olhos arderem. Lutou para não chorar. Ergueu o queixo e endureceu o corpo inteiro para que isso não acontecesse. Não podia se mostrar fraca diante de Jake.

— Faremos qualquer coisa para tê-las de volta.

Tinha feito tudo para se mostrar forte, mas de alguma maneira sentiu que ele havia percebido a vulnerabilidade dela. Jake pigarreou e olhou pela janela.

Dan tirou o computador da mochila e em seguida *Il milione*.

— Ok, pessoal. Está na hora de ficarmos um passo à frente de Vesper Um.

“Pois o mundo me enxergava como Viajante, mas uma vez na estrada eu parei na grande e esplêndida Cidade. Ali, Guardião, assumi a tarefa daquilo cuja guarda me foi confiada.”

“Os homens roubam e matam, eles escondem e ocultam, e a nossa grande Tarefa é sepultar o que deve ser sepultado, e não chorar, pois é melhor assim.”

Atticus leu essas palavras em voz alta. Em seguida, empurrou os óculos para a testa e esfregou os olhos. Tinha encontrado um dicionário de francês antigo na biblioteca do professor. Havia demorado algum tempo na tradução do epílogo.

— É uma tradução aproximada — disse Atticus. — Meu francês antigo não é tão bom quanto meu latim.

— Tem certeza de que a tradução está certa? — perguntou Jake.

— Com quem você pensa que está falando? — disse, Atticus, sentindo-se insultado. — É claro que está certa.

— “A grande e esplêndida Cidade”... Deve ter havido várias assim na Rota da Seda — comentou Amy.

— O que é isso? — perguntou Dan.

— Uma rota comercial antiga — respondeu Jake. — Naquela época não se chamava Rota da Seda.

— Parece que o nome só começou a ser usado no final do século XIX — acrescentou Atticus. — Foi um termo alemão primeiro, não é isso?

— Ei, espertinhos, isto aqui não é o Jogo do Milhão — falou Dan. — Dá pra vocês apenas me fazerem um resumo?

— Rotas comerciais que atravessavam a Ásia — disse Jake, estudando o mapa De Virga. — Veja, a rosa dos rumos está na Ásia Central.

— Pensei que o nome disso fosse rosa dos ventos — interveio Amy.

— É a mesma coisa — sem tocar no mapa, Jake passou o dedo acima do imenso território. — Mais ou menos seis mil e quinhentos quilômetros do Mediterrâneo até a China. Isso inclui partes da Turquia, Uzbequistão, Índia, Pérsia, Afeganistão. É muito território. Talvez tudo isso faça sentido se pesquisarmos alguns dados sobre as cidades ao longo dessa rota.

— Vamos olhar de novo o que Jane anotou — sugeriu Dan.

Por isso V Kepler matou seu professor, G Brahe, mas não conseguiu decifrar o que precisava saber.

O mapa requer um parceiro.

O assassino aponta para o gênio, que esconde o viajante. E a rosa ventou na estrada do viajante e o empurrou em direção à cidade das estrelas. G, se precisar movê-lo, esconda-o bem. JS

— O assassino deve ser Kepler — disse Jake. — E o gênio?

— Leonardo da Vinci — respondeu Amy. — O escudo dele estava escondendo *Il milione* no Coliseu.

— A cidade das estrelas... — refletiu Dan. — O que vocês acham que Jane quis dizer? Poderia ser a grande e esplêndida cidade da qual Marco Polo fala? Ele é o viajante, certo?

Atticus ainda estava consultando *Il milione*.

— Esperem, há mais algumas frases.

Ele se debruçou sobre o livro novamente. Alguns minutos depois, largou o lápis na mesa.

Lembrem-se disto: para aqueles que se comprometeram com a Proteção, há muito tempo fazemos isto, por muito tempo o faremos. Àqueles que

encontrarem este Livro eu confio o Dever que me foi confiado, assim como vós o transmitireis aos vossos. O destino do mundo está em nossas mãos.

— Isso é radical — disse Dan. — O destino do mundo? Que exagero.

Amy percebeu a expressão aflita de Atticus.

— O que foi? — ela perguntou.

— O destino do mundo está em nossas mãos — disse Atticus. — Foi exatamente isso que minha mãe falou na noite em que morreu.

Todos se olharam rápido. Desta vez Dan ficou em silêncio e Jake não soltou ironias. Aquilo soava tão doido... *O destino do mundo*. Mas, de repente, soava muito real.

Capítulo 25

Da acordou com o rosto mergulhado num monte de papéis. Tinha sonhado com o vento. Levantou-se bocejando e esfregando as marcas deixadas na face pelas folhas emboladas. Os outros também tinham adormecido: Jake numa poltrona grande, Atticus no chão, sobre uma pilha de colchas. Amy estava no sofá de veludo, com os braços sobre a cabeça, como se estivesse se protegendo.

O vento balançava as vidraças antigas das janelas e parecia fazer o prédio inteiro ranger, inquieto.

E a rosa ventou e empurrou o viajante...

De repente Dan se sentiu totalmente desperto.

“Veja, a rosa dos rumos está na Ásia Central.”

“Pensei que o nome disso fosse rosa dos ventos.”

“É a mesma coisa.”

Jane tinha escrito sobre a rosa dos ventos no mapa!

As mãos de Dan tremiam quando ele pegou o computador e digitou uma sequência de palavras no site de busca:

rosa dos ventos mapa De Virga

E uma palavra surgiu: *Samarcanda*.

Dan clicou no link. Era uma descrição do mapa De Virga. Dizia que a rosa dos ventos estava na Ásia Central, “provavelmente sobre a cidade de Samarcanda, aonde no passado ficava o observatório de Ulugh Beg”.

Observatório? *A cidade das estrelas*. Jane havia indicado a mesma direção para eles!

Estava lá desde sempre, e era tudo muito mais fácil do que ele tinha imaginado! Como se *Samarcanda* fosse a palavra mágica que abria o segredo de cada pista.

Dan fez outra busca rápida. *A grande e esplêndida cidade:* palavras que o próprio Marco Polo usara para definir Samarcanda. Escondidas no meio do texto de *Il milione,* mas ressurgindo facilmente num mecanismo de busca. Os dedos de Dan voavam pelo teclado. Então era isso que Amy ficava tão absorta quando pesquisava! Peça após peça caía nas mãos dele e compunham todo o quadro.

Samarcanda era a pista. E, se pudessem chegar lá primeiro, talvez conseguissem algo para negociar com os Vesper.

Dan deslizou silenciosamente até onde Amy dormia. Tocou no braço da irmã, e os olhos dela se abriram de repente.

— Samarcanda — ele sussurrou. — É isso que ele quer. Se você junta o mapa de Marco Polo, o resultado é esse. A rosa dos ventos está bem em cima da cidade.

— O quê? — Amy despertou em um instante. — Deixe eu ver.

Dan repetiu todo o processo, juntando a rosa dos ventos, as pistas no epílogo perdido de Marco Polo e as dicas dadas por Jane.

— Acho que você tem razão! — Amy cochichou devagar. — Ótimo trabalho, Dan!

Dan ficou vermelho com o elogio da irmã. Era conhecido por sua memória fotográfica. Amy é quem costumava pegar informações aleatórias e reuni-las em uma teoria. Naquela noite, porém, ele não apenas tinha se lembrado de coisas como havia resolvido o quebra-cabeça.

Naquele instante, o smartphone dos Vesper zuniu ao lado de Amy. Ela abriu a mensagem e virou o telefone para que ambos pudessem lê-la.

Este é o despertador de vocês e ele está fazendo tique-taque! Me encontrem no Relógio Astronômico às seis da manhã. Quando o esqueleto puxar a corda, deixem o pacote aos pés de Jan Hus. E não olhem para trás!

— Ele mesmo vai estar lá — concluiu Dan. — Falou “me encontrem”.

— Faltam vinte para as seis. Temos que ir agora.

— Para onde? O que ele quis dizer com esqueleto que puxa a corda? Quem é Jan Hus?

Amy pôs um dedo nos lábios.

— *Shhhh*. Não acorde Atticus e Jake — ela pegou o sapato. — O Relógio Astronômico fica no meio da praça da Cidade Velha; é uma das maiores atrações turísticas de Praga. De hora em hora, figuras mecânicas esculpidas saem em procissão, mas antes um esqueleto no relógio puxa uma corda. O monumento a Jan Hus também fica lá. Passamos numa parte da praça quando viemos para cá, lembra? Fica a uns dez minutos daqui.

— Então não temos muito tempo — Dan também pegou o seu sapato.

Amy guardou o mapa De Virga na mochila.

— Vamos lá.

* * *

A neblina recobria a cidade. Ainda estava escuro. O sol só aparecia depois das 7 horas. Não havia ninguém nas ruas de paralelepípedos. Amy tinha pesquisado o caminho, e os dois desceram pela viela, entraram à direita numa avenida e prosseguiram em direção à praça, correndo como se um relógio estivesse fazendo tique-taque na cabeça deles. De vez em quando viam algum vulto no meio da névoa: alguém madrugando para ir trabalhar, alguém levando um cachorrinho para dar um volta.

À medida que se aproximavam da praça, seus passos foram ficando mais lentos. Tinham chegado a tempo. Agora a neblina espiralada os envolvia, amplificando todos os sons.

— Está ouvindo? — sussurrou Dan. — Passos atrás de nós.

Amy podia ouvi-los agora, passos rápidos sobre os paralelepípedos.

Os dois voltaram a andar rápido. O monumento a Jan Hus era uma forma escura; passaram correndo ao lado dele para alcançar a sede da prefeitura, onde ficava o relógio. Ele surgiu de repente em meio à névoa cinzenta. Amy verificou as horas em seu relógio. Faltava um minuto para as seis.

Havia outras pessoas na praça. Ela era ampla e aberta, com restaurantes e lojas enfileiradas, portanto já havia pessoas chegando para o trabalho. Amy e Dan podiam ouvir os passos delas e, de vez em quando, o murmúrio de uma conversa. Mas a neblina os mantinha isolados e imóveis, olhando fixamente para o relógio.

Será que a névoa estava subindo? Feixes dela se enroscavam em torno da torre do relógio. Eles só conseguiam ver o esqueleto com uma corda na mão. Enquanto olhavam, ele puxou a corda. O relógio começou a badalar. Portas se abriram na torre e figuras esculpidas avançaram, dando pequenos solavancos.

— Agora — murmurou Dan.

Eles se voltaram para o monumento. A neblina lhes proporcionava uma ótima cobertura. Dan pulou para a corrente.

Amy passou os olhos rapidamente pela praça. Um furgão branco de padaria descarregava bandejas de pão. Um garçom assobiava enquanto arrumava as mesas. Uma idosa estava sentada a uma delas com uma xícara de café e um copo de gelo. Uma mãe andava ao lado, segurando uma criança pequena pela mão. Ninguém olhava para eles.

Dan subiu na base da estátua e depositou o pacote aos pés de Jan Hus.

— Dan! Amy!

A voz parecia amplificada na neblina. Amy assustou-se ao ver Atticus correndo na direção deles, atravessando a praça em alta velocidade.

O tempo pareceu parar. No entanto, tudo aconteceu muito rápido.

Amy ouviu pneus cantando. Quando ergueu os olhos, viu o furgão da padaria avançando em alta velocidade pela praça. Atticus continuava correndo na direção deles, em rota de colisão com o veículo.

— ATTICUS! — gritou Amy.

O furgão freou, guinchando.

Atticus se dobrou para a frente, as mãos nos joelhos, tentando recobrar o fôlego.

Amy pôs a mão no coração. Podia senti-lo batendo forte e acelerado. Pensou que veria o furgão chocar-se contra o garoto franzino, jogando-o longe.

O motorista permaneceu no veículo. O passageiro saiu do furgão e foi até Atticus com passos rápidos, como que para se assegurar de que ele estava bem. Então Amy reconheceu a figura de avental branco comprido.

Era Casper Wyoming.

— ATTICUS ! — Amy gritou novamente.

Ela atravessou a praça correndo, voando sobre os paralelepípedos irregulares. Todos os seus meses de treinamento de corrida *cross-country* tinham valido a pena. Ela não perdeu o equilíbrio.

Atticus levantou a cabeça, confuso, enquanto Casper agarrava seu braço e o torcia às costas, o levantava e jogava no banco de trás do furgão.

— NÃO! — Amy gritou enquanto corria.

Dan apareceu de repente à esquerda dela. Tinha corrido em cima do monumento, chegando mais rápido. Numa última explosão de velocidade, lançou-se sobre Casper, que respondeu com uma cotovelada na garganta de Dan. Quando ele voou para trás e sua cabeça bateu com um baque nos paralelepípedos, o pânico percorreu o corpo de Amy.

A porta do furgão fechou-se com força.

Soluçando, Amy caiu de joelhos ao lado do irmão.

— Dan!

Ele estava desmaiado. Amy envolveu o pulso do irmão com seus dedos gelados. Sentia os batimentos muito fracos.

— Dan!

Ao erguer os olhos, ela viu as luzes traseiras vermelhas sumindo na neblina.

— ATTICUS! — gritou.

Capítulo 26

Atticus sentia-se enjoado com o cheiro de pão e óleo de motor. O furgão andava aos solavancos numa superfície irregular, agora mais vagarosamente, o que no entanto não aliviava a dor latejante na cabeça.

Quando via filmes sobre coisas como essas, sempre imaginava qual seria sua reação. Recorrendo a seus reflexos afiadíssimos e a sua coragem ilimitada, com um movimento surpresa apunhalaria seu sequestrador com um lápis. Ou se soltaria dos braços do vilão, alcançaria o teto de um carro em movimento e escaparia.

Em vez disso, tinha sido erguido como um frango, amarrado e jogado numa pilha de pão. Antes mesmo de conseguir soltar um grito, uma mordaça fora enfiada em sua boca, e em seguida havia sido metido em um saco, com as mãos amarradas às costas.

Estava apavorado. Talvez a coragem não fizesse parte da sua lista de qualidades, afinal.

Não queria ser um Guardião. Não queria saber das coisas que sua mãe lhe contara. Não queria nada disso. Era um covarde para aventuras físicas. Até mesmo rodas-gigantes o deixavam enjoado. Não podia encarar aquilo!

Havia apenas uma chance. Uma chance minúscula. Se Jake pensasse nisso...

Apenas uma chance minúscula de encontrá-lo.

* * *

Amy e Dan se sentaram num banco diante do monumento.

O mapa De Virga tinha sumido. *Il milione* também. Havia sido levado da mochila de Amy enquanto ela corria para tentar salvar Atticus.

Amy tentava recobrar o fôlego. Sua cabeça girava e ela se sentia tonta e gelada.

Quando seu telefone vibrou, ela o pegou com o coração cheio de terror.

Seus traquinas! Vocês estavam com Il milione todo esse tempo. Vocês não deviam ter segredos para mim. Seu castigo desta vez: menos um Guardião.

— Aquela mensagem que Hamilton viu no telefone de Cheyenne — disse Amy. — *"G está na área. Pode ser preciso fazer remoção"*. Por que não percebemos que Atticus corria perigo? A mensagem era sobre ele!

— Não sabíamos que ele era um Guardião — lembrou Dan. — E as coisas estavam acontecendo tão rápido...

— Os Vesper vão matá-lo, Dan! — Amy segurou a cabeça nas mãos e balançou-se para a frente e para trás.

Nesse instante viram Jake chegando à praça, caminhando a passos largos. Ele percorreu o espaço com o olhar e, quando os viu, o alívio iluminou seu rosto.

Amy e Dan ficaram em pé para enfrentá-lo.

Lágrimas escorriam pelo rosto de Amy.

— Sinto muito, muito mesmo — ela disse.

* * *

Roma, Itália

Erasmus estava em pé no quarto de hotel de McIntyre. Ele já tinha superado o choque. A tristeza ia ter que esperar. A tristeza anuviaria sua mente, e ele precisava de clareza para raciocinar.

McIntyre estava esparramado no sofá. Em cima da mesa, havia uma bandeja de serviço de quarto com os restos de uma refeição. Erasmus levantou a redoma de metal que cobria o prato e cheirou. Camarão. McIntyre era alérgico a camarão.

Reconstituiu o que devia ter acontecido. McIntyre tinha feito um pedido para o serviço de quarto e o agressor se fizera passar pelo garçom. Pegara uma bandeja qualquer no corredor, onde os hóspedes muitas vezes as deixavam em vez de telefonarem para que viessem pegá-las. Depois de terminar o que precisava fazer, ele ligara para cancelar o pedido de McIntyre, para que ninguém viesse ao quarto até de manhã.

Erasmus verificou o telefone. Sem impressões digitais.

McIntyre estivera trabalhando. Sua pasta achava-se aberta e havia arquivos empilhados de forma organizada na mesinha de café. Usando luvas, Erasmus folheou os arquivos rapidamente. Eram de clientes; nenhum parecia ser importante. Mesmo assim, ele arquivou os nomes na memória, caso viessem a ser necessários.

McIntyre trajava calça, camisa e gravata, mas estava apenas de meias nos pés.

Coisas tinham sido levadas. Erasmus sabia que McIntyre era antiquado. Sempre andava com um bloco de anotações próprio de advogados. O bloco havia sumido. Sua caneta favorita, que ele recebera de presente de Grace e que por acaso continha um gravador de voz para as suas anotações, também não estava lá.

Não havia nada para ver. Mesmo assim, Erasmus ficou ali. Alguma coisa o incomodava. McIntyre provavelmente estava trabalhando sentado no sofá. Devia ter tirado o sapato e afrouxado a gravata para ficar mais à vontade. O garçom tinha entrado com a bandeja. Talvez McIntyre nem tivesse olhado para ele. E, quando estava de guarda baixa... talvez até quando assinava a conta... o garçom havia dado o bote.

McIntyre tinha levantado. Erasmus sabia disso pela posição do corpo. Ele havia caído para trás. Sobre o sofá. Talvez só tivesse tido alguns segundos. Um braço estava junto ao corpo e o outro, fora do sofá, pousado sobre o sapato, numa posição estranha.

Erasmus atravessou a sala e agachou-se ao lado do sapato. Sabia que não devia tocar em nada. Respeitava demais a polícia italiana. Não queria atrapalhar a investigação dela. Mas a mão sobre o sapato... Os dedos estavam fechados formando um punho, com a exceção do indicador. Como se McIntyre estivesse *apontando*.

Com muita delicadeza, Erasmus puxou o sapato para perto de si. Pôs a mão dentro dele e ouviu o barulho de um papel. Ele o tirou de lá. Por um bom tempo, não viu sentido no que estava escrito, porque simplesmente não fazia sentido algum.

Uma lista de cidades. Depois, anotações aleatórias feitas a lápis. Leu as palavras *Guardiões e Pompeia.*

Ouviu barulhos no corredor. Era hora de ir embora.

Guardou o papel no bolso secreto na parte interna de sua jaqueta de motociclista. Pôs-se em pé rapidamente, pronto para sair. Seu olhar se demorou sobre McIntyre.

Não, não... Agora não é hora para tristeza!

Afastou a emoção que se aproximava e colocou os óculos escuros.

— Adeus, meu velho amigo — murmurou. — Descanse em paz. — Sua voz tremeu, e por fim ele deixou as lágrimas caírem.

* * *

Dan afundou novamente nos paralelepípedos, a cabeça entre os joelhos. Ele não tinha contado a verdade a Amy. Estava mais que abalado. Sua cabeça doía terrivelmente.

Ele podia ouvir a vez de Amy explicando, falando, prometendo a Jake que eles iriam encontrar Atticus, que ela morreria antes de deixar que qualquer coisa acontecesse com ele. Jake dava a impressão de ter sido atropelado e de estar prestes a desabar.

O dia clareava aos poucos, as áreas negras se transformavam em áreas cinzentas. Eles iriam receber uma ligação ou uma mensagem de texto informando-os de mais uma morte.

Atticus.

Vesper Um estivera ali. Ele tinha pegado o mapa e *Il milione*. Se Dan tivesse se virado, poderia tê-lo visto.

Agora o soro era a única coisa que poderia ajudá-lo. A única coisa que poderia combater tudo aquilo era o poder. Mais poder do que o mundo jamais tinha visto.

Dan sentiu o celular vibrar no bolso. Não queria ver as perguntas de Attleboro. Não queria responder.

Tirou o aparelho do bolso. O número estava bloqueado.

Suspendam julgamento. A história inteira é sempre mais complexa que suas partes. Aguardem. AJT

Dan quase deixou o telefone cair. Releu a mensagem. Esticou a mão e tocou as letras *AJT*.

Arthur Josiah Trent.

O que ele tanto ansiara desde que se conhecia por gente tinha acontecido. Ele havia recebido um sinal.

Seu pai estava vivo.